



COOPERATIVISMO PRECISA ENCONTRAR O SEU MODELO NA ECONOMIA BRASILEIRA



O que o cooperativismo precisa fazer por si mesmo? A política econômica brasileira leva em consideração os problemas; os êxitos, acertos e desacertos do sistema? Quem mais tem se beneficiado com a expansão do cooperativismo de produção no País: o produtor associado, o comércio, a indústria? O cooperativismo de produção tem promovido em nosso meio empreendimentos de ordem pública, como suplementação em áreas carentes.

Até que ponto o grande público e o próprio associado de nossas cooperativas está conscientizado dessa realidade? As cooperativas pagam todos os impostos, indistintamente. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, inclusive algumas

pessoas em cargos públicos de responsabilidade, a contribuição do associado de nossas cooperativas chega a todas as rubricas do fisco nacional. Acompanhe esses raciocínios e muito mais ainda, lendo a entrevista que fizemos com o dr. Ruben Ilgenfritz da Silva. Das páginas 4 a 9 da presente edição, o diretor-presidente da COTRIJUI analisa o momento econômico brasileiro a partir de um enfoque eminentemente cooperativista, e faz ainda considerações que transcendem a área da economia primária para se fixar em considerações de caráter econômico-social geral. Leia a entrevista a partir da página 4 e os editoriais à página 3.

O JORNAL DE COOPERATIVA. O QUE É E PARA QUEM É FEITO. SUA FILOSOFIA.

Página 11

OS ANIMAIS, COMPANHEIROS DO HOMEM, TÊM OS SEUS DIREITOS. VEJA QUAIS SÃO.

Página 12

SOTAQUE, MÃOS CALEJADAS E DISPOSIÇÃO PARA TRABALHAR: OS VELHOS NA AGRICULTURA.

Páginas centrais

NO SEMINÁRIO DE PRODUTORES, A PERGUNTA DOS PEQUENOS: POR QUÊ OS INTERMEDIÁRIOS?

Página 16

NO FUTURO O HOMEM VAI RECLAMAR DIREITOS. A SAÍDA ESTÁ NA TECNOLOGIA

Página 19

MECÂNICAS DE FINANCIAMENTO PARA CUSTEIO DE LAVOURA. ORIENTAÇÃO DO BC E COTRIJUI.

Página 24

COMO UTILIZAR A ENSILAGEM PARA CONSERVAR FORRAGENS E PRODUZIR MAIS LEITE E CARNE

Página 26



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva, - Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarello, Flávio Sperotto e Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Bruno Eisele, Antonio Cândido da Silva Netto, Olympio Belline.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Cláudio Kohler, Leonides Dallabrida, Telmo Rovero Ros.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 16.500 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação Brasileira de Cooperativismo

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável - RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa

João Roberto Vasconcellos

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

UMA EXPRESSÃO EM JORNALISMO

O diretor-presidente da COTRIJUI recebeu de seu colega da F.F.C.S.O. (Fédération Française des Coopératives de Stockage d'Oléagineux), J. Gaudinat, a seguinte correspondência:

"Presidente Ruben Ilgenfritz da Silva. Saudações. Após a visita que lhe fizemos em março de 1976, tivemos o prazer de sermos agraciados com sua extrema gentileza ao enviar-nos o COTRIJORNAL.

Devo salientar que esse jornal é uma excelente resenha noticiosa, permitindo-nos uma visão bastante ampla dos problemas de nossos colegas brasileiros, agricultores e cooperativados.

Desejo felicitar-lhe pela ótima qualidade de informações que é dada aos seus leitores. O COTRIJORNAL pode ser qualificado como a expressão do jornalismo cooperativo, abordando sempre os principais problemas locais e mundiais, além de preocupar-se com cultura geral.

É, portanto, com o mais vivo interesse que leio este jornal para estar sempre atualizado com as notícias da grande família cooperativista que formamos.

Receba, sr. presidente, com a expressão de meus sentimentos, os meus cumprimentos. J. Gaudinat, presidente da F.F.C.S.O., 4, rue Saint Roch - 75001 - Paris.

EVOLUÇÃO DO NOSSO COOPERATIVISMO

Senhor Diretor: Sou brasileiro e estudioso de questões gerais do cooperativismo em particular e da cooperação no domínio agrícola.

Neste momento estou frequentando o "Centre de Recherches Coopératives - College", em Paris. Antes, viajei três anos pela África.

Posto que estes meus anos de ausência do Brasil, acrescidos com os de estudos que faço no momento, encontro-me com certa dificuldade em acompanhar a evolução do movimento cooperativista brasileiro. Por essa razão, tomo a liberdade de dirigir-me em vosso

nome ao COTRIJORNAL, solicitando a amabilidade de recebê-lo com regularidade, se possível. Atenciosamente, Carlos Lana, 55, rue des Hautes Bievres - 92160 - Antony, França.

INSETICIDAS CLORADOS

Senhor Redator-Chefe: Comparecemos a presença de V.S. para consignar a objetividade, ponderação e imparcialidade com que o eng. agr. Luiz Volney Matos Viau abordou o tema, "Inseticidas Clorados: uma difícil questão", em artigo publicado no COTRIJORNAL, edição de fevereiro deste ano.

Apoiamos e endossamos seu enfoque relativo a questão do uso, só com a citação muito feliz de Barry Commoner: A grande questão não é se devemos usar os novos conhecimentos que adquirimos, mas como usá-los? E também as palavras de Volney Viau, quando diz que o objetivo deverá ser de conscientização de produtos através do treinamento e da educação, para que se tenha condições de avaliar os danos que uma substância química pode provocar quando mal empregada. Atenciosamente, eng. agr. Lysis Aloé, diretor-executivo da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (Andef), São Paulo.

EMATER, PIAUI

Prezado Editor: Tendo em vista a necessidade de mantermos sempre bem informadas as nossas cooperativas, vimos solicitar de V.S. a inclusão desta Gerência no rol dos beneficiados do conceituado COTRIJORNAL, enviando-nos 10 exemplares por cada edição.

Na certeza de obtermos sua compreensão, reiteramos nossos protestos de apreço e consideração. Atenciosamente, eng. agr. José Alcino Barroso, gerente de comunicação e metodologia da EMATER-PI.

ESTAÇÃO DE ITAJAI

Senhor Editor: Vimos solicitar sua atenção para incluir a Estação Experimental de Itajai para receber o COTRIJORNAL.

Apesar de estar iniciando suas atividades de pesquisa, esta Unidade já conta com um apreciável corpo técnico. Para esses técnicos, todas as notícias, comentários e artigos do COTRIJORNAL são do maior interesse cultural. Atenciosamente, Carlos P. Vetterle, pesquisador. Estação Experimental de Itajai, vinculada a EMPASC - Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária.

EXTENSÃO DO PARÁ

Senhor Presidente da COTRIJUI: A Gerência do Projeto Cooperativismo desta EMATER-PARÁ, necessita de melhores informações sobre organização de grupos de produtores. Dirigimo-nos à EMATER, em Brasília, para que nos fornecesse as referidas informações e a mesma nos orientou para que entrássemos em contato com a COTRIJUI, que poderia nos fornecer informações, além de nos oferecer o COTRIJORNAL, inclusive com números atrasados. Contando com a costumeira atenção de V. S., subscrevemo-nos atenciosamente. Eng. agr. Mauro Farias Gato, Núcleo de Informação e Documentação - EMATER-PARÁ.

ESTUDANTE, PELOTAS

Prezado Editor: Através de um amigo tive a oportunidade de ler um exemplar do COTRIJORNAL. Sou estudante de agronomia e gostaria de recebê-lo sempre. Desejo que me informe como poderei obter uma assinatura. Atenciosamente, Ernildo Rowe, rua Andrade Neves, 1290, apt. 510, Pelotas.

FAÇO COLEÇÃO

Senhor Diretor: Dirijome a V.S. com a finalidade de expressar a minha estima e admiração pela importância dos assuntos publicados no COTRIJORNAL, principalmente para nós jovens estudantes do meio rural, semi-carentes de material de leitura que englobe a técnica com a cultura geral. Dada a variedade dos assuntos, o COTRIJORNAL constitui-se em excelente fonte de pesquisa permanente. Por

isso, passei a colecioná-lo. Cordialmente, Guido Lang. Boa Vista - 95890 - Estrela, RS.

BIBLIOTECA DA EMATER EM PERNAMBUCO

Senhor Diretor: Solicitamos informações de V.S. sobre a possibilidade do envio para a nossa biblioteca, do COTRIJORNAL. Esperando contar com essa valiosa colaboração, antecipadamente agradecemos. Atenciosamente, Antonio Santiago Pessoa, diretor-presidente EMATER, Pernambuco.

CONTEÚDO PEDAGÓGICO

Senhor Diretor: Há dias tomei conhecimento do COTRIJORNAL e fiquei impressionado com o seu conteúdo técnico e cultural-pedagógico, isto é, voltado para a educação e conscientização popular.

Solicito, se possível, a inclusão de meu nome como assinante, pelo que já agradeço. Cordialmente, Pedro Canfísio Spies, rua Cristóvão Meinertz, 129, Santa Rosa, RS.

DIVERSIDADE DE ASSUNTOS

Prezado Editor: Sou estudante de agronomia. Por intermédio de um amigo li o exemplar do mês de agosto do COTRIJORNAL. Impressionou-me, sobretudo, a diversidade dos assuntos abordados, todos de alto nível.

Tendo em vista o exposto, solicito a inclusão de meu nome entre os assinantes desse excelente jornal. Atenciosamente, Mário Luis Pasquotto, rua Silva Jardim, 157, Santa Maria, RS.

NOTAS DA REDAÇÃO - Agradecemos as referências do sr. J. Gaudinat, levadas ao conhecimento do nosso presidente. Todos os pedidos feitos estão sendo atendidos, numa oferta da COTRIJUI. Sr. Carlos P. Viero, estudante de agronomia, em Santa Maria: seu nome também foi incluído.



A INFLAÇÃO BRASILEIRA E A TERRÍVEL CULPA DOS AGRICULTORES

O Brasil mantém uma indústria automobilística elitista e variada em modelos, que são trocados a cada ano. Essa indústria é, em sua totalidade, pertencente a corporações estrangeiras. Sendo uma linha elitista e diversa, exige uma indústria de auto-peças e componentes em geral, muito variada. Basta dizer que só um dos componentes, a tinta automotiva, por exemplo, é produzida em torno de 500 cores diferentes.

A indústria químico-farmacêutica no Brasil pertence a grupos estrangeiros na proporção de mais de 90 por cento. E chega a ser impressionante a variedade de medicamentos que são lançados nas drogarias. Dezenas de laboratórios produzem drogas similares e as embalam em invólucros de alto luxo, chegando a caracterizar um verdadeiro deboche aos pacientes usuários, que são forçados a pagar até o requinte artístico de um capitalismo que já perdeu até o senso dos quocientes do valor.

O cidadão brasileiro acorda pela manhã e começa a pagar "royaltie" (*). Faz a barba com aparelho elétrico ou usa lâminas de multinacional. Escova os dentes e a pasta dentifrícia é de multinacional. O sabonete, o desodorante, também. Ele toma café e continua pagando "royaltie". O pão, cujo trigo é importado em sua maior parte; o leite, se for em pó; os embutidos, a margarina, os produtos concentrados a base de aminoácidos. Ai o cidadão entra no carro, que tanto pode ser um modelo Volkswagen como um Galaxie tipo "ocupa quarteirão", sempre pagando "royaltie". Chega no escritório e começa a trabalhar. A máquina de escrever, a calculadora eletrônica, o tapete, as luminárias, os motivos de decoração, o telefone, o radinho de pilha, o aparelho que chama a secretária e até o lápis que usa para rascu-

nhar os esboços de correspondência, tudo paga "royaltie".

Talvez o cidadão não tenha consciência disso, e nem pretende saber, pois ele deixou seu flamante Galaxie no estacionamento da esquina: é um grande consumidor. Pede à secretária que mande lhe servir um café e continua pagando "royaltie" pois o produto servido é concentrado. Ele está preocupado com a aparência, não quer engordar. Então, em vez de açúcar, usa adoçante artificial, e paga "royaltie".

O cidadão tinha ido à boate na noite anterior. Tinha tomado uísque e naturalmente pagara "royaltie". Ouvira música importada e pagara "royalties". Agora mesmo, ao acender um cigarro, continuava pagando mais "royalties".

É claro, o cidadão não tinha nenhuma consciência disso tudo. Tanto não tinha qualquer noção de toda essa estória de "royalties", que quando pousou os olhos no jornal aberto sobre a mesa, mal pode conter um sinal de revolta. A manchete do jornal dizia, com todas as letras: "A causa da inflação brasileira é a agricultura".

É. Não ficava nenhuma dúvida. Ali estava a causa de todos os nossos males. E quem dizia, do alto da sua autoridade, era o próprio Ministro da Fazenda.

No interior de Ijuí, o agricultor Constante Carpenedo também lê o jornal que destaca a manchete da "culpa". E tanto quanto o empresário da cidade, ele não tem resposta para o fenômeno. Pensativo, picou seu fuminho de corda, enrolou numa palha de milho, pegou a enxada e se dirigiu para a lavoura pois a capina estava atrasada...

(*) ROYALTIE. Economia política. Gravame, imposto, que um país paga para outro a fim de usar marca.

A partir da página quatro da presente edição, estamos dando destaque a uma entrevista feita com o diretor-presidente da COTRIJUI. São seis páginas de texto, que além de identificar um pensamento a nível eminentemente cooperativista, mostram também alguns dos principais problemas que o setor enfrenta.

A leitura atenta das declarações de Ruben Ilgenfritz da Silva mostrará ao observador, que não temos no País não só uma política cooperativista, mas sequer uma política que vise a agropecuária. E esta, a agropecuária, continua sendo o suporte principal da economia brasileira, tanto do ponto-de-vista de renda interna como também a nível de mercado internacional. O caso da carne é típico do despreparo nacional para interpretar, equacionar e executar a economia do País.

Basta dizer que o País investiu durante três anos, estabelecendo uma infraestrutura de exportação de carne verde. Alguns frigoríficos, até sofisticados, foram construídos. Mas, esquecido o campo, estamos hoje importando carne para consumo interno.

Outro detalhe que chamamos a atenção dos leitores, é com relação a política portuária. É que, enquanto a COTRIJUI possui em Rio Grande um amplo Terminal (e também o DEPREC tem um) para grãos sólidos, a PORTOBRÁS também constrói o seu, ainda maior. Quer dizer,

enquanto alguns setores vitais são privados de recursos ou só os obtêm a juros muito altos, se fazem investimentos paralelos em áreas já perfeitamente supridas.

O presidente manifesta ainda a sua preocupação em face da falta de recursos financeiros que travam o desenvolvimento do sistema. Ele acha que enquanto o cooperativismo não dispuser de recursos financeiros próprios, ele não será dono de seu destino. Dai surge a idéia manifesta de que qualifica como Estrutura de Poder. Questiona-se, se por acaso a COTRIJUI não tivesse crescido, se modernizado e equipado, em termos de armazenamento, transporte e comercialização, se ela não teria desaparecido na voragem da ação dos intermediários e das multinacionais.

Em outro trecho da reportagem, frisa que ao contrário do que alguns pensam, muito erroneamente, as cooperativas pagam todos os impostos. E pergunta se já não será chegada a hora do produtor mesmo passar a comercializar seus produtos. Com isso, ratifica uma antiga tese que "submete os riscos da comercialização a quem já enfrentou os riscos da produção".

Ao finalizar, fala sobre a atuação da COTRIJUI no Mato Grosso e os primeiros passos dados na região Amazônica.

Sem dúvida, um pensamento claro e objetivo, sólido e consistente, manifestado pelo presidente da COTRIJUI.

O PRESIDENTE DA COTRIJUI QUER UM COOPERATIVISMO DONO DE SEU DESTINO

COOPERATIVISMO PRECISA ENCONTRAR O SEU MODELO NA ECONOMIA BRASILEIRA



Cooperativismo se fortalece na proporção em que o associado se conscientiza de seus problemas.

O presidente da COTRIJUI Ruben Ilgenfritz da Silva, tem sido ouvido pelos maiores e mais representativos órgãos de comunicação brasileiros. Jornais, revistas e emissoras de rádio e de televisão têm destacado seus pronunciamentos e mostrado os avanços setoriais e globais da cooperativa, até com bastante assiduidade. O COTRIJORNAL, que apesar de já estar vivendo o sexto ano de existência ainda não tinha conseguido ouvir seu presidente, destaca nesta 55ª edição seu posicionamento em face do momento sócio-econômico que vivemos, tendo em vista o cooperativismo em toda a sua essência, quer seja na produção, na comercialização, na pesquisa, na área assistencial, enfim, em todos os parâmetros que o sistema pode intervir, de maneira salutar e benéfica para o País. Na foto aparece o dr. Ruben com o editor, na redação do COTRIJORNAL, no momento em que iniciava a gravação de seu pronunciamento.

NÃO SE PODE COLOCAR SÓ NAS COSTAS DO PRODUTOR A MISSÃO DE PRODUZIR

COTRIJORNAL: Dr. Ruben. Quando da visita feita a Ijuí pelo general João Baptista Figueiredo, entre outras coisas, o senhor ressaltou que se faz necessária a revisão de programas de investimentos em áreas fundamentais da produção primária, com agilização no provimento de recursos básicos e a custos financeiros compatíveis. Acharmos que esse seria um bom tema para começar esta entrevista.

Dr. RUBEN: Realmente, quando da visita do general Figueiredo à Ijuí, levantou-se alguns assuntos que nós achamos que são fundamentais, em busca de um desenvolvimento do processo de produção e da plena viabilização dele. E na ocasião, me parece que um dos temas enfocados era justamente a nossa capacidade de competitividade de mercado internacional a nível de alguns produtos, mais especificamente o caso da soja. Lembrávamos, na ocasião, que não se pode simplesmente transferir a nível de produtor, a responsabilidade dessa capacidade de produção. Nós certamente não poderemos resolver os nossos problemas de custos competitivos só através de um processo de produtividade. Há necessidade de se fazer investimentos, principalmente em termos de infra-estrutura e de uma forma especial, na área de transportes. E mais uma vez lembrávamos aquele trabalho que o COTRIJORNAL vem realizando quase que desde o

seu início, que é a ligação Ibi-cui-Jacuí, sem dúvida nenhuma, o caminho mais adequado para buscar uma solução para o problema. E também comentávamos o problema das ligações ferroviárias, lembrando inclusive que hoje com a conclusão da estrada Passo Fundo-Porto Alegre, haveria necessidade de buscar uma ligação de Porto Alegre a Rio Grande.

Nos parece que realmente na área de exportação, onde chamamos a atenção para o caso da soja (e certamente haveria outros produtos com perspectiva para mercado internacional, como o milho), é certo que não podemos perder de vista a necessidade de participação do setor primário na contribuição da formação da balança de pagamentos. Por outro lado, é evidente que há uma preocupação em relação a viabilização do produtor em si. E considerando esse aspecto e principalmente o problema da infra-estrutura agrária da região onde atua uma cooperativa como a COTRIJUI, onde a grande disponibilidade que se tem hoje é de mão-de-obra e não de terra, em relação à infra-estrutura agrária vigente, é certo que nós temos que nos preocupar profundamente em termos de culturas que se adaptem à esses tipos de propriedades, que da mesma forma são culturas que terão a base de atividade vinculada ao mercado interno, evitando uma série de distorções importação de determinados produtos.

PAIS PASSA DE EXPORTADOR A IMPORTADOR DE PRODUTOS NUM JOGO DE "CABRA-CEGA"

COTRIJORNAL: O Brasil é um dos maiores exportadores de alimentos do mundo. Em anos de boas safras, só fica

atrás dos Estados Unidos. Então por que temos que comer carne uruguaia, cebola chilena,

feijão do México, milho dos Estados Unidos e as vezes até amendoim do Paraguai?

Dr. RUBEN: Em primeiro lugar, digamos que o produtor em si tem tido uma participação muito pequena dentro do processo de decisão de uma programação de sua atividade. E entendo que houve muitas fases onde as decisões tiveram algumas características até muito emotivas. Nós temos nessa atividade o exemplo do próprio setor de carnes, onde de exportador num determinado momento, e à prazo bastante curto — três anos — se passou a ter uma característica de mercado importador. Nesse ano, para atender razoavelmente as necessidades de demanda do mercado interno, teríamos uma importação de aproximadamente 10 por cento em relação à nossa produção global, ou seja, da ordem de mais de 200 mil toneladas de carne. Isso dito alguns anos atrás, poderia ser considerado um verdadeiro absurdo, mas o fato vem ocorrendo. Entendo então, que um dos problemas fundamentais dentro do processo todo, é que nós produtores devemos ter partici-

pação mais ativa na formação do mesmo processo, buscando uma consciência mais profunda da nossa realidade, em termos de evitar que haja essa distorção, de importação constante de produtos dos quais temos possibilidades totais de produzir. Aliás, hoje se comenta muito um programa global do setor agrícola. Mas há que se considerar que um programa global para o setor, é quase que um propósito de uma nação, de um povo, é algo que não se pode vincular a uma determinada área, ou determinado Ministério. Agora mesmo se enfrenta dificuldades seríssimas na formação das lavouras mais tradicionais (o próprio caso da soja) porque o preço mínimo que não está adequado, porque há uma política de crédito agrícola que entendemos que deve ser conduzida paulatinamente, de forma ao produtor também poder investir nessa política; jogar um pouco dos seus recursos. Mas da maneira como está sendo conduzida, bastante radicalizada de um momento para outro, vem criando distorções bastante profundas dentro da condição do processo em si.

profissionais que compõem o mundo que nós vivemos. E não será através de uma maior aproximação do produtor com o consumidor, que nós estaremos encontrando os caminhos mais adequados na busca de conduzir o nosso processo de produção? Não será esse o caminho já mostrado por outros tipos de atividades já desenvolvidas por nós? Nós começamos a aprender a produzir, a partir do momento em que começamos a comercializar. Esse é o caso típico da soja, do milho, e que está ocorrendo hoje no setor de hortifrutigranjeiros que a COTRIJUI começa a desenvolver, onde a preocupação é saber o que o consumidor precisa. Por isso entendemos que hoje precisaríamos abrir canais, para dar condições e oportunidade a que o consumidor também par-

ticipar do processo. Entendemos inclusive que não está nisso uma resposta às críticas que são feitas ao sistema, o processo histórico do próprio sistema em si. Ele não pode ficar enclausurado, ser estanque. Tem que buscar novos caminhos. E se hoje nós todos estamos preocupados com o aumento do custo de vida, com as dificuldades de levar à mesa da grande maioria de brasileiros o mínimo da sua necessidade, porque não usar o sistema cooperativista na busca desse caminho? Entendemos que esse é o caminho a perseguir e certamente os governos, preocupados com esse tipo de problema, darão ao cooperativismo não a permissão — não é esse o enfoque — mas nos darão os instrumentos necessários para alcançar esse objetivo.

atender os compromissos assumidos. E temos sentido que há casos de empresas que se criaram no Rio Grande do Sul, de profissionais liberais. Imaginaram que poderiam somar as suas poupanças e investir numa atividade industrial. E não tiveram sucesso, porque abandonaram esse objetivo pois encontraram através de um sistema de poupança, de uma remuneração fora das nossas possibilidades, e voltaram a ser homens que investem na área da poupança. E o que tem o sistema cooperativista de apoio em relação a seus financiamentos. Justiça se faça, temos algumas linhas de crédito discriminadas pelo Banco Central, operadas principalmente por alguns bancos oficiais — de forma especial Banco do Brasil — onde se proporciona capital de giro para as cooperativas através da integralização de cotas parte. Mas não chega a ser uma atividade rotineira, uma fórmula onde as cooperativas possam ter a tranquilidade necessária para poder atender os seus objetivos. E neste momento as dificuldades de capital próprio do sistema cooperativista é de preocupar. Basta dizer que todas as cooperativas hoje discutem com seus associados, caminhos, mecânicas, fórmulas de se procurar capitalizar. Inclusive acho que hoje deveria se criar linhas mais adequadas de financiamento para formação de capital dentro das cooperativas, porque sem esse recurso elas encontrarão muita dificuldade para atingir seus objetivos.

NÃO É CHEGADA A HORA DE ENTROSAR PRODUTOR COM O CONSUMIDOR?

COTRIJORNAL: De vez em quando surgem os ataques ao sistema cooperativista. Esses ataques têm o objetivo de desvirtuar a opinião pública de uma realidade incontestável: a de que o cooperativismo é hoje o único meio possível de unirmos o social e o econômico. Até que ponto as autoridades nacionais, principalmente as da área financeira, poderiam se deixar levar por esses argumentos contrários?

Dr. RUBEN: Entendo que há toda uma campanha, uma colocação que certamente mostra interesses feridos, mostrando com isso que o cooperativismo começa a cumprir as suas funções, embora ele esteja ainda na sua fase inicial. Hoje, as cooperativas têm uma atividade mais desenvolvida no setor de produção — que é o caso específico das cooperativas tríficas do estado do Rio Grande do Sul; as cooperativas das demais áreas, como o consumo, praticamente desapareceram, ou diminuíram muito em expressão. E é evidente que toda essa movimentação que se faz em relação ao cooperativismo, poderá ter seus reflexos através

de medidas no sentido de criar algumas dificuldades para o desenvolvimento do próprio sistema. Mais uma vez eu diria que isso depende muito da participação do próprio sistema em si, não como auto-defesa, porque entendo que não temos do que nos defender, pelo contrário. Mas como um posicionamento de esclarecimento à opinião pública em relação ao que realizam as cooperativas, seus propósitos e ainda o que elas têm a realizar.

De forma especial, é chegado o momento de nós, produtores, nos perguntarmos, realizarmos uma auto-crítica em relação ao trabalho que estamos realizando, e em especial perguntar se não é chegada a hora de nos aproximarmos mais do consumidor, de buscarmos um entrosamento maior entre cooperativas de produção e o consumidor. Inclusive, procurando abrir mais adequadamente as nossas estruturas de consumo, não só aos nossos associados, mas também ao grande público. Também aos operários. Também aos profissionais liberais e às mais diversas classes ou atividades

COTRIJORNAL: Sabe-se que as cooperativas, principalmente as da área agrícola, organizam-se na base do entusiasmo, porque no geral seus organizadores não dispõem de recursos financeiros. Esse mal está sendo sanado ou não? O governo está consciente dessa realidade? Até que ponto se poderia contar com ele para melhorar o fluxo financeiro das cooperativas?

Dr. RUBEN: O problema de falta de recursos no sistema cooperativista preocupa muito, e entendemos que nesse diálogo que estamos mantendo com o COTRIJORNAL, iremos certamente analisar de forma mais específica esse assunto. É verdade que não há hoje instrumentos reais em termos de capitalização do sistema. E é certo que todas as iniciativas do cooperativismo foram iniciativas que partiram sempre de grupos de pioneiros, pessoas que acreditam num trabalho comunitário, no associativismo. Mas também é certo que o movimento não poderá ser conduzido simplesmente com essas características de doação pessoal. Temos que ser inseridos dentro de uma situação em que vivemos, e vivemos num regime capitalista, onde é fundamental o recurso, o dinheiro. Precisa ter capital para giro, capital para investimento e onde se precisa remunerar de forma adequada as pessoas ou os produtos que participam desse processo em si. É certo que produtor algum irá participar de um movimento cooperativista se esse

movimento não lhe der capacidade competitiva, se não lhe der o lucro, em última instância, que é o que buscamos dentro da atividade do modelo econômico em que vivemos. Nessa área encontramos alguns problemas bastante sérios, que em determinadas situações, se o produtor fosse raciocinar como monetarista — e esse é o nosso receio, de que as coisas sejam conduzidas para esse caminho — esse produtor poderia até admitir que seria muito mais vantajoso, investir os seus recursos no mercado financeiro do que investir esses recursos em termos de produção.

COTRIJORNAL: Só que num caso desses o país iria à falência em pouco tempo, porque se o agricultor não produzisse, evidentemente o país entraria num bôco sem saída, e o próprio capital perderia sua substância. Não havendo Produto Nacional Bruto (PNB), proporcionado pela produção da terra em sua maior proporção, o capital não teria como auto-remunerar-se.

Dr. RUBEN: Mas nós temos alguns exemplos que mostram que há uma distorção muito grande em relação a isso. Hoje talvez se busque através de uma política de poupança, e não entendemos a quem essa política beneficiou — uma vez que essas poupanças seriam destinadas basicamente para habitação — e hoje vemos que as habitações são construídas, habitadas e depois seus habitantes são convidados a devolver as casas por não conseguir

CAPITAL É A GRANDE E IMEDIATA NECESSIDADE

COTRIJORNAL: Na área de prestação de serviços, a COTRIJUI, com a construção do Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto" em Rio Grande, praticamente deixou o Rio Grande do Sul com capacidade de armazenamento e carga ociosa na área portuária. No entanto, a PORTOBRÁS está construindo um outro terminal, de grandes proporções, ao lado do da COTRIJUI.

Dr. RUBEN: O movimento não se lamenta da sua participação na área de serviços. Até nós, de uma forma especial, entendemos que nós produtores superamos já uma fase, e de uma forma especial a nossa cooperativa, aquela fase meramente panfletária, meramente da reivindicação, do memorial e da coleta de assinaturas, e passamos a ter uma atividade muito mais participativa na solução de problemas. O próprio terminal de Rio Grande é uma consequência desse processo. Não foi um início, mas uma das etapas do processo em si. Outras

adivão. O caso do Terminal de Rio Grande nasceu de uma infra-estrutura que as cooperativas criaram na armazenagem. Numa primeira etapa abandonando o uso da sacaria. Portanto não é por acaso que essas coisas surgiram. É um grau de consciência, de amadurecimento, aquilo que vimos de início. Que um processo produtivo não é problema de um ministério mas de um propósito de governo. Então, o terminal nasceu em função do desuso da sacaria e da criação dos armazéns graneleiros, quando se superou a fase do silo vertical, caro, tecnologia importada, cara e demorada. Certamente teríamos problemas seríssimos se não tivéssemos coragem e tecnologia. E realmente se fez o trabalho. Criado o armazém graneleiro, passamos a ter dificuldades no transporte do produto a granel. Foi a fase do convênio com a Rede Ferroviária que os associados lembram. Através da análise desses fatos todos e da participação da própria cooperativa em relação ao processo de exportação em área portuária, que nasceu o Terminal em Rio Grande. E hoje o Terminal "Luiz Fogliatto" poderia, com alguns poucos investimentos, atender totalmente as necessidades de escoamento da produção do Estado. Porque havemos de considerar que algumas coisas modificaram de 1970 para cá. Em primeiro lugar, os nossos excedentes de produto in natura, tanto o caso do trigo como o da soja, tem um posicionamento bem diverso. No trigo, infelizmente as

condições climáticas fizeram com que nos últimos anos a área fosse bastante reduzida. E mesmo que o trigo se mantenha numa posição ainda razoável de manutenção de área, o próprio aumento do consumo interno de trigo, que tem sido vertiginoso, demanda um excedente de produto exportável de significação bem menor. E além disso é produto para mercado interno e algumas outras características de transporte que não necessitam só o transporte marítimo. Temos hoje franca possibilidade de escoar trigo, no Estado, por ferrovias, atendendo necessidades principalmente do estado de Santa Catarina e do próprio Paraná, embora este seja produtor. Na área da soja, mudou o panorama. Hoje, a capacidade instalada para moagem da soja determina que os excedentes exportáveis de grão in natura, sejam bem menores. Portanto, desapareceu aquela concentração de volumes de carga ocasionada em períodos de entre-safra em relação a produção americana, ou seja, carregamentos em maio, junho, julho e agosto. Há ainda, evidentemente, um volume de exportação nesse período, mas em proporções bem menores em relação à disponibilidade de infra-estrutura portuária já montada, não só pelo terminal da COTRIJUI existente em Rio Grande, mas por outras obras que se cresceram na própria área portuária durante esse período. E hoje, o grande volume de produção exportável é farelo de soja, produto que se opera o ano inteiro.

Então há um processo de escoamento muito mais distribuído, mais racional em relação ao transporte e escoamento da produção. É evidente que talvez fosse necessário — a nível de uma tranquilidade absoluta — se fazer alguns investimentos, mas em termos de armazenagem na área portuária, o que poderia ser feito dentro da área da própria COTRIJUI. Conforme comentávamos durante a visita do general Figueiredo à Ijuí, as instalações que hoje a PORTOBRÁS realiza em Rio Grande, com toda a consideração que nos merece a PORTOBRÁS, entendemos que esses investimentos poderiam ser canalizados em outras áreas que alcançariam resultados muito mais significativos, principalmente se esses recursos fossem investidos no escoamento da nossa produção nos portos; construção de estradas de ferro; recursos para melhorar a navegação fluvial. Porque o problema todo está se situando entre a nossa capacidade competitiva, muito vinculada aos nossos custos internos. Mesmo na COTRIJUI, estamos fazendo uma importação este ano através de uma operação de "draw-back", que é importar matéria-prima, industrializar, e reexportar de novo. Estamos trazendo soja dos Estados Unidos com navio auto-descarga, razoavelmente sofisticado, de padrão não convencional por 14 dólares a tonelada. Em um navio mais convencional custaria 11 dólares por tonelada transportada. O nosso custo interno de transporte para levar a produção até o porto, anda em torno de 16 dólares por tonelada, nesta safra. Entendemos então que se deveria evitar investimentos que não fossem altamente produtivos. A nossa economia não permite esse tipo de investimentos, embora possa se admitir em termos de previsão.

Mas até que ponto poderemos suportar a criação de uma infra-estrutura ideal em termos de um alto grau de sofisticação na área de — por exemplo — terminais portuários? Temos aqui outro caso típico de problema dentro da área de investimentos, que é o próprio terminal de carnes. Dois terminais de carne em Rio Grande completamente ociosos, pois deixamos de ser exportadores de carne. E se voltarmos a exportador, buscaremos outros tipos de produto, industrializados, e não mais de carne congelada como se vinha fazendo até então. Parece-nos, portanto, que alguma coisa está faltando para haver uma coordenação, uma definição de

prioridade de investimentos na área portuária. Evidente que as instalações que estão programadas para Rio Grande são de alto nível tecnológico, bastante sofisticadas, com segurança muito grande em termos de escoamento de produção. Mas entendemos que seria preferível termos alguns problemas portuários — se é que isso pudesse ocorrer — mas não tivéssemos o tremendo peso dos custos internos que nós pagamos para levar o nosso produto até os terminais. E isso inviabiliza tudo. À medida que não remunera o produtor — já descapitalizado — num país sem perspectivas de competir, de que adianta nós termos obras maravilhosas, de alta tecnologia, quando ainda não temos o meio de ligação suficientemente desenvolvido para poder chegar a esses terminais? A própria COTRIJUI, com recursos bem mais modestos, poderia assegurar o escoamento desse produto.

COTRIJORNAL: Expansão da COTRIJUI continua sendo palavra de ordem, junto à capitalização, estrutura do poder e diversificação? O que o sr. teria a dizer para o COTRIJORNAL sobre esses assuntos?

Dr. RUBEN: Temos realizado uma série de reuniões, e os nossos associados já sabem que a COTRIJUI, a partir dessas reuniões — seminários programados — tem buscado assumir de forma definitiva o nosso processo cooperativo. A cooperativa é o produtor. Sempre tenho dito que cooperativa é gente, é recursos humanos. Gente que produz, que comercializa, gente que recebe. A cooperativa tem de um lado o produtor trabalhando a terra e do outro o seu corpo de funcionários, executivos e dirigentes, procurando viabilizar o trabalho do produtor. Realmente, o proces-

so irá para a frente, será sadio e vitorioso, se houver participação das gentes que o compõem. O que hoje a COTRIJUI faz não é propriamente levar para o agricultor só as suas angústias ou preocupação em relação à futuro, como capital, diversificação, expansão e estrutura de poder. O que se pretende é que todos nós assumamos de forma integral o processo cooperativo, que é mais que tudo uma soma de esforços. E certamente essas pessoas começam a assumir compromissos. Não apenas consigo mesmo ou com o grupo que compõem a cooperativa, mas com a própria região onde ela atua e com a nacionalidade onde ela convive. Então, volta aquilo que sempre repetimos. A necessidade de uma maior aproximação com o consumidor. E o que estamos discutindo hoje? Estrutura do poder. Talvez uma denominação que na sua síntese não diga claramente o que imaginamos com estrutura do poder. Para nós, estrutura do poder é realmente buscar o caminho para que a cooperativa seja comandada pelos seus associados, em que as decisões partam do quadro social. E nessa área temos perguntado qual o caminho mais adequado. Prosseguir nas decisões através das assembleias que temos realizado? Alguém poderá dizer que a Assembleia não tem expressão. Que de uma cooperativa com 17 mil associados, apenas mil produtores ou menos participam das Assembleias. E por outro lado, sabemos que não seria possível realizar uma Assembleia com participação de 17 mil associados. Onde, em que local se realizaria essa Assembleia? Qual a capacidade de o produtor participar? E ainda se pergunta: mas a cooperativa cresceu tanto. Será que esse crescimento não está fazendo com que o produtor se afaste da cooperativa?

INVESTIMENTO DA PORTOBRÁS EM RIO GRANDE PODERIA TER APLICAÇÃO EM OUTRO SETOR



A ligação fluvial Ibicui-Jacui, tema levantado nesta fase pelo COTRIJORNAL, viria baratear nossos custos de transportes a nível talvez de competição com os Estados Unidos.

A ESTRUTURA DO PODER O QUE É E POR QUE É?

Agora, se nós não tivéssemos crescido, poderíamos ter alcançado algumas etapas que já alcançamos? Se fossemos uma pequena organização, se a COTRIJUI não fosse formada pelas nove unidades do Estado, mais três do Mato Grosso e o trabalho na Amazônia, será que ela poderia ter a expressão que tem, realizar o trabalho que realiza? Será que disporia do quadro técnico que tem para assistência ao produtor; teria participação em mercado como

está tendo? Poderia manter uma remuneração à nível de todas as outras organizações que atuam no setor de grãos, no caso da soja, e simultaneamente montar a infra-estrutura que ela montou? Quase um milhão de toneladas de armazenagem na região, terminal próprio, indústrias de óleos vegetais, supermercados, lojas, afinal, com todas essas coisas que nós conhecemos? E além desses investimentos todos, remunerar o

produtor ao mesmo nível que remuneram aqueles que praticamente não fizeram nenhum investimento? Em função disso o que importa numa cooperativa? Por que estamos discutindo? Porque a própria cooperativa está se perguntando em termos de estrutura do poder? Não é pelo prazer, querer ser elitista em relação ao próprio sistema em si. O que pretendemos é mostrar que o produtor deve sempre participar do processo, porque essa é a forma de as coisas sempre estarem bem ou pelo menos correndo de acordo com os interesses do corpo associativo. Em termos de estrutura do poder, imaginamos que se tivéssemos capacidade para construir fábricas sem importar tecnologia de ninguém, sem pagar "royalties" ou desenhos industriais, teríamos mais lucro em casa, no país. E lembramos as experiências que já temos. Por exemplo, nós não temos hoje uma série de mini-assembléias sendo desenvolvidas pela cooperativa através dos núcleos de produtores? Não será chegado o momento de nós institucionalizarmos esse mecanismo, buscando a experiência por nós mesmo realizada? Não teria chegado o momento de perguntar se não poderíamos eleger delegados. Depende do nosso desejo, da nossa capacidade de criatividade, do nosso grau de participação e desejo de assumir responsabilidades, encontrar o caminho sem ferir a essência do sistema, que é a participação individual do produtor e a unipessoalidade do sistema. E não temos dúvida nenhuma que vamos encontrar esse caminho. Seja pela eleição de delegados, oficializando a infra-estrutura que se criou, onde o delegado seria um representante específico do núcleo ou lugar em que atua, evitando qualquer tráfico de influência. Também devemos admitir que as pessoas que eventualmente venhamos a delegar poderes, sempre usará

do interesse em função do coletivo, dentro de um processo de amadurecimento que hoje já existe. Entendo que este tema, estrutura do poder, engloba todos os demais. Porque é através da participação dos produtores que nós estaremos definindo os nossos programas de investimentos, o nosso processo de diversificação, enfim, o crescimento da cooperativa.

E é possível — até provável — que surjam tantas outras idéias em relação a isso, que levarão a reformas estatutárias, quem sabe alguma alteração na legislação para se adaptar mais à realidade de hoje. O que não queremos, neste nosso contato com o COTRIJORNAL, é dar nosso posicionamento pessoal como associado, porque entendemos que hoje há uma profunda discussão dentro da área, e isso deverá brotar pela própria participação do produtor, através dessa série de reuniões em realização. É evidente que cabe aos dirigentes levantar alguns problemas. E lembramos os associados, que por ocasião da última assembléia, na apresentação do relatório, se levantava duas questões: estrutura do poder e capitalização. Os outros três itens que têm composto o tema diário das nossas reuniões, mantidas através do nosso convênio com a FIDENE, são o crescimento da cooperativa, a capitalização e a diversificação. Para nós, o crescimento da cooperativa pode ser entendido de muitas maneiras. Desde a sua expansão geográfica até o crescimento da prestação de serviços dentro da cooperativa ao quadro social. Se colocarmos sob dois ângulos: a expansão de área, a expansão geográfica da área COTRIJUI e o crescimento na prestação de serviços, entendemos que no que tange ao primeiro item, a cooperativa já adquiriu uma participação que quase lhe permite hoje uma visão nacional do setor primário.

NOSSO INGRESSO NO MATO GROSSO E NA AMAZÔNIA

A COTRIJUI está no Rio Grande do Sul operando em duas áreas. Na região pioneira e na área sul do Estado, onde existe ainda a característica de pecuária extensiva e uma lavoura altamente especializada e tecnificada que é o caso da lavoura de arroz. E ingressou no Mato Grosso, em região nobre, permitindo ter uma visão de

Brasil Central, no setor de grãos, e certamente, no setor de pecuária, mais cedo ou mais tarde. E ingressa na Amazônia, que é, digamos, ainda o quarto escuro, a janela que está por se abrir. E entendemos que nós produtores devemos estar lá, porque haveremos de conduzir esse processo de forma muito mais adequada do que qualquer

grupo ou interesse estrangeiro que venha para a Amazônia. Então a presença da COTRIJUI em termos de extensão geográfica, no nosso entender, preencheu todas as suas finalidades. Como poderemos programar nossas atividades se não tivermos uma visão do todo? E poderia parecer até absurdo dizer isso hoje, mas talvez ainda falte uma participação fora do país. Uma vinculação maior em algum tipo de atividade, como por exemplo o Mercado Comum Europeu, aproximando-nos mais das cooperativas, caso especial das holandesas, com as quais temos estreita ligação na área de comercialização. Talvez nos falte uma presença mais física lá, como já nos deu a COTRIEXPORT com o nosso pequeno escritório existente junto à Bolsa de Cereais de Chicago. Não é lendo relatórios, dados oficiais, que vamos ter consciência de participação, mas sim vivendo o problema em si. Então, em termos de expansão geográfica, pensamos que cumprimos já o objetivo. O que poderia acontecer seria agregar situações circunstanciais, como alguma fusão ou alguma característica de participação em termos locais. O que precisamos agora é transferir ao quadro social o que já conseguimos em expansão. E isso se fará através de nossos programas de rádio, do jornal, e das reuniões. Há necessidade então da expansão da cooperativa em termos da prestação de serviços, porque ela vem crescendo paulatinamente, e aí entra o processo da diversificação. Devemos ou não devemos diversificar. Deve ou não deve a cooperativa se preocupar? Essa função é primordial dentro da própria cooperativa. Ela tem de se viabilizar a partir da viabilização do quadro social. Quer dizer: cooperativa bem, produtor bem; associado mal, cooperativa, mal. E tivemos algumas etapas nesse sentido. Há dez anos atrás, com a mesma ênfase em que falamos hoje de diversificação, pregávamos o plantio do trigo e da soja em todos os níveis. Mas só errando é que se acerta, e pudemos hoje verificar que não é o caminho financiar um trator para um pequeno produtor. E há dez anos, o produtor se mostrava agradecido porque a cooperativa complementava seus recursos para ele comprar uma máquina. E muitas vezes esse trator significou não apenas a perda do próprio trator, mas de sua terra e a vinda para a cidade e sua marginalização, não só no processo produtivo mas principalmente na sua participação social. Ven-

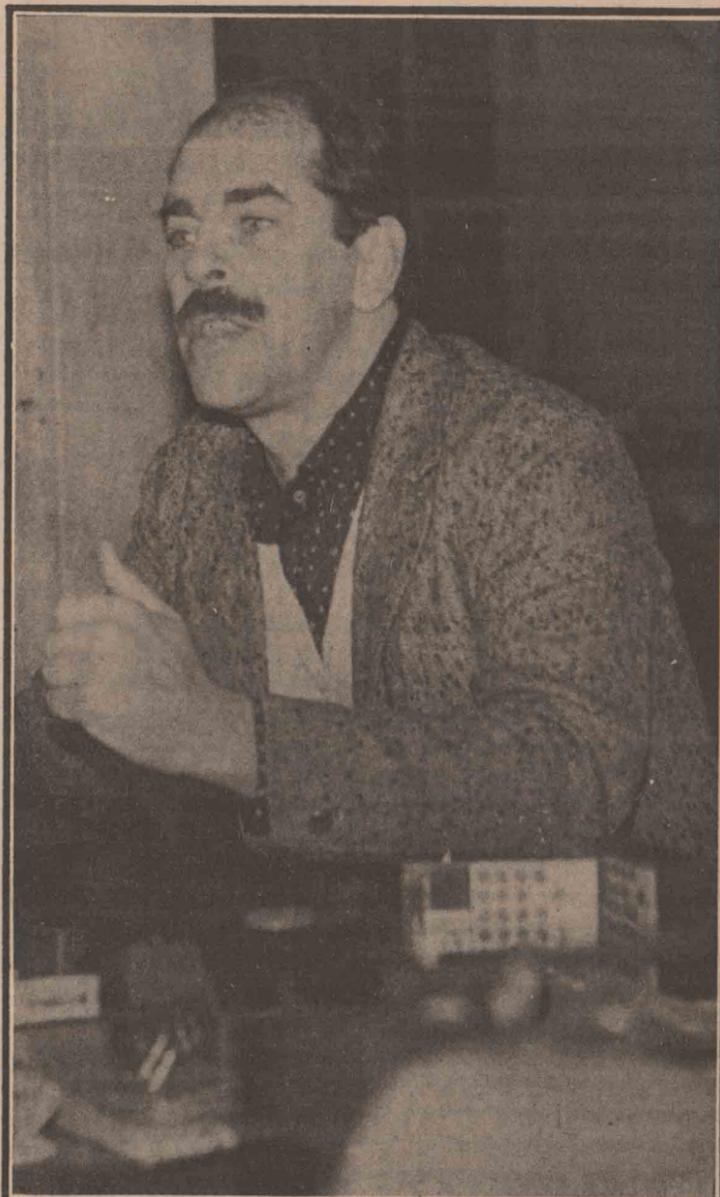
mos essa etapa porque temos dialogado com o produtor. Então, hoje, a diversificação da produção é a forma de viabilizar o que temos. Na pequena produção é a mão-de-obra, com o que temos de desenvolver culturas que se adaptem à mão-de-obra familiar disponível. Mas é certo que o processo alcançará os objetivos à medida em que os produtores não sejam meros receptores, mas par-

ticipantes, ajudando na formação do próprio processo. E o programa de hortigranjeiros e da fruticultura, exige uma vinculação muito grande a nível de mercado. Então é preciso que os produtores sigam com razoável grau de fidelidade uma orientação programada em conjunto, para que depois não tenhamos problemas na área de comercializar, pois se tratam de produtos perecíveis.

O SISTEMA DEVE SER O DONO DO SEU DESTINO

Nos faltaria então comentar alguns aspectos relacionados à capitalização. Eu diria o seguinte. Quem de nós, para desenvolver alguma atividade, não investe algum recurso próprio? Quem de nós poderá sobreviver unicamente de recursos de terceiros? Capitalização, acho que é um assunto que vai nos levar a um aprofundamento dentro daquele processo de participação do agricultor no sistema, do qual já falei. Entendo que o assunto capitalização

extrapola o percentual de dois por cento ou três por cento em relação aos produtos que a cooperativa recebe. O problema da capitalização é do sistema cooperativista. Então o sistema terá que buscar recursos próprios para também ser dono do seu destino. Temos que discutir a forma do encaminhamento das nossas parcas poupanças, seja pela reestruturação das cooperativas de crédito ou seja pela dinamização do próprio banco das cooperativas. Achamos in-



Depois que o Estado preparou-se para exportar carnes, criando a infra-estrutura necessária para o empreendimento, passamos a importador do produto.

ENTREVISTA

clusivo que é chegado o momento de o cooperativismo ter participação no processo de distribuição do crédito, não só um mero agente de transferência do crédito, um repassador, mas um agente participante da política de aplicação de recursos em termos da produção em si. Quem melhor do que o próprio sistema poderá determinar os recursos mais adequados para se fazer uma lavoura de soja? E por que não é dada ao cooperativismo uma participação mais efetiva? Quem melhor do que o sistema poderá dar hoje a definição para o que é bom e o que é ruim para o setor leiteiro? Por isso o assunto é amplo e precisamos ter consciência da necessidade de termos nossos próprios recursos. Em relação à capitalização no caso específico da COTRIJUI, o que temos dito ao produtor é que sempre que a gente não tem recursos próprios e os recebe de terceiros, como vem acontecendo, quem paga esses recursos somos nós mesmos, os associados.

Sabendo ou não sabendo. Consciente ou inconscientemente. E realmente as despesas financeiras têm crescido muito. Hoje, mais ou menos do que temos imobilizado — armazéns, fábrica, supermercados, escritórios, instalações, áreas — nosso capital representa em torno de dez por cento disso. É um número muito pequeno. Precisamos capitalizar mais. Inclusive a COTRIJUI, em Dom Pedrito e Mato Grosso, vem capitalizando sobre todos os produtos. Na região pioneira, sobre todos os produtos, com exceção da soja. E nós precisamos capitalizar na soja. Devemos entender

que se não colocarmos parte dos nossos recursos dentro das nossas organizações, estaremos nos iludindo a nós mesmos. Receberemos recursos de terceiros, bastante caros e difíceis de se conseguir, e estaremos pagando, porque dinheiro é uma mercadoria. Há quem compre dinheiro e há quem venda dinheiro. Por isso temos de tomar consciência que quanto mais recursos trouxermos para dentro do movimento, mais resultados ele terá, porque receberemos melhor remuneração pela produção. Mas é evidente que esses resultados não advirão de uma safra para outra. Então, entendo que essa medida é fundamental, e as cooperativas já estão optando por ela. A COTRIJUI vai adotar essa medida para a próxima safra de soja. Estamos discutindo, ouvindo nossos associados. Há muitas idéias que vem surgindo nesses encontros, não só em termos de percentuais, mas de como viabilizar o processo, estabelecendo limites de capitalização, por produto, por região, etc. Isso tudo nos dá certeza de que vamos ser plenamente vitoriosos em relação à isso. O produtor inclusive não precisa se envergonhar — como circunstancialmente ocorre — em dizer que é a favor da capitalização na cooperativa. Ninguém tira nada de si mesmo. Quando o produtor deixa algum recurso na cooperativa, esse recurso é seu, pois a cooperativa também lhe pertence. Então, quanto mais recurso ele deixar, melhor será o trabalho que a cooperativa vai oferecer a ele. Isso depende da fiscalização do próprio produtor dentro do processo.

da conseguem alguns recursos. Então hoje, quando levantamos temas como esses, o que buscamos efetivamente é a segurança do produtor. Porque o produtor é a cooperativa.

COTRIJORNAL: A COTRIJUI, mercê de um bom trabalho desenvolvido pela COTRIEXPORT, possui hoje um sólido esquema para comercialização das safras dos cooperados. Caberia, dentre as modalidades já oferecidas, a comercialização por lotes, no caso da soja?

Dr. RUBEN: Comercialização é dinâmica. Nossos associados devem lembrar a situação de 1973, que para muitos parecia difícil. Acho que foi muito oportuno o que nos aconteceu naquele ano. Mostrou que o produtor estava organizado, tinha grau de consciência, de reivindicação. O mercado internacional nos ajudou a definir uma situação em relação a comercialização. Ele teve um comportamento desigual, nos pegou despreparados e todos lembram que em 73, tínhamos a tal de carta de opção para liquidação da soja. Temos dito ao quadro social, que ao longo do tempo irá predominar aquilo que é a essência do cooperativismo, que é a comercialização a preço médio. Mas entendemos que isso não deverá ser imposto, mas se desenvolver naturalmente. Quanto à compra de lotes, compras antecipadas ou coisas dessa ordem, quase todos eles ferem bastante o princípio do cooperativismo. Nós, além das duas modalidades em que atuamos, poderíamos dizer aos nossos associados que o que a COTRIJUI está estudando é trazer uma opção nova ao produtor, mas uma opção mensurável. Seria a fixação prévia de preço à nível de mercado a termo. O produtor, antes do plantio, ou durante o desenvolvimento da lavoura, poderia se dirigir à cooperativa e essa teria, publicamente, uma perspectiva de preço de mercado internacional onde o associado poderia fixar o seu preço, sobre um percentual da sua produção. Mas isto está ainda na dependência de algumas coberturas que se deverá ter das próprias áreas responsáveis pela comercialização, nos assegurando volumes de exportação a serem realizados, porque são operações casadas. No momento em que a cooperativa fixa o seu preço para o associado, ela também vai buscar a cobertura desse preço à nível do consumidor final, no mercado externo, através da Bolsa de Cereais.



A ausência de uma estrutura financeira de apoio ao sistema, tem obrigado as cooperativas a trabalharem e, conseqüentemente, repassar um dinheiro caro a seus associados.

ESTAMOS APERFEIÇOANDO NOSSA COMERCIALIZAÇÃO

O que gostaríamos de dizer, especificamente em relação à comercialização, neste enfoque mais ligado à área de soja, é que a COTRIJUI pretende sempre se aprimorar nesse sentido. Com dois objetivos. Primeiro, criar mecânicas que sejam acessíveis a todos os seus associados. Não poderemos ter processos de comercialização que signifiquem privilégios de parte do quadro social. Em segundo lugar, sejam processos duradouros. Que aquilo que estamos realizando neste ano, possamos realizar no ano seguinte, sempre aprimorando. Pois certamente a COTRIJUI jamais ingressará em qualquer medida especulativa na busca mercantilista do produto de seu associado para dentro da organização. O caminho não está em criar atrativos que poderão, em determinadas circunstâncias, demonstrar resultados fantásticos, mas que numa pequena modificação de mercado, isso possa ser desmentido. O que precisamos é manter o grau de segurança que já atingimos pela infra-estrutura de comercialização que temos hoje

na cooperativa. Hoje, o episódio de 1973 não mais acontece porque buscamos cobertura em bolsa através da COTRIEXPORT.

E para fortalecer o que digo, agora mesmo a Holanda já quer renovar o contrato que mantém com a COTRIJUI, para o próximo ano, há quase seis meses de vigência do contrato para fornecimento de farelo de soja. Em termos de comercialização ainda, no setor de leite, nós estamos totalmente integrados na Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL, que ajudamos a fundar, com dois mil produtores vinculados ao processo, nós cuidando da produção e a Central, da comercialização. E há outros tipos de atividades que vão exigir de nós um cuidado muito grande, principalmente no setor de hortifrutigranjeiros. Há uma preocupação de desenvolver esse setor em termos de mercado, não só a nível de fornecer dentro do país, mas para fora. Vamos ter que desenvolver tecnologia nessa área. E quem desenvolve tecnologia deixa de ser dependente.

COOPERATIVAS PAGAM TODOS OS IMPOSTOS

Tem gente que poderia dizer: é um absurdo botar meu próprio capital na cooperativa. Mas eu pergunto: é um absurdo investirmos nosso capital na nossa própria lavoura? na produção de leite? de hortifrutigranjeiros, ou quando vamos comprar um trator, um automóvel, ou casa? Qual a diferença que existe em relação à cooperativa. A cooperativa não é a soma das nossas atividades? Então porque não colocar recursos dentro daquilo que comprovadamente defende os nossos interesses. E mais, o cooperativismo é um movimento que extrapola a área da comercialização. É a assistência técnica, o setor de crédito, o trabalho de co-

municação com o produtor, a vinculação estreita com os sindicatos, a preocupação com a área de saúde e assim por diante. Agora, realmente, o cooperativismo não é um movimento assistencial. Tem folha de pagamento, e paga todos os tributos, muito embora possa alguém pensar que não. Regularmente recolhe todos os tributos fiscais. No caso da COTRIJUI, ela tem compromissos muito sérios em relação à formação dos recursos de economia da área onde ela atua, e tem procurado valorizar os seus municípios, evitando desvios de receita na formação de seus índices de retorno de I.C.M., que é onde os municípios air-

PROBLEMA DA CARNE NÃO ESTÁ NOS FRIGORÍFICOS, MAS NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

COTRIJORNAL: No setor de carne, alguma novidade após o ingresso dos associados da região pioneira no fornecimento de gado para abate? Sobre produção e mercado de lã, às vésperas de mais uma safra,

alguma informação para o quadro social?

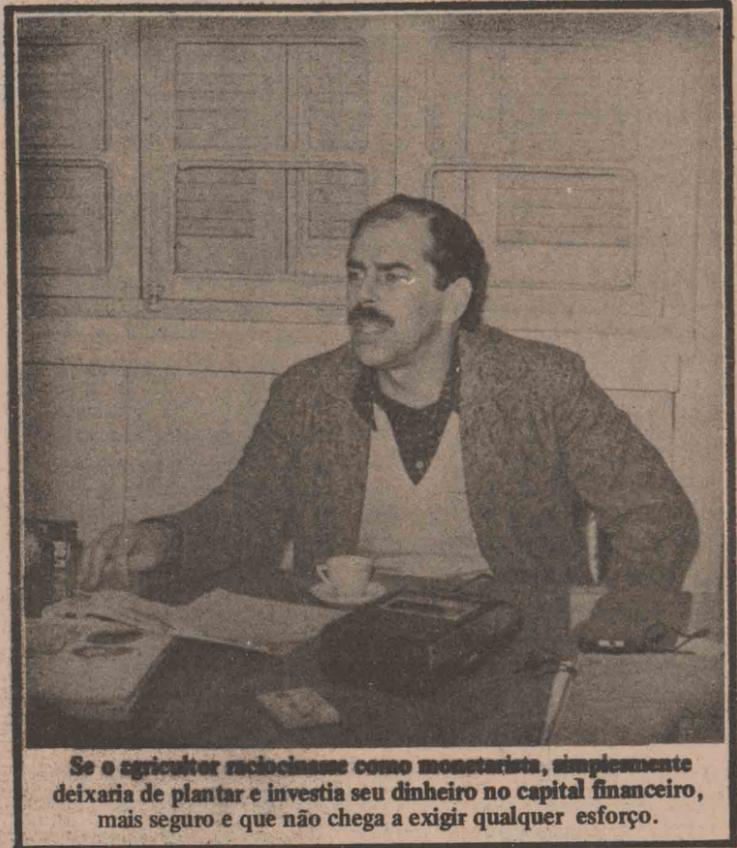
Dr. RUBEN: Nosso ingresso em Dom Pedrito nos deu uma visão do problema carne. E o que se vem fazendo é positivo. E agora a região pioneira

se incorpora, fornecendo gado para abate em nosso frigorífico. Dentro de espaço curto, entendemos que se possa atingir uma integração maior na carne dentro do cooperativismo. E estamos perseguindo alguns caminhos em relação à isso, nos aproximando de outras cooperativas buscando viabilizar de forma englobada toda a produção animal. Não só em termos de bovinos (carne e leite) mas também encontrar um caminho para receber suínos do quadro social para abate. Isso vem se processando paulatinamente. Dentro de período bastante curto, deveremos implantar açougues aqui na nossa região. Numa primeira etapa, junto às unidades de Tenente Portela, Ajuricaba, Chiapetta e Santo Augusto, uma vez que se recebemos a produção dos associados dessa área, há a necessidade de devolvermos a carne para suas necessidades de consumo. A carne exige hoje, do cooperativismo, muita coragem.

O problema da carne não está dentro dos frigoríficos, mas no sistema de produção. E devemos nos aproximar do consumidor, para fugir da intermediação existente. E é muito provável que, a curto prazo, possamos comunicar ao quadro social o entrosamento

com outras cooperativas vinculadas à frigoríficos e carne. Ainda na área da produção animal, na lã, a COTRIJUI fez uma experiência vitoriosa. Além da comercialização convencional, de vender a lã bruta, fizemos um trabalho de industrialização através de uma empresa de Rio Grande, e já estão aí os produtos fruto desse trabalho. E no ano que vem, a partir de fevereiro, já estaremos participando da iniciativa pioneira da nossa co-irmã de Uruguai, que teve a ousadia de montar a primeira indústria de lãs de cooperativas, através da produção de topes. Temos que ter a coragem de dizer que nessas áreas — arroz, lã e carne, estamos aprendendo. E temos discutido muito com os produtores da área de dom Pedrito, e é certo que a cada ano as coisas vão se aprimorar. Já este ano, no arroz, traremos para os produtores alguns mecanismos novos na comercialização, em defesa do associado, evitando que o produtor se obrigue a comercializar o arroz por preço vil. Na lã, vamos ter um reposicionamento, onde talvez não se manterá o preço de dia, considerando uma tomada de posição do movimento e outras mecânicas decorrentes de valores de adiamento, prazos de liquidação, etc.

ano, estaremos iniciando um trabalho de repasse aos associados do Mato Grosso, atendendo assim uma das maiores necessidades que o produtor daquela região tem, que é receber os recursos para custeio da lavoura na hora certa. O que se sente também, à nível de Mato Grosso, é que lá se enfrenta situação semelhante há de dez anos nesta região, ou seja, dificuldades de transportes, comunicação, maior consciência da sua organização, onde o produtor vai levar seus problemas de forma coletiva. O enfoque que se dá no Mato Grosso é a necessidade de estreita vinculação entre produtor e cooperativa, como também estamos discutindo na região de Dom Pedrito. Em termos de investimentos, será lento mas precisamos melhorar nossas instalações. Em relação à Amazônia, o projeto agrícola está totalmente definido, e os estudos já asseguram o êxito dos empreendimentos, mas este ano, dificilmente poderemos levar produtores para lá. Objetivamente, já estamos trabalhando em madeira. Criamos uma filial da COTRIEXPORT em Belém. As estradas de acesso à área deverão estar concluídas até o final deste ano, e no próximo ano estaremos transferindo as primeiras famílias para lá. Mas queremos dizer aos associados que nossa presença na Amazônia vai marcar não pelo número de produtores que para lá irão se transferir nem pela rapidez com que isso vai ocorrer. Mas sim pela seriedade do trabalho lá desenvolvido, preocupado com a plena viabilização. Nossa pretensão não é viabilizar culturas, mas o homem. Nosso associado vai cultivar café, cacau, etc. Essas culturas já são realidade na área. A Amazônia precisa ser respeitada, devido às condições ecológicas completamente diferentes das áreas que os agricultores brasileiros conhecem. Então, há ne-



Se o agricultor raciocinasse como monetarista, simplesmente deixaria de plantar e investia seu dinheiro no capital financeiro, mais seguro e que não chega a exigir qualquer esforço.

cessidade de uma assimilação. Por isso, hoje temos lá gente trabalhando, executivos, inclusive. E como a Amazônia reserva um potencial em termos de produção de alimentos para a humanidade, nós produtores, teremos que firmar pé lá, conhecendo sua mata e seu solo. Não vamos para lá cumprir papel de itinerante, acabar com a madeira. Vamos para a Amazônia para nos fixar, assim como firmamos raízes aqui. Nossos graneleiros continuam nos mesmos lugares onde foram construídos. Não andamos atrás do lucro fácil. Vamos para lá para ajudar a ocupar a Amazônia, para que ela seja nossa, brasileira.

Importante também é lembrar que o Projeto COTRIJUI-Amazônia não fez com que a cooperativa não procurasse outras formas de viabilizar as pequenas propriedades na região. Até foi depois de nosso início lá que surgiu o leite, os hortifrutigranjeiros. E o asso-

ciado pode ter certeza que só irá para a Amazônia se quiser. E os que para lá forem, levarão a certeza de contar com toda a segurança que dá hoje a COTRIJUI, inserida dentro da Amazônia.

Eu encerraria esse diálogo com o COTRIJORNAL, fazendo esta pergunta. Por que uma sociedade de pessoas não pode ter a mesma ambição de uma sociedade de capital? Por que nós não poderemos somar os nossos esforços e atender os nossos interesses, não de forma egoística, como pretende, pretensamente, atender seus interesses a sociedade do lucro? Por que não podemos ter grandes ambições? Sim, acho que podemos e devemos ter ambições. A diferença está, no entanto, que o fruto de nossa ambição tem o objetivo de brotar frutos para o todo social e o todo humano, ao contrário da ambição exclusivista do capital, que busca apenas favorecer a si mesmo.

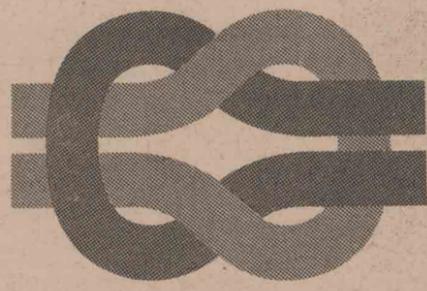
JÁ ESTAMOS NO MATO GROSSO E AMAZÔNIA. A NOSSA INTENÇÃO É FINCAR RAÍZES LÁ

COTRIJORNAL: Especificamente sobre a atuação da COTRIJUI no Mato Grosso e na Amazônia, o sr. teria alguma coisa a adiantar?

Dr. RUBEM: Nosso ingresso no Mato Grosso é recente. O que a COTRIJUI levou para lá foi uma disciplina ope-

racional, aquilo que eu disse há pouco para o COTRIJORNAL: ter normas para todo o quadro social, e não para parcelas. E o que valé salientar foi a plena cobertura que recebemos na região de Maracaju por parte do Banco do Brasil, em financiamento, em crédito. E já este

**Mais que um grupo,
um ideal.**



COTRIJUI
— A FORÇA DA UNIÃO.

AS DOENÇAS DA GENGIVA

*Dr. Edu Carlan

Em nossa conversa anterior dizíamos que o elemento determinante da cárie é a "Placa Bacteriana" e que a mesma tem condições de aparecer e se formar na boca de todas as pessoas, tanto de adultos como dos indivíduos jovens.

Pois bem, este mesmo aglomerado de micróbios que denominamos de "Placa de Bactérias" também é o responsável por algumas doenças da gengiva, das quais as mais comuns, e por isso mesmo, as que mais nos devem preocupar, são as gengivites e a periodontite (comumente chamada piorréia). Antigamente, se acreditava que "piorréia" não tinha cura, pois os dentes atacados de piorréia acabavam, mais cedo ou mais tarde, por ter que ser extraídos ou acabavam por cair sozinhos. Atualmente, se a doença for diagnosticada e tratada em tempo, o profissional tem meios não somente de evitar que se instale o processo de tratá-lo e curá-lo.

Gengiva sadia não deve sangrar quando se processa a escovagem energética dos dentes e das gengivas. Quando isto acontece, o sangramento durante a escovação ou, o que é pior ainda, quando as gengivas sangram espontaneamente, é sinal de estão inflamadas e devem ser imediatamente tratadas. Isto pode acontecer mesmo em indivíduos jovens e em crianças. A principal e mais comuns das causas determinantes das inflamações das gengivas é a nossa já conhecida "Placa Bacteriana". E é esta mesma placa que, nas principais horas de forma se apresenta com aspecto de gelatina esbranquiçada, se não for removida a tempo transforma-se em "tártaro". O tártaro é uma crosta calcificada fortemente aderida em torno dos dentes, formações estas que vão se sedimentando paulatinamente em torno dos dentes e com o tempo acabam por recobrir grande parte não somente da parte sensível como parte da raiz dos dentes e que contribuem para agravar o quadro e os sintomas da gengivite e da periodontite (piorréia). O acúmulo e permanência e posterior transformação das placas em tártaro, só acontece naqueles indivíduos que não fazem a higiene oral perfeita e permanentemente. Esta é a razão pela qual devemos dar tanta atenção e tanta importância à escovação dos dentes e higiene das gengivas. E é somente usado, continuamente, por toda a vida, método correto de escovagem que podemos evitar o aparecimento das doenças da gengiva e dos dentes.

De nada servirão os cuidados com alimentação, de pouco adiantará os suplementos de cálcio e fósforo, ou mesmo a aplicação ou ingestão de flúor, se não tivermos os cuidados necessários com a higiene.

É claro que, se a placa estiver muito aderida e o tártaro presente, devemos ir ao dentista para que o mesmo remova completamente o tártaro e a placa, enfim, faça uma perfeita higiene e polimento das superfícies dentárias e ensine a maneira correta de fazermos a higiene da boca. Pois de nada adiantaria o tratamento e os cuidados dispendidos pelo profissional se o indivíduo não se conscientizar de que depende exclusivamente dele a saúde de seus dentes e das suas gengivas.

*Edu Carlan é odontólogo em Ijuí.

PREVENÇÃO DO CÂNCER É O CAMINHO PARA A CURA

Prevenir a doença e identificá-la, é o caminho mais certo para a cura. Como todos sabem, o câncer é a doença mais persistente nos tempos modernos e que apresenta a maior resistência contra os remédios. No entanto, sendo descoberto no início, é perfeitamente curável.

O dr. Nilton Tabajara Rohenkahl preparou há tempos um compêndio de orientação que deve ser observado pessoalmente por qualquer pessoa. As questões foram publicadas em forma de folheto pela Secretaria de Educação e Cultura, com a colaboração da Liga Feminina de Combate ao Câncer e Serviço Social do Comércio, agência regional do Rio Grande do Sul.

O folheto que tem o título "Auto-exame da boca", orienta as maneiras de se identificar sinais de câncer nas regiões buco-faciais. No espaço a seguir, transcrevemos o conteúdo do mesmo.

O câncer da cavidade bucal é o 2º em frequência entre os homens e o 4º entre as mulheres.

Atinge anualmente 15.000 brasileiros, determinando mais de 5.000 mortes. Isto ocorre porque o câncer da boca pode evoluir sem dor e sem perturbações na mastigação ou na deglutição, somente se manifestando quando já está em fase avançada. Nas fases iniciais geralmente assintomáticas, pode ser perfeitamente curável se for diagnosticado e tratado precocemente. Diagnóstico precoce é o que se po-

de obter com um AUTO-EXAME DE BOCA. Quais as ocorrências mais freqüentes do câncer de boca? 1 - Homens acima de 45 anos. 2 - Fumantes. 3 - Excessiva ingestão de bebidas alcoólicas. 4 - Má higiene oral. 5 - Excessiva exposição de pele e lábios ao sol, frio e vento. 6 - Queimaduras freqüentes por bebidas muito quentes. 7 - Dentes e próteses mal ajustadas. O que se pode fazer?

A boca é um local de fácil exame. Você mesmo pode examinar-se mensalmente; basta um espelho, um lenço e boa iluminação. O resto é olhar-se e palpar-se. Como devo examinar minha boca? 1 - Rosto - Frente ao espelho, observe a pele da face e do pescoço. Procure sinais, pintas, espinhas e feridas que não cicatrizem. 2 - Lábios - Puxe o lábio inferior para baixo e observe feridas ou alterações de cor; aperte com os dedos ao longo do lábio para sentir algum endurecimento. Repita o mesmo processo com o lábio superior. 3 - Gengivas - Examine as gengivas com o lábio puxado para fora. Lembre-se de olhar e tocar as gengivas com o dedo indicador. Procure também dentes frouxos sem causa aparente. 4 - Bochechas - com o polegar e o indicador no canto da boca, revire as bochechas para fora, procurando observá-la até o fundo. 5 - Língua - Ponha a língua para fora e observe a sua parte superior. Toque a ponta da língua no céu da boca a fim de olhar sua face inferior. Segure a ponta da língua com um lenço e

puxe-a para o lado e depois para o outro de modo a observar os seus bordos laterais. Toque a língua em cada manobra à procura de endurecimentos. Observe e palpe também o assoalho da boca. 6 - Céu da boca - Incline sua cabeça para trás e observe o céu da boca. Após, toque o mesmo com a ponta do indicador. 7 - Pescoço - Após examinar a boca, examine seu pescoço. Observe primeiro se os dois lados são iguais ou se há saliências. Palpe cuidadosamente os lados do pescoço. Pesquise também toda a região em baixo do queixo (mandíbula).

Nos primeiros exames você se familiarizará com a consistência dos tecidos sob exame. Será fácil observar alterações futuras que possam ocorrer. Sinais de alerta no câncer da cavidade oral inchado, endurecimento ou tumor em qualquer lugar com ou sem dor. Manchas brancas ou vermelhas aveludadas.

Qualquer ferida que não cicatrize prontamente (mais de 15 dias). Afrouxamento de dentes sem causa aparente, em meio a dentes sãos. Sangramento da boca sem causa aparente. Rouquidão prolongada, tosse prolongada. Dificuldade em engolir.

Dificuldade em abrir a boca. Presença de nódulos ou caroços no pescoço (ínguas).

Em qualquer anormalidade consulte imediatamente seu médico, seu dentista, ou vá a um centro de prevenção do câncer. Lembre-se o câncer é curável.



CIGARRO, ANTICONCEPCIONAIS E ATAQUES CARDÍACOS

As mulheres entre os 30 anos e a chegada da menopausa, quando fumantes, estão mais expostas aos ataques cardíacos. E se essas mulheres ainda tomarem pílulas anticoncepcionais, então o perigo é ainda maior, acentuadamente maior.

Esse alerta foi divulgado há pouco em Chicago, Estados Unidos, pela revista da Associação Médica Norte-Americana, como resultado de pesquisa feita em mulheres de vários estados do Meio-Oeste do país.

O estudo foi desenvolvido em duas eta-

pas. Numa delas foram estudadas mulheres que usavam anticoncepcionais orais e o outro as que adotavam substâncias estrogênicas para outras finalidades da prevenção da gravidez. Em todos os casos, porém, o mal do fumo esteve bem identificado, pois todas as mulheres investigadas eram fumantes.

A Administração de Alimentos e Drogas do governo norte-americano determinou a inclusão de um manual de advertência que os médicos e farmacêuticos devem entregar às mulheres fumantes que tomam pílulas an-

ticonepcionais. O manual é taxativo quando se dirige às mulheres que fumam. Estas, em nenhum caso, devem tomar anticoncepcionais por via oral.

Os dados atuais mostraram claramente que os anticoncepcionais orais aumentam o risco de enfartes cardíacos não fatais em mulheres saudáveis. O estudo finalizou dizendo que "o enfarte do miocárdio em mulheres saudáveis antes da época da menopausa é uma enfermidade quase que exclusiva de mulheres que fumam".

O JORNAL DE COOPERATIVA

(Segundo artigo de uma série)

Raul QUEVEDO

Há anos passados uma universidade norte-americana promoveu um simpósio para pesquisar e, conseqüentemente, caracterizar as diferentes espécies de jornalismo. Foi quando foram identificados o jornalismo econômico, o político, o social ou sociológico; o esportivo, o científico, o policial e o de artes, sobrando ainda outras tendências que os debatedores deliberaram enquadrar na categoria geral.

Anos depois, a mesma universidade realizou um segundo simpósio para estudar as diferentes tendências de jornais e revistas que circulavam no País. Então, desde os grandes jornais de circulação nacional aos de circulação local e até os boletins paroquiais e de empresas, foram pesquisados a nível de interesse para as populações as quais pretendiam servir. Esta segunda pesquisa levou a universidade a conclusões de excepcional valor e importância no campo da comunicação social.

Ouvidas algumas centenas de pessoas diretamente interessadas, de diferentes categorias econômicas e culturais, e conclusão chegada pelo simpósio foi de que sempre, sem qualquer exceção, o veículo de comunicação de caráter específico desperta interesse apenas limitado. Ao passo que as publicações de categoria geral são abrangentes para toda a comunidade. Mas houve uma solicitação que foi geral. Todas as pessoas entrevistadas foram unânimes em pedir que se fizesse um jornal que abordasse assuntos de toda a área do conhecimento humano.

As queixas foram várias, mas todas encadeadas entre si. Uns não tinham tempo para ler vários jornais por dia a fim de alcançarem uma média de conhecimento do cotidiano. Outros moravam longe dos locais de compra dos jornais, seus desejos era receber em casa um jornal de categoria completa. Um dono de aviário chegou a queixar-se dizendo ter deixado de ler pelo fato de conviver diariamente com galinhas e seu jornal só falar em galinheiros. . .

Hoje, quando se fala no Brasil em termos de jornalismo agrícola e especificamente em imprensa cooperativista, quando tantas cooperativas já fazem investimentos no

setor, parece-me que deveríamos meditar seriamente a respeito da pesquisa feita nos Estados Unidos.

Apesar de, pelo menos em tese existir jornalismo agrícola no Brasil há pelo menos 146 anos (o jornal da Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria da Província da Bahia foi fundada em 1832), não temos até hoje uma política de comunicação rural, sequer um simples programa de comunicação rural. Portanto, tudo o que se vem fazendo é na base do improvisado, do talento pessoal de uns, mas sempre sem qualquer embasamento a nível científico.

De uns tempo para cá, vem se tornando moda o jornal de cooperativa, o que é muito bom. Sempre que se lança um jornal, pelo menos em intenção, abre-se uma janela para o mundo. É claro, as vezes essa janela possui uma tão reduzida abertura e sua profundidade visual é tão escassa, que ela própria não chega a ser vista ou pressentida. Há jornais que nascem e desaparecem, tão ausentes de mensagens e pobres de técnica, que ninguém chega a se aperceber deles. Mas, sempre vale a intenção.

Nas linhas a seguir alinhamos aquilo que, a nosso critério, deve caracterizar a essência de um jornal de cooperativa.

O que seria um "jornal de cooperativa"? Aquele que estabelecesse um padrão editorial voltado a fazer propaganda do cooperativismo? O que publicasse assuntos relacionados com o dia-a-dia do seu público leitor? Exemplo: pulgão do trigo, lagarta da soja, seca, enchentes, cataclismos, desgraças? Ou seria o jornal preocupado com a imagem dos diretores da cooperativa? Seria, finalmente, o jornal pesado dos assuntos econômicos de produção local e, portanto, despreocupado dos temas gerais que fazem o universo do cérebro do indivíduo, de qualquer indivíduo?

Em primeiro lugar, um jornal de cooperativa deve nascer dentro de um parâmetro de perfeita definição. Isto é, deve estar identificado com uma linha filosófica. É excusado dizer que essa linha filosófica só pode ser linearmente cooperativista. Ao contrário do jornal comercial que vai disputar leitores, anunciantes e, por extensão, prestí-

gio sócio-político, o jornal de cooperativa nasce com destino específico: popularizar o sistema, identificando-o com o povo, principalmente as massas trabalhadoras. Se o jornal de linha comercial pura não necessita defender nenhum princípio ético para ter sucesso, bastando que seja solidário com os interesses do capital (que é ao mesmo tempo seu anunciante e seu consumidor), o jornal de cooperativa só justifica a sua participação no seio da comunidade onde circula, sendo intransigente com a sua própria ética. Presumo, sinceramente, que jornalismo cooperativista deve caracterizar-se, a priori, através de uma "linha de alto nível moral".

No entanto, essa "linha moral" não deve ser proclamada a não ser em ocasiões especiais, sob pena de cair no lugar comum dos jargões, tão populares em nossos dias.

Falamos antes que o jornal de cooperativa deve orientar sua ação em linha editorial e filosófica estruturalmente cooperativista. No entanto, não se deve dizer que o jornal deva persistir na pregação do cooperativismo, como se o cooperativado, a quem ele se dirige, para sê-lo mais fiel, devesse decorar o vocábulo. É aí, em nosso entender, que vamos testar a habilidade do redator de assuntos

cooperativistas. Pensamos que o melhor jornal cooperativista será aquele que conseguir mostrar a seus leitores as deficiências, as condições e a pobreza moral do capitalismo clássico, e não aquele que se preocupar em fazer propaganda do sistema cooperativista. Um cooperativista, um cidadão já associado a uma cooperativa, deve estar sabendo como ingressou nela e porque continua lá. Agora, se para permanecer associado depender da ação propagandística e ainda veiculada por jornal que ele próprio ajuda a pagar, então, sem dúvida, algo de muito grave deve estar ocorrendo.

Sempre, sem qualquer exceção, o jornal de cooperativa deve se constituir no órgão representativo — e altamente representativo. Nunca no jornal meramente voltado a fazer propaganda do sistema, mas especificamente no jornal voltado para os problemas do próprio sistema.

É fundamental que o jornal de cooperativa tenha uma ampla consciência e nítida teorização para a problemática global que caracteriza o cooperativismo. Estabelecida essa linha de ação e perseguido o caminho, o jornal de cooperativa prestará um excepcional serviço que transcenderá o cooperativismo em si e atingirá a sociedade como um todo.

NO AR A RÁDIO MARACAJU

Maracaju (Do Correspondente) — Está no ar, desde 20 de agosto, a ZYI, Rádio Cidade de Maracaju. É um empreendimento de vários homens de empresa daquela cidade matogrossense, tendo a frente os srs. Valter Augusto Speggorin e Paulo Gomes da Silva, diretores; mais os srs. Astolpho Nogueira, Rogério Lopes Posser e Jonson Renato Santos Ribas.

A nova emissora tem como gerente o sr. Edegar Martins, antigo radialista, que já trabalhou nas Rádios Bandeirante e Globo, ambas de São Paulo e na Rádio Guaíba, de Porto Alegre.

Prestigiaram a emissora no dia da inauguração o sub-chefe da Casa Civil do Governo do Estado, sr. Pedro Dobbi; o prefeito municipal, sr. Luiz Gonzaga Prata Braga; o juiz de Direito da Comarca de Maracaju, bacharel Hamilton Carli, vereadores, políticos em geral, empresários e grande público. Na foto uma vista parcial externa do importante acontecimento para cidade.



PROTEÇÃO AMBIENTAL

J.A. Lutzenberger

O ambiente é um só e nós humanos somos parte dele, como a cabeça é parte do corpo e não teria sentido sem ele. Este ambiente é a ECOSFERA, a grande unidade funcional do caudal da vida, neste astro.

Vida e mundo não vivo encontram-se dinamicamente integrados. Biosfera, Hidrosfera, Atmosfera e Litosfera, formam uma unidade funcional que só pode ser estudada e compreendida como um todo. A concentração exclusiva sobre esta ou aquela parte leva a visões incompletas e deturpadas que conduzem, invariavelmente, a comportamentos de conseqüências funestas. Em uma analogia mecânica, poderíamos dizer que de nada adianta uma análise especializada, peça por peça, no caso do estudo e manejo racional do automóvel ou de qualquer outra máquina; carburador, distribuidor, válvulas, cilindros, bielas, virabrequim, engrenagens e lubrificação, debriador, tanque, chassis, etc., só têm sentido como partes de um todo. É somente no comportamento harmônico do conjunto que o aparelho tem sentido.

A causa profunda da atual crise ambiental está justamente na filosofia do homem ocidental, uma filosofia de separação Homem-Natureza. Esta divisão nos leva a abordagens setorializadas, cuja conseqüência lógica é a cegueira diante do que se encontra fora dos limites do setor em questão. Daí resultam atitudes imediatistas. Os custos ambientais, diretos ou defasados, passam despercebidos, ou não se lhes dá a devida importância; não entram nas cogitações de eficiência tecnológica e viabilidade econômica.

O pensamento econômico atual, tanto capitalista como comunista, parte de um modelo de fluxo aberto entre dois extremos: num dos extremos, um repositório inesgotável de recursos e no outro, uma capacidade infinita de absorção de detritos. Não há, em absoluto, reconhecimento do fato de que tudo faz parte de um todo indissolúvel, de uma unidade funcional que tem suas próprias leis e que estas leis devem ser respeitadas, para que não sofra a harmonia global.

As ciências econômicas ainda não descobriram que são apenas um capítulo dentro da Ecologia. Ainda não aprenderam a pensar em termos de ciclos fechados e de integração global.

A maneira convencional de abordar os problemas ambientais, ainda consiste em procurar soluções específicas para problemas específicos: filtros, estações de tratamento, aparelhagem antipoluição, legislação específica, etc.

Enfoque este que não toca a raiz do problema; apenas o transfere. Dessa forma o desequilíbrio geral continua se agravando.

Somente através de uma visão global, chegar-se-á a uma ética ecológica e serão aceitos os seus preceitos que são os preceitos da sobrevivência. Dentro dessa visão, a Proteção Ambiental é a Preocupação e o Comportamento Condizente com a Saúde da Ecosfera como um Todo. A ciência que nos fornece o necessário código de comportamento é a Ecologia.

A lição da visão ecológica é de que toda abordagem setorializada da problemática ambiental estará de antemão condenada ao fracasso, a curto ou a longo prazo. Somente uma visão global sistêmica, ecosférica, promete resultados; mas ela requer decisões extremamente difíceis, porque são diametralmente opostas ao pensamento convencional.

CONHEÇA OS DIREITOS DOS ANIMAIS

No começo deste ano, naturalistas de vários países reunidos em Bruxelas, sob coordenação da Unesco, proclamaram o ano de 1978 como o Ano Internacional dos Direitos do Animal. Como causa internacional a ser defendida pelos naturalistas e ecólogos, consta a proibição de caça às focas e às baleias, abolir o tiro ao pombo e à raposa e livrar os touros das arenas.

A nível local, muita coisa deve começar a ser feita em benefício dos animais, esses bonitos ornamentos da natureza. Na verdade, o homem não pode continuar a exterminar impunemente os animais que formam a nossa fauna; pois na verdade, a nossa própria sobrevivência depende da vida dos animais.

Leonardo da Vinci disse séculos atrás: "Haverá um dia em que os homens conhecerão o íntimo dos animais. E, nesse dia, um crime contra o animal será considerado um crime contra a humanidade".

No espaço a seguir, o CONTRIJORNAL publica os 14 artigos aprovados pela reunião de Bruxelas e que proclamam os direitos dos animais, que são os seguintes:

Art. 1) — Todos os animais nascem iguais diante da vida e têm o mesmo direito à existência.

Art. 2) — Cada animal tem o direito ao respeito. O homem, enquanto espécie animal, não pode atribuir-se o direito de exterminar os outros animais ou de explorá-los violando

este direito. Ele tem o dever de por a sua consciência a serviço dos outros animais. Cada animal tem o direito à consideração, à cura e à proteção do homem.

Art. 3) — Nenhum animal deverá ser submetido a maus tratos e a atos cruéis. Se a morte de um animal é necessária, deve ser instantânea, sem dor, sem angústia.

Art. 4) — Cada animal que pertence a uma espécie selvagem tem o direito de viver livre em seu ambiente natural, terrestre, aéreo ou aquático, e tem o direito de reproduzir-se. A privação da liberdade, ainda que para fins educativos, é contrária a esse direito.

Art. 5) — Cada animal pertence a uma espécie que vive habitualmente no ambiente do homem. Ele também tem o direito de viver e crescer segundo o ritmo e as condições de vida e de liberdade que são próprias da sua espécie. Toda a modificação desse ritmo e destas condições impostas pelo homem para fins mercantis é contrária a esse direito.

Art. 6) — Cada animal que o homem escolhe para companheiro tem o direito a uma duração de vida conforme a sua natural longevidade. O abandono de um animal é um ato cruel e degradante.

Art. 7) — Cada animal que trabalha tem o direito a uma razoável limitação do tempo e intensidade do trabalho, a uma alimentação adequada e ao repouso.

Art. 8) — A experimenta-

ção animal que implica em sofrimento físico e psíquico é incompatível com os direitos do animal, quer seja uma experiência médica, científica, comercial, ou qualquer outra. As técnicas substitutivas devem ser utilizadas e desenvolvidas.

Art. 9) — No caso de o animal ser criado para servir como alimento, deve ser nutrido, alojado, transportado e morto sem que para ele resulte ansiedade ou dor.

Art. 10) — Nenhum animal deve ser usado para o divertimento do homem. A exibição dos animais e os espetáculos que utilizam animais são incompatíveis com a dignidade do animal.

Art. 11) — O ato que leve à morte de um animal sem necessidade é um biocídio, ou seja, um delito contra a vida.

Art. 12) — Cada ato que leve à morte de um grande número de animais selvagens é um genocídio, ou seja, um delito contra a espécie. O aniquilamento e a destruição do ambiente natural levam ao genocídio.

Art. 13) — O animal morto deve ser tratado com respeito. As cenas de violência de que os animais são vítimas devem ser proibidas no cinema e na televisão, a menos que tenham como fim mostrar um atentado aos direitos do animal.

Art. 14) — As associações de proteção e de salvaguarda dos animais devem ser representadas a nível de Governo. Os direitos do animal devem ser defendidos por leis, como os direitos do homem.

ALGUMAS SUGESTÕES AOS APICULTORES

Pedro Kollas

Fazem 22 anos que temos uma abelha que veio de um certo continente. Para nós, este período de adaptação, aclimação e cruzamento foi longo, mas para milhares de abelhas melíferas não é assim, porque nossos invernos e primaveras não são os mesmos, o que desconcerta as produtoras de mel e as plantas melíferas que também reagem conforme a mudança de clima. Tomando-se por exemplo, os matos de eucaliptos, que fornecem de 50% a 60% da matéria-prima para o mel colhido no Rio Grande do Sul. Temos variedades híbridas pela constante e contínua polinização das abelhas. Os nomes mais conhecidos, são: Robusta, Citriodora, Tereticorinas, Salignas e outras, preferidas pelas abelhas. Temos encontrado árvores de eucaliptos com flores diferentes e com um retardamento de dois meses de flora original.

Precisaríamos ser agrônomos e ter muito tempo para verificar se essas particularidades também ocorrem em outras plantas melíferas, nativas ou cultivadas. Quanto as árvores frutíferas em geral, de floradas diferentes e de pouco tempo, têm sido mal aproveitadas, devido as chuvas de fins de agosto e setembro.

Os criadores de abelha, tanto os principiantes como os veteranos, se quiserem colher o famoso mel de la-

ranjeiras, devem ter favos prontos e recorrer a uma alimentação estimulante, duas semanas antes da florada dos citrus. É preciso não esquecer que as abelhas enfraquecem durante o inverno. Quando rompe a primavera, todas as colméias devem estar preparadas para a colheita.

Como ainda temos abelhas em aclimação, é óbvio que ainda procedem como se estivessem no seu habitat natural. Enxameiam fora de época, criam mais raíças, retardam a desidratação do mel e perculação dos favos e até se mudam quando são perturbadas por mau cheiro e ruídos. Tudo isso precisa ser observado e analisado pelo dono das abelhas que tomará as providências cabíveis para a situação. Temos conhecimento e experiências, principalmente os antigos apicultores que criaram abelha à moda européia, herança dos grandes mestres Hanemann e Schenck, que as próprias abelhas européias, italianas e alemãs, hoje em dia reagem de maneira diferente. Sentem falta das florestas virgens, dos pomares, das águas cristalinas, do silêncio. Como represália a tudo o que está acontecendo agora: a natureza agredida, armazenam menos mel, que, as vezes apenas é suficiente para a sua sobrevivência.

Embora muitos livros, tratados e manuais de apicultura informem que abelhas do gênero Apis pertencem

a categoria de animais domésticos, isto é apenas meia verdade. Elas não conhecem seus donos e, sempre que podem fogem e voltam à natureza. Armazenam mel para elas, as vezes mais do que necessitam, principalmente em climas quentes, onde não há neve e nem inverno rigoroso. Para abarrotar nossas melgueiras de mel, em cada colméia devemos ter no mínimo 50.000 operárias de todas as idades. Uma família assim forte precisa de flores todo o ano, o que hoje em dia é difícil, devido ao desaparecimento das florestas e outras vegetações melíferas.

MEL PURO

Experimente mel puro, seja no chimarrão, no café, na caipirinha ou no chá com limão, contra os resfriados e gripes.

A Associação (A.A.I.), em breve ministrará cursos práticos e teóricos para apicultores iniciantes. Os interessados, sendo ou não sócios da A.A.I., podem entrar em contato com a diretoria para participar das reuniões, que são realizadas na última sexta-feira de cada mês, na residência do Sr. Adolfo Haas, cita à rua Mato Grosso, nº 214 — Ijuí.

Mais informações com o secretário da A.A.I. à rua Niterói, nº 375, Bairro Mundstock — Ijuí.

DUAS HISTÓRIAS SUTIS

— Beleza, a sua cozinha
— Obrigado, eu. . .
— É você quem cozinha sempre ou . . .
— Não, não. Tem uma senhora que vem arrumar o apartamento e sempre deixa um prato feito na geladeira. Sou cozinheiro de fim de semana. Marinheiro de. . . Como é mesmo que se diz?
— O que?
— Doce.
— Eu?
— Água doce. Marinheiro de água doce. Você quer esperar na sala enquanto eu. . .
— Fico aqui com você. A menos que. . .
— Não, pode ficar. Quem sabe a gente já abre o vinho e fica bebericando enquanto eu. . .
— Adoro bebericar. Uma beleza, o seu abridor.
— Obrigado. Este vinho precisa respirar um pouco antes de ser servido. Pode parecer bobagem mas. . .
— Não, não. Respirar é das coisas mais importantes que existem.
— Ele precisa estar na temperatura ambiente.
— Adoro a temperatura ambiente.
— Você está disposta a experimentar o meu bobó?
— O seu. . .
— Bobó do camarão. Minha especialidade.
— Ah, claro. Não foi para isto que você me convidou? Adoro bobó.
— Você já comeu alguma vez?
— Nunca. Mas adoro.
— Olha o vinho.
— Mmmm. . . Epa!
— Desculpa. Estou um pouco nervoso. Sabe como é, a responsabilidade. Você pode não gostar do meu. . .
— Bobo.
— Bobó.
— Bobo é você. Vou adorar o seu bobó.
— Será que o vinho vai manchar o seu vestido?
— Não. Em todo o caso. . .
— Quem sabe um pano com água quente? É só esquentar a água e. . .
— Adoro tudo que é quente. Uma beleza a sua chaleira.
— Enquanto isto, vou preparando os ingredientes. Deixa ver. Pimentinha. . .
— Sim?
— Não, eu disse "pimentinha".

— Não me diz que leva pimenta!
— Leva. Você não gosta?
— Adoró!
— É da braba.
— Ui! Você, hein? Com esse jeito tímido. . . Só de ouvir falar em pimenta, fiquei toda arrepiada. Passa a mão aqui. . .
— É mesmo. Que estranho. Só de ouvir falar em pimenta. . .
— Mal posso esperar o seu bobó.
— Calma, calma.
— Demora muito?
— Se você me der uma mão. . . Na geladeira, na parte de baixo, estão os camarões. . . Você vai ter que se abaixar um pouco e. . .
— Beleza a sua geladeira. Foi você que assobiou?
— Não, foi a minha chaleira. Mas. . .
— Sim?
— Eu concordo com ela.
— Mmmm. . .
Os dois tinham fama de grandes conhecedores de vinho e nenhum dos dois se interessava em desmentir o equívoco, iam enganando a todos e um ao outro com a sua suposta cultura enológica. Que, como se sabe, só depende de ter uma pose, duas ou três frases e uma razoável pronúncia em frances. Mas aconteceu o seguinte: os dois foram almoçar juntos. Pela primeira vez, as duas falsas autoridades se encontravam diante de pratos e — suspense — copos vazios. Embora o motivo do almoço fosse outro, para todos os efeitos era um desafio. Qual dos dois entendia mais de vinhos?
— Não pediram aperitivos para não amortecer o paladar. Até aí eles sabiam. Fizeram sua escolha do cardápio. Os dois pediram carne. Depois um deles sugeriu, com estude indifferença:
— Quem sabe um vinhozinho?
— Claro — disse o outro, com naturalidade. Mas suave, temendo o desmascaramento. Fez uma rápida recapitulação mental de tudo o que realmente sabia sobre vinhos. Não daria para encher um copo. Mas não podia se entregar.
— Qual você prefere? — perguntou o outro, tomando a ofensiva. Também temia ser descoberto. Tinha um enorme livro sobre vinhos, impresso na Suíça em 117 cores, na mesa

Luis Fernando VERÍSSIMO

de centro da sua sala. Era para decoração, jamais o abria. Esperou a resposta do outro com ansiedade. O que fosse sugerido ele aceitaria em seguida. Era mais seguro. Depois, seria só uma questão de beber polidamente e fazer todos os ruídos apropriados até o fim do almoço. Mas o outro hesitou. Depois, riu e disse:
— Um tinto, claro.
— Claro — riu o primeiro, dando a entender que também achava graça da simulada inocência do outro. Com carne, vinho tinto. Até aí todos nós sabemos. O outro disse:
— Olha, para mim qualquer tinto seco está bem. Escolha você. O primeiro estremeceu. E agora? O maitre esperava o pedido, impassível. Resolveu blefar. Era a única saída. Audácia e surpresa, e o inimigo recusaria em desordem. Inventaria um nome frances qualquer, com a pronúncia correta para intimidar o outro, e esperaria a reação.
— O que você acha de um Cave de Mourville?
O outro nem piscou. Fez um ar de aprovação, mas sem muito entusiasmo. Tinha as suas dúvidas.
— Não sei. . . O último que provei me pareceu um pouco, sei lá. Reticente. Algo contido. E um Cave de Mourville não tem o direito de ser egoísta, você não concorda?
Epa. Era preciso ter cuidado. O primeiro comeu uma azeitona para reagrupar as suas forças. Reatacou:
— Você deve ter tomado em 57. Foi um péssimo ano para a região.
— Não, um 62.
— Impossível.
— Meu caro, não precisei nem olhar o rótulo. Conheço os meus 62 de olhos fechados.
A tensão era grande. O primeiro agora sabia que o outro era um farsante. Mas não podia descartar a possibilidade de que o outro entendia mesmo do assunto, pegara o seu blefe e agora o estava testando. Virou-se gravemente para o maitre e perguntou:
— O Cave de Mourville de vocês, de que ano é?
— Infelizmente, nosso último Cave de Mourville saiu ontem — disse o maitre, outro farsante.
E os dois, aliviados, gritaram ao mesmo tempo:
— Então traz uma mineral!

DIVERSIFICAÇÃO

João Roberto VASCONCELLOS

Seu Corálio Pitinga é um desse gaúchos de quatro costas que ainda conseguem teimosamente gambetear o tempo, não só pelo branco dos cabelos, principalmente pela resistência heróica a todo e qualquer modernismo que se apresente na sua frente. É homem de poucas braças de campo e passou toda a vida sitiado por grandes extensões. Comparando seu rancho de capim santa-fé com as estâncias da região, sua casa é o sonho de todo o CTG, pois tudo é autenticamente gaúcho. Um dos poucos modernismos que existe é um liquinho dado de presente num desses natais, quando os filhos que moram na cidade vem com crianças, sogras e namorados, além de bebidas e presentes para o grande ritual de comer carne de ovelha assada na sombra das árvores.
O resto do ano é aquela vida mansa e calma de seu Corálio, há dona Faustina, sua esposa há 48 anos, um negro velho criado junto com o dono da casa, desde gurí e uma população animal de quatro porcos, 19 galinhas (parece que esse número diminuiu depois da visita de uma raposa), meia dúzia de perús, cinco patos, uma gata com cria, um petiço doradilho, uma égua tordilha, uma ponta de 92 ovelhas, duas vacas de leite, sete novilhos, um tourinho aspado e uma junta de bois de canga. Ah, um cachorro guaipeca e uma cadelinha vira-lata que se aquerenciou faz um mês.
Esses dias seu Corálio recebeu a visita do agrônomo da cooperativa, que havia prometido uma visita ao velho gaúcho quando de sua última estada na cidade, onde recebeu a liquidação da safra de lã.
— Bom dia, seu Corálio, como passa o senhor?
— Buenos dias, doutor agrônomo. Vá se chegando no mês, que o rancho é pobre, mas o coração é rico e grande. Faustina, miavéia, prepare um mate que o doutor agrônomo tá aqui.
— Pois é isso, seu Corálio. E esse tempo?
— Tá todo desencilhado, doutor. Já não se entende mais nada. A seca quase nos pialou e depois a geada deu um coice na paciência. Mas que novidade tem lá no povo?
— Pouca coisa seu Corálio. Agora nós estamos empenhados numa campanha de diversificação e é sobre isso que eu queria conversar com o senhor.
— Nem de brinquedo, doutor.
— Mas deixe lhe explicar. Tudo foi estudado e planejado. . .
— Mas nem me fale. Então o senhor acha que um homem velho como eu, habilitado nestas lidas de campo vou aceitar essas tais de modernismo lá da cidade? Mas então o senhor não me conhece, doutor. Eu acho até que o senhor tá se fazendo de morto prá ganhá sapato novo.
— Não, eu só quero conversar com o senhor, que é uma pessoa inteligente e sabe que ninguém pode forçá-lo a fazer o que não quer. Com a diversificação o senhor pode diminuir os riscos com as secas e geadas e pode levar uma vida mais tranquila.
— Tá certo, mas até hoje eu não posso me queixar. Encaminhei os filhos e nunca precisei comprar dinheiro em banco, pois banco prá mim é uma casa de comércio que vende dinheiro. E vende dinheiro caro.
— Mas tudo seria feito dentro de um planejamento global, seu Corálio. O senhor quer ver uma coisa. Existem ítems da diversificação que não exigem altos investimentos. Por exemplo: A apicultura ou criação de abelhas, dá um excelente resultado. O seu pomar pode ser aumentado, a sua horta também. Com uma boa chocadeira a sua produção de pintos seria muito maior. Com gado leiteiro o seu ganho seria diferente e aqui nesta várzea até que cabia um pouquinho de arroz. O que é senhor me diz?
— Eu não digo nada por agora. É que eu, por gosto, por natureza não gosto de mudar. Olha, doutor, talvez eu nem devesse lhe dizer, mas já que eu estou vendo que o senhor é uma alma de boa paz, eu vou lhe contar porque não gosto de diversar as coisas. Faustina, vai lá dentro servir um docinho de batata pro doutor agrônomo.
Pois, olha, seu doutor, quando eu era galo novo e tinha mais ou menos a sua idade, eu já era casado e inventei de fazer isso que vocês chamam de diversar.
— Diversificar. . .
— Isso mesmo, que naquele tempo se dizia variar. Pois foi uma reunião de carreira que uma chinóca abanou as tranças pro meu lado e depois nem le conto.
— Deu zerba, seu Corálio.
— Deu zebra, capricho, mutuca, camoatim, tudo de uma vez. Le digo, a Faustina é uma zorrilha de braba.
— Hi, hi, hi. . .
— O senhor ri porque não tava no meu coro. Por isso eu le digo que este assunto de diversi-diversi-f-cação fica prá outra oportunidade, porque o senhor sabe que cachorro que um dia mordido de cobra, depois dispara até de linguça.
— É, essas coisas acontecem.
— Mas não le perco a caminhada, doutor. Me diga uma coisa, essas abelhas que o senhor falou não são das tal africanas? Outra coisa, será que no pé daquela coxilha ali não dá pra fazer uma barragemzinha? O senhor me faz um pedidos de mudas de árvores de frutas prá cooperativa? E será que agora na exposição o senhor me ajuda a escolher umas vaquinhas de leite?

A ETERNIDADE DO HOMEM ANTE A MITOLOGIA

O destino fatal de tudo o que vive é a morte, essa deusa inexorável, onisciente e onipresente, que onde quer que nos ocultemos sempre nos encontrará para tomar posse de nosso corpo. Morrer, no entanto, não chega a ser o pior. Apesar do homem ser o único animal que sabe que um dia vai morrer, ele não se desespera. Há no homem uma espécie de instinto de eternidade que o projeta sempre para o amanhã; e a morte é apenas aquilo que acontece com os ou-

tros...

O homem nasce, cresce e envelhece. Tudo acontece em fases distintas, compassadas, até que a morte realmente acontece por sucessão natural, em substituição à vida. Esse é o destino dos homens.

Cruel foi o destino de Títonus, deus da mitologia grega. Quando jovem e atraente, Aurora, deusa da madrugada, cujos dedos distribuíam rosas, por ele se apaixonara. Em sua paixão, Aurora implorou a Júpiter

que fizesse seu amado imortal. Mas, esquecimento fatal: não lhe pediu que o mantivesse eternamente jovem. E Títonus envelheceu. Seus membros tornaram-se trôpegos e, com o tempo, não mais o podiam sustentar.

Conclusão: Títonus não morria, mas também não vivia. Aurora o tinha vivo, mas enquanto outras gerações nasciam, cresciam, envelheciam e morriam, Títonus era sempre o mesmo. Um dia Aurora cansou-se e o transformou em gafanhoto.

NOSSOS VALOROSOS AGRICULTORES

Simbolicamente, conforme se vê na narração anterior, ao transformar seu envelhecido amado em gafanhoto, Aurora o considerou uma praga. E nos tempos antigos, nenhuma praga era mais nociva do que os gafanhotos. Como a mitologia tem muito de verdades ocultas, é de se admitir que nos bárbaros tempos de Títonus a velhice não recebesse o respeito e o carinho que merece dos mais jovens.

Nesta reportagem, o COTRIJORNAL mostra o dia-a-dia de cinco velhos, quatro homens e uma mulher. Suas idades oscilam entre os 73 e 84 anos. Praticamente já nasceram trabalhando e continuam trabalhando hoje, tão satisfeitos e joviais quanto é possível em tão avançadas idades. E o que é mais importante: prova que o homem e a mulher, quando amadurecidos no trabalho, não sentem o peso dos

anos. Eles produzem hoje quase tanto quanto o produziam em plena mocidade. É a lição que pretendemos tirar desta reportagem.

É possível constatar também, que o homem do interior leva uma vida bem mais ativa do que seus semelhantes da cidade. Enquanto o cidadão que habita os centros urbanos pode ser quase que um inútil já aos 60 anos, é comum o homem caalejado no trabalho nobre da

agricultura alcançar os 100 anos em plena atividade.

Como os carvalhos gigantescos que somam centenários, sempre proporcionando sombra e purificando o ar que respiramos, assim também nossos valorosos agricultores e pecuaristas morrem de pé, sempre na faina incessante de produzir alimentos para os homens da cidade.

O carro pára em frente da casa. O ancião, que conversava com a esposa, sob o alpendre, salta da cadeira e dirige-se a passos rápidos para receber os visitantes.

A barba, completamente branca e espessa, cobre os sulcos profundos cavados no rosto do homem que tem muitos janelos sobre os ombros. Mas seu andar firme e a voz timbrando segura, mostra que estamos diante de um verdadeiro agricultor.

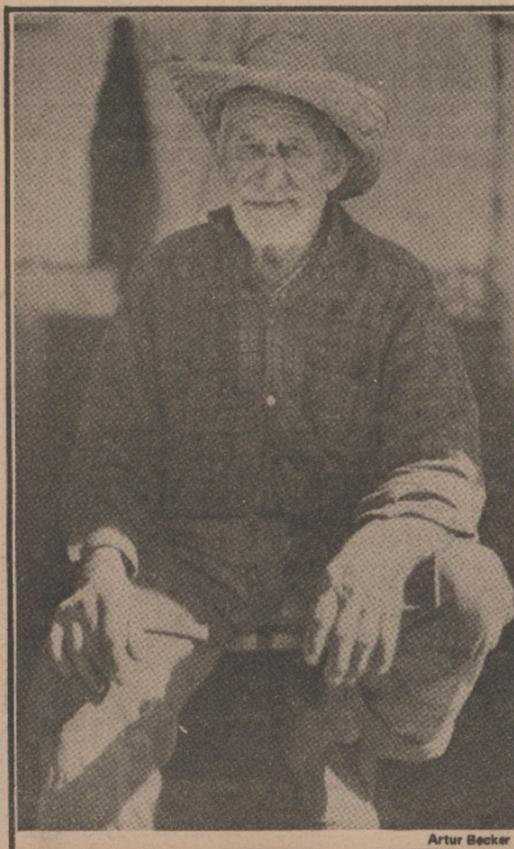
— É aqui que mora o seu Artur Becker?

— Tá falando com ele! Nascido em São Sebastião do Caf em 1894, veio para Ijuí aos 14 anos de idade, portanto, em 1908. É casado com dona Ema, com quem teve três filhos. A família deu nome ao lugar onde moram: Rincão dos Becker.

A agricultura, praticada em cerca de 40 hectares, é trabalhada pelos filhos, todos casados. Mas o seu Artur, que além dos 84 anos nas costas já foi paciente de sete operações (três vezes de rendimento — hérnia — duas dos intestinos e duas da bexiga), dedica-se a produção leiteira, cuidando de quatro vacas jersey, cuja média de produção por animal é de 14 litros.

Quando lhe perguntamos se não pretendia comprar uma ordenhadeira para diminuir seu esforço, explodiu: qual nada, não sou aleijado. Tenho mãos e força de sobra pra tirá esse pingo de leite...

ARTUR BECKER: 84 ANOS DE LUTA E DISPOSIÇÃO



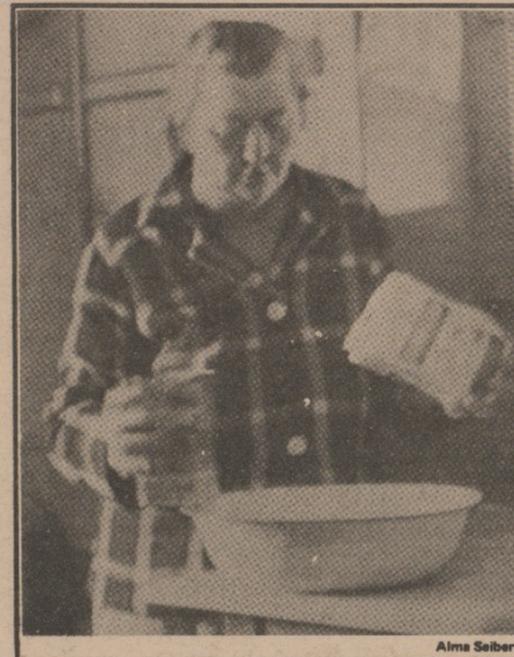
Artur Becker

ALMA SEIBERT AJUDOU A DERRUBAR MUTTO MATO

Alma Seibert está viúva do falecido Júlio Seibert, já há dois anos. Mora sozinha numa casa de regular tamanho, em Arroio das Antas, interior de Ijuí. Apesar da boa vizinhança, que lhe visitam todos os dias, ela sente a solidão. E mais do que solidão, saudade do marido morto, com quem conviveu por mais de 60 anos.

Mas para compensar o fato de viver só, trabalha o dia inteiro na lida caseira. Faz pão, doces (ximia), arruma a casa e ainda cuida de animais domésticos.

Dona Alma, que é nascida em Santa Cruz do Sul, vive em Arroio das Antas desde 1915. Naquele tempo, diz ela num português carregado de sotaque alemão, "isto aqui era quase tudo mato. Mas a gente tinha que plantar. Então, o recuso era derrubar o mato e queimar a madeira. Eram tempos de trabalho, de muita luta e sacrifício, mas a gente tinha muita força e amava o trabalho. Por isso, sobrevivia. Só quem trabalhava podia viver com dignidade. Agora não. Tem gente que consegue viver sem trabalhar. Eu não sei como conseguem".

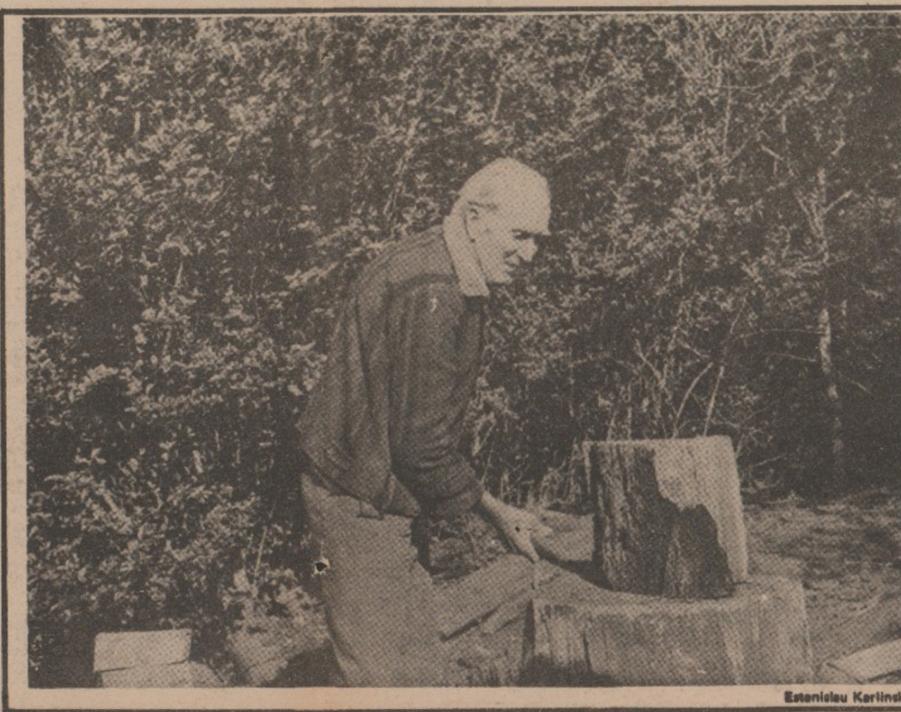


Alma Seibert

ESTANISLAU KARLINSKI, NA ENXADA COMO HÁ 70 ANOS

Estanislau Karlinski é também nascido em Ijuí, e recorda do trabalho que passou para aprender um pouco de português, percorrendo 12 quilômetros (ida e volta) para frequentar escola. Perto da casa só ensinavam alemão ou polonês. Mora na Linha 5 Leste. Casado com dona Josefa, é pai de 10 filhos, dentre eles Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí. Sete filhos ainda trabalham na agricultura. Nos tempos antigos, para aprimorar o português, assinou o Correio Serrano. Com 76 anos de idade, ainda hoje acorda cedo para escutar o noticiário. Considera seu maior vício, dar um cochilo (cesta) após o almoço. "Se eu não der uma dormidinha, me sinto mais pesado durante a tarde e meu trabalho não rende", diz seu Estanislau. Gosta da enxada e se sente mal se não pode trabalhar por um ou outro motivo. Lenha para a casa é cortada por ele mesmo, "não é só para tirar fotografia". Antes da mecanização a gente trabalhava de mais, hoje é mais fácil, diz ele, para afirmar que "o que ficou diferente é o custo

de tudo, desde o adubo, combustível, etc". Alguns meses depois de casado teve que seguir a Cruz Alta, para servir no 6º Regimento. Percorreu bastante o Estado, lutando contra a coluna Prestes.

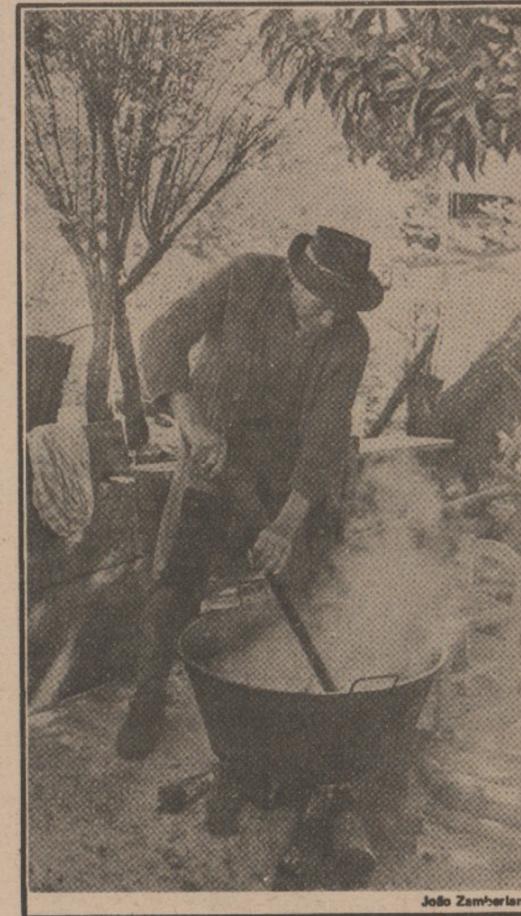


Estanislau Karlinski

JOÃO ZAMBERLAN NÃO REFUGA O TRABALHO

João Zamberlan mora há 77 anos na Linha 6 Leste, Ijuí, onde nasceu. Casado com dona Vitória, o casal tem 7 filhos, sendo cinco homens. Aposentado pelo FUNRURAL desde 1972, seu João conta que nunca chegou a frequentar escola, por isso lê com muita dificuldade.

Dificuldade assim mesmo menor da que enfrentavam os que na época atingiam idade escolar: percorrer quilômetros e quilômetros para aprender ou polonês, ou alemão ou português. Com essa avançada idade, ainda encontra forças para os serviços de lavoura. Proprietário de 41 hectares, planta com ajuda dos filhos. Seu João não refuga nada. Planta mandioca, milho, feijão, cuida das vacas e ajuda a companheira nos serviços mais caseiros, como é o caso da foto, quando cozinhava tocinho. "Nunca tive um só empregado, e hoje sou empregador", falou ao COTRIJORNAL, referindo-se às dimensões do módulo rural. Possuidor de saúde dita de ferro, João Zamberlan nunca precisou, em 77 anos, de serviços médicos. "Doutor e farmácia se deram mal comigo, pois nem chá de marcela eu tomo". Seus vícios, além de levantar cedo, são o chimarrão e o cigarro de palha. Estranha que hoje, com o auxílio da máquina, os homens tenham menos disposição e forças para trabalho do que quando tudo era feito à base de machado, arado e foice.



João Zamberlan

OS 73 ANOS DE HENRIQUE VARGAS

Seu Henrique Vargas, 73 anos de idade, gaúcho de Dom Pedrito, é proprietário de seis hectares e arrendatário de outros trinta, no Rincão do Barreto, 1º distrito. Cooperativista há 16 anos, tem orgulho em dizer que "nunca desviei um pelego".

Primeiro ele entregava a produção na Pedritense. Depois, com a encampação, ficou na COTRIJUI.

Sempre alegre e brincalhão, faz um ar de seriedade para afirmar que o cooperativismo melhorou muito com a chegada da COTRIJUI. E aproveita para dizer que "antes de morrer, coisa que ainda vai demorar muito, se Deus quiser, quero conhecer a sede da nossa cooperativa em Ijuí. Dizem que é muito bonita".

Sempre de botas e bombacha, seu Henrique vem todos os meses na cidade, comparecendo sempre na cooperativa para resolver "o assunto", rever os amigos e apanhar o COTRIJORNAL.

— Esse retrato que o senhor tirou vai sair no COTRIJORNAL? Ué. Não é só doutor ou granfino que aparece em jornal? Vai vê que o "nego véio tá ficando importante", brincou com o repórter.



Henrique Vargas

SEMINÁRIO EM AJURICABA ANALISA PROBLEMA SÓCIO ECONÔMICO DO PRODUTOR

A pouca terra, os juros altos para produzir alimentos, os preços exagerados das máquinas e dos insumos, a ausência de uma política de preços justos que garantam ao produtor tranquilidade para produzir, foram alguns dos assuntos tratados em Ajuricaba durante o seminário patrocinado pelo Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura, sob coordenação do Centro de Ciências Agrárias da FIDENE.



Vista parcial dos participantes do seminário de Ajuricaba. É o produtor debatendo em comum os seus problemas e tomando consciência dos problemas do vizinho.

Durante todo o dia 23 de agosto, 29 produtores do município de Ajuricaba estiveram reunidos no salão paroquial, naquela cidade, discutindo problemas sócio-econômicos e procurando encontrar soluções. Em forma de seminário, esse encontro teve a coordenação do Centro de Ciências Agrárias da FIDENE e o patrocínio do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério de Educação e Cultura.

FALTA TERRA

Dos 29 participantes, apenas dois são proprietários de áreas com mais de 100 hectares; cinco têm de 50 a 99 hectares e os demais 22 com áreas que variam de 8,5 a 45 hectares. A difícil situação que os produtores enfrentam em decorrência da política de preços mínimos, o não financiamento da semente própria, falta de controle sobre preços dos insumos e outros, ficou gravada pelo testemunho de um dos participantes, quando da discussão em grupo. Disse ele que casou há vinte anos. Nos primeiros quatro anos de vida conjugal, conseguiu se independizar do

pai e adquirir 40 hectares de terras. Teve filhos e um relativo progresso. Com o advento da monocultura, precisou mecanizar. Hoje, segundo ele, possui um monte de ferro velho em casa, está endividado e não tem uma só perspectiva de conseguir um pedaço de terra para cada um dos filhos. A solução seria vender tudo para pagar o que deve. Num outro grupo, uma frase dita por um agricultor foi escrita junto aos demais problemas levantados. "A gente trabalha sempre mais, produz bem e sobra sempre menos".

PRODUZIR? UM RISCO

Ficou caracterizado também nas discussões, que a exploração agrícola hoje se constitui num risco muito grande, com as garantias exigidas para obtenção de financiamentos e as sucessivas frustrações. O risco atinge inclusive o produtor e sua família, que as vezes têm que se desfazer de parte da terra ou máquinas para cobrir gastos de hospitais e médicos. Para caracterizar que o agricultor está se descapitalizando, foi dito que

hoje, para comprar 200 litros de óleo, são necessários recursos equivalentes a cinco sacos de soja. Até bem pouco tempo, dois sacos eram suficientes.

A SEMENTE

De forma geral, todos os grupos apontaram como problema sério o não financiamento de semente própria, o que vem onerar ainda mais os já altos custos da lavoura. Por que tantos intermediários nos insumos? Por que dar subsídio às indústrias de fertilizantes e em contrapartida, fixar preços mínimos muito aquém dos que seriam compensadores? Por que não financiar a semente própria? Estas e outras questões foram levantadas, tendo em vista a grande defasagem entre os custos dos insumos (altos) e os preços pagos ao produtor, considerados bastante baixos.

ALTERNATIVAS

Dentre as alternativas apresentadas pelos produtores, para viabilizar as pequenas e médias propriedades, foram citadas a reforma agrária e o crédito fundiário, como básicas. A volta do subsídio para o adubo e calcário, somente para os pequenos produtores. Alguns sugeriram voltar ao uso de implementos tração-animal e emprego de toda a mão-de-obra disponível à nível familiar, numa produção diversificada. Dessa forma, o agricultor aos poucos dependeria menos de capital financeiro, que custa juros muito altos.

Um dos enfoques do seminário era o de enumerar resultados positivos da boa administração numa propriedade agrícola, em continuidade ao trabalho que o Centro de Ciências Agrárias da FIDENE já desenvolve entre os produtores, mediante convênio com a COTRIJUI. Se nota que cada vez mais o produtor rural procura contabilizar seus custos, firmando posição para reivindicar preços justos para suas safras.

ASSOCIADO PEDE MAIS INFORMAÇÃO

Os diretores presidente e vice presidente da COTRIJUI, respectivamente Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews, debateram com médios e grandes produtores de Erval Seco, Braga, Santo Augusto, Redentora, Campo Novo e Coronel Bicaco, assuntos da vida da cooperativa, tendo em vista a necessidade de traçar rumos para o futuro.

Em continuidade às propostas que a direção apresentou ao quadro social na última assembléia geral ordinária, foram colocados detalhadamente, temas como Estrutura do Poder, Diversificação, Expansão da COTRIJUI e Capitalização.

Em forma de diálogo, uma vez que não houve propriamente uma palestra sobre os assuntos, mas debate, foram surgindo sugestões e levantados problemas que preocupam o quadro social daquela área. Para muitos, Ruben Ilgenfritz da Silva disse que a solução estaria na estrutura de organização da classe produtora, aconselhando a que fundassem o Sindicato dos Empregadores Rurais.

Especificamente na discussão da necessidade de aumentar o capital próprio da cooperativa, para que esta dependa cada vez menos de empréstimos, com altos custos, associados participantes propuseram as seguintes alternativas: capitalizar a bonificação da venda da semente de soja (Cr\$ 20,00) e descontar os três por cento sobre a soja. Para os que plantam trigo e soja, capitalizar 1,5 por cento, e para quem cultiva só soja, três por cento.

Os agricultores voltaram à sugerir que a cooperativa entre no mercado de peças (correias, rolamentos, etc.), principalmente para atender a região de Santo Augusto, pois os preços de comércio são muito altos. Pediram que sejam aumentados os níveis de informação, pois muitos ainda não sabem o que a cooperativa oferece ao quadro social. Às vezes encomendam peças de maquinário ou outros produtos de terceiros, por desconhecem que a cooperativa fornece por custo mais baixo.

A propósito desse assunto, estamos mostrando nessa edição parte dos serviços que a cooperativa já vem prestando ao quadro social.

Plantador de Soja!

Verifique aqui, os seus conhecimentos sobre o mais moderno herbicida para soja:

	CERTO	ERRADO
1. DUAL é um herbicida de pré-emergência (cobertura), dispensando a incorporação. O agricultor ganha tempo e dinheiro na hora de plantar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. DUAL é um herbicida altamente seletivo para soja. Não provoca fitotoxicidade (queimas) mesmo em dosagens elevadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. DUAL MIX representa a mistura no tanque do pulverizador de DUAL com outro herbicida para folha larga.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. DUAL não requer chuva após sua aplicação em solo úmido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. DUAL controla ervas daninhas de folhas estreitas e largas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. DUAL é o herbicida ideal para ser usado em plantio direto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. A umidade de plantio da soja é suficiente para o bom funcionamento de DUAL.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. DUAL é um dos poucos herbicidas que podem ser aplicados em conjunto com as operações de plantio e adubação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. DUAL é particularmente eficaz no controle da Brachiaria, (marmelada, papuá), Digitária (capim colchão ou milhã) e outras gramíneas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. A aplicação de DUAL conta com a assistência técnica Ciba-Geigy.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Dual O herbicida para soja.

Tão moderno que dispensa incorporação

RESPOSTAS:

1. Certo 2. Certo 3. Certo 4. Certo 5. Certo 6. Certo 7. Certo 8. Certo 9. Certo 10. Certo

A Ciba-Geigy Distribuidora S.A. P.O. Box 100, Santa Helena, São Paulo, SP. Quer saber mais sobre Dual, solicite o formulário.

Nome _____ Nº _____
Rua _____ CEP _____

ASSOCIADO! SAIBA O QUE SUA COOPERATIVA FAZ POR VOCÊ

Assistência técnica direta, armazenamento, comercialização, fiança para o repasse de financiamento, cartão de crédito, fornecimento de produtos a preços competitivos, assistência médica e odontológica subsidiadas, são apenas alguns dos serviços prestados pela cooperativa aos associados e familiares.

Num seminário de avaliação realizado há pouco no Nordeste, onde sem dúvida, o cooperativismo é ainda fraco, os participantes questionaram a atuação do cooperativismo na comunidade. A conclusão a que chegam foi de que o cooperativismo era parcela muito importante no contexto social. Se analisarmos então, a parcela de participação do sistema em termos de Brasil Sul ou do Rio Grande do Sul, então essa participação chega a ser preponderante.

É intenção do COTRI-JORNAL ir divulgando aos poucos, parte dos serviços que a COTRIJUI oferece a seus associados e dependentes. Mostramos nesta página uma síntese da ferragem e seção de peças que funciona junto a sede, em Ijuí. É muito importante que o associado fique sabendo o que a cooperativa faz por ele e os seus dependentes. O associado deve saber que a sua cooperativa não é apenas uma entidade onde ele entrega o produto da sua safra. Não, associado, ela é muito mais do que isso.

SEÇÃO DE PEÇAS

O quadro social da COTRIJUI não desconhece a existência na unidade-sede e em outras da área da coopera-

tiva, de uma seção de peças e ferragens especialmente montada para atender as necessidades dos cooperados, servindo de sustentação e segurança para o bom desempenho da lavoura e da colheita. No entanto, nem todos sabem que tipo de material a cooperativa dispõe para oferecer. Falando com os responsáveis pela seção de ferragens, a reportagem achou oportuno prestar alguns esclarecimentos aos associados, de forma à que essa prestação de serviços ocorra de forma a atender ainda melhor os interessados.

De início, queremos dizer que nas unidades, com exceção da sede, não é possível ter em estoque quantidades grandes de cada peça ou ferragens. No entanto, se o associa-

do solicitar algo que estiver em falta na sua unidade, de imediato o funcionário falará pelo rádio com a sede, fazendo a encomenda que seguirá pelo primeiro malote. Dependendo do volume, a entrega poderá demorar menos de 24 horas. Caso, por exemplo, seja um pneu para trator, será transportado pela primeira caminhonete ou caminhão que interligam as unidades da cooperativa distribuindo mercadorias para abastecimento das seções de consumo. Antes de relacionarmos, de forma genérica, o que a cooperativa dispõe, é bom lembrar que a mercadoria é toda ela procedente das próprias fábricas, as mesmas que fornecem para concessionários autorizados.

PEÇAS — A seção dispõe de peças para motores Perkins, MWM, Mercedes podendo atender pedidos de proprietários de tratores Valmet, Massey Ferguson e CBT.

CORREIAS — Fornece correias para toda a linha de automatizantes. Caso falte algum tipo, a própria seção faz a encomenda ao fornecedor autorizado, para bem atender o associado.

PNEUS — Iguamente toda a linha. Para tratores, cami-



Funcionários com experiência prestam serviços aos associados.

nhões e automóveis.

MANGUEIRAS — Uma variedade de tipos. Para canalização de água, mangueira de alta pressão, para tanques de combustíveis, e outras.

FERRAGENS — Em estoque ferramentaria agrícola e

mecânica.

Além disso, uma quantidade de outras peças e ferragens; eletrodomésticos, óleos lubrificantes, etc. Dê sua colaboração, sugerindo algo que pode ser melhorado no setor. Prestígie a sua cooperativa.

DISPONIBILIDADE DE FORRAGEIRAS

Os associados interessados em estabelecer pastagens de primavera-verão podem se dirigir as instalações da Cooperativa e solicitar a orientação do Departamento Técnico.

As variedades de forrageiras de primavera-verão mais recomendada são as seguintes:

Variedade	Época de semeadura	Densidade Kg/ha
ANUAIS		
Milho comum	Set. a Jan.	20 a 25
Sorgo Forrageiro	Set. a Jan.	15 a 20
Feijão Miúdo	Set. a Nov.	40 a 50
Lablab Rongai	Set. a Nov.	30 a 40
PERENES		
Panicum Gatton	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	8 a 10
Setária Kazungula	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	6 a 8
Rhodes Callides	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	10 a 12
Coastcross	Set. a Out.	Mudas
Pensacola	Set. a Out. ou Jan. a Jun.	20 a 25
Pasto Ramirez	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	12 a 15
Siratro	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	3
Desmódio "Greenleaf"	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	2
Galactia Striata	Set. a Out. ou Jan. a Fev.	4
Alfafa Crioula	Set. a Out.	15

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

ANUAIS

— 20kg/ha de Milheto Comum com 40 Kg/ha de Feijão Miúdo ou 30 Kg/ha de Lablab Rongai.

— 15 Kg/ha de Sorgo Forrageiro 988 com 40 Kg/ha de Feijão Miúdo ou 30 Kg/ha de Lablab Rongai.

PERENES

— 8 kg/ha de Panicum Gatton com 2 Kg/ha de Desmódio ou 3 Kg/ha de Siratro.

— 10 Kg/ha de Rhodes Callide com 2 Kg/ha de Desmódio ou 3 Kg/ha de Siratro.

— 6 Kg/ha de Setária Kazungula com 2 Kg/ha de Desmódio ou 3 Kg/ha de Siratro.

— Mudanças de Coastcross-1 com 2 Kg/ha de Siratro ou 2 Kg/ha de Trevo Branco.

ESPÉCIES RECOMENDADAS PARA ENSILAGEM

Os associados que irão realizar a ensilagem podem semear Milho Agroceres-28, Sorgo-944 ou Milheto Comum. A semeadura deve ser feita entre linhas afastadas de 80 cm para que a ensiladeira (máquinas que cortam o pasto, picam e colocam dentro do carroção) possam colher as plantas sem provocar a perda de forragens. Maiores detalhes os associados podem obter junto ao Departamento Técnico.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu prá comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucros e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está garantido pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

CRESCIMENTO POPULACIONAL E NECESSIDADES DE PRODUÇÃO

O diretor-geral das Indústrias Luchsinger Madörin S.A. (Adu-bos Trevo), sr. Elmiro Lindemann, proferiu palestra dia 18 de agosto no auditório da COTRIJUI, em Ijuí, sob o tema crescimento populacional e a necessidade de alimentos, atendendo convite da diretoria da cooperativa. Discorreu sobre seus estudos, experiências de viagens e projetou uma parte do que o complexo industrial que dirige vem fazendo no sentido de aproveitar racional e rapidamente, os meios de produzir mais alimentos para a humanidade, que cresce em grandes proporções. Damos aqui uma síntese do que falou o sr. Elmiro Lindemann aos diretores e quadro de assessores e técnicos da COTRIJUI.

EXPLOÇÃO DEMOGRÁFICA

A raça humana vem se multiplicando em progressão geométrica. Após a era dos grandes descobrimentos (meados do século 17), a população era constituída por apenas 520 mil habitantes. Hoje, ao final do século vinte, somos quatro

bilhões e as previsões indicam que no século XXI (ano 2.000), seremos seis bilhões, e 290 milhões). Considerando apenas algumas das grandes cidades latino-americanas, Elmiro Lindemann apresentou o seguinte gráfico sobre a explosão urbana:

A EXPLOÇÃO URBANA LATINO-AMERICANA EM MILHÕES DE HABITANTES

CIDADE	1970	1980	2.000
Cidade do México	8,6	13,6	31,7
Buenos Aires	8,4	10,2	14,1
São Paulo	7,8	12,3	24,7
Rio de Janeiro	6,8	9,6	17,6
Lima	3,3	4,7	9,2
Santiago	2,9	3,9	6,7
Caracas	2,1	3,2	6,5

FONTE: Diário de São Paulo - 30/11/1976.

NECESSIDADE DE ALIMENTOS

O homem lutou durante séculos contra a fome. Com a instauração da paz mundial, imposta depois da Segunda Guerra, nasceu a esperança de vencer a luta, asseguran-

do a provisão de alimentos para um período maior.

Em 1961, a humanidade dispunha de alimentos para comer durante noventa e um dias, e hoje as reservas são estimadas para apenas 26 dias. A causa desta situação agrava-

vante é a explosão demográfica. Segundo as estatísticas, nascem diariamente pelo menos 200 mil pessoas. Com o crescimento da demanda e a retração na oferta de alimentos, a fome poderá se agravar cada vez mais. Em outro gráfico, extraído da revista Conjuntura Econômica, da Fundação Getúlio Vargas, o palestrante mostrou que a partir de 1973, portanto há cinco anos, a produção de alimentos no mundo se mostra inalterada, enquanto a população cresce nos índices já citados.

Diante desse quadro, enfatizou Lindemann que a necessidade de produção de alimentos é premente. Ou o homem produz, ou a raça humana correrá o risco de se auto-destruir. Há disponibilidade de área cultivável para produzir alimentos. Falta-nos recursos ou melhor distribuição dos mesmos. Sobre esse particular, se deteve, respondendo inclusive a perguntas. Falou de sua contribuição ao participar recentemente de importante reunião da Escola Superior de Guerra, onde, segundo disse, a conjuntura econômica brasileira é estudada com profundidade.

Industrial com larga experiência e disputando mercado com empresas multinacionais (a Trevo é nacional), Elmiro Lindemann diz também, mostrando dados extraídos do livro que a FAO lança anualmente com enfoques sobre a produção, que o fertilizante ocupa lugar de destaque como elemento do conjunto de fatores da produção. A relação consumo de nutrientes e produção, está na razão direta, isto é, países cujo consumo é elevado, a

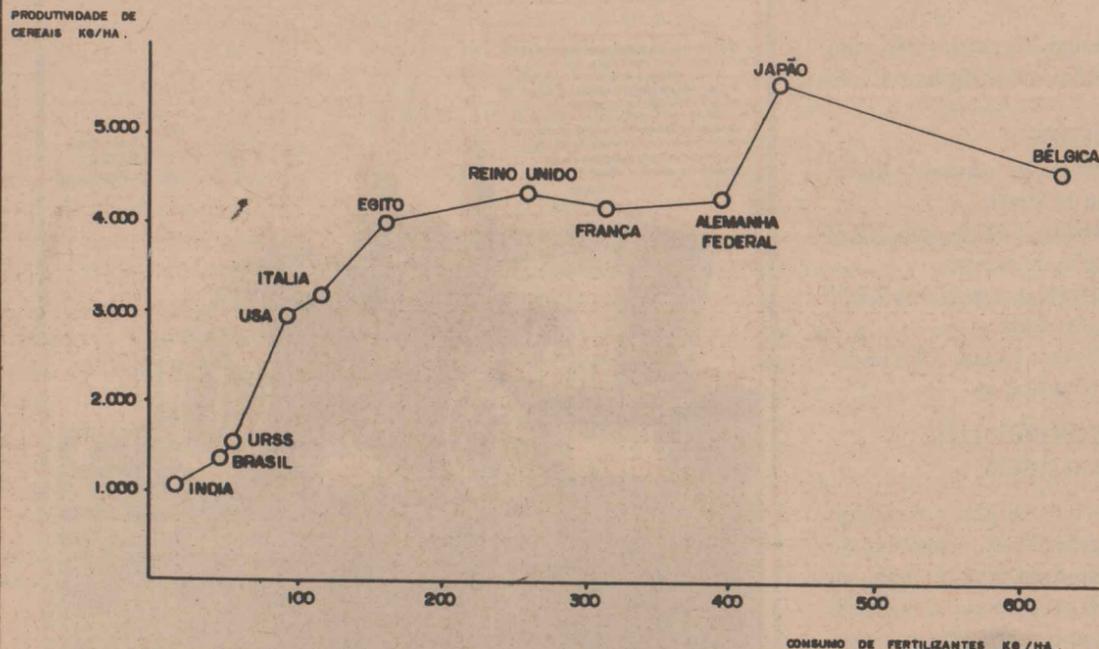


O palestrante ao lado do vice-presidente e diretores da COTRIJUI, e em baixo uma vista parcial do público que lotou o auditório da cooperativa.

produtividade é maior, consequentemente tem maior produção. Nos países desenvolvidos, a média de consumo de fertilizantes (NPK) foi de 109 kg/ha, enquanto nos chamados países em desenvolvimento, essa média atinge a somente 22 kg/ha. No Brasil, segundo a FAO, a média de consumo de fertilizantes nos anos de 1973/74 foi de 49 kg, oito quilos abaixo da média mundial. No gráfico, observa-se a razão direta entre produtividade de cereais (kg/ha) e o consumo de fertilizantes (kg/ha).

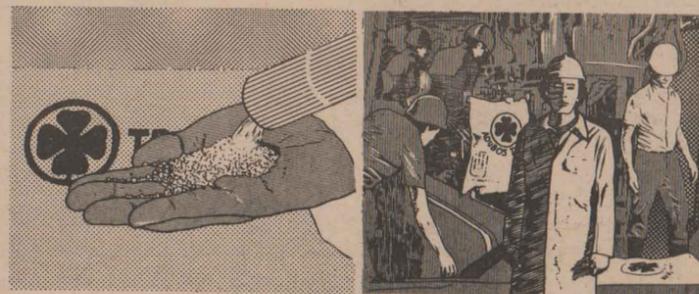
Na parte final de sua palestra, conclamando à técnicos agrícolas e pesquisadores para que façam frente ao desafio que significará alimentar a sempre crescente população mundial, Elmiro Lindemann discorreu sobre o Projeto Anitápolis, grande jazida de fosfato situada no Distrito de Altos do Rio Pinheiros, município de Anitápolis, Santa Catarina. Na descrição do projeto, com investimentos totais previsto de U\$ 150.000.000 (cento e cinquenta milhões de dólares), já se prevê o início de produção para o ano de 1983. Destacando a importância do projeto Anitápolis, Lindemann concluiu que significará mais um passo para a auto-suficiência nacional da matéria-prima básica para a indústria de fertilizantes, a partir da qual se obtém insumos básicos para a agricultura, como superfosfato simples e triplo, ácido fosfórico, monoamônio fosfato, diamônio fosfato e outros. O Projeto Anitápolis está sendo desenvolvido por capital privado nacional.

MAIS FERTILIZANTES = MAIOR PRODUTIVIDADE



FONTE: FAO PRODUCTION YEAR BOOK 1974.

Adubos Trevo, há quase meio século à serviço da agricultura brasileira.



Adubos Trevo tem fábricas em Rio Grande, Porto Alegre, Paranaguá e Cubatão, produzindo fertilizantes com a garantia de uma fórmula sempre correta. Porque tem fábricas junto aos maiores portos exportadores do país e centros de distribuição



junto às principais áreas agrícolas, a Trevo garante uma vantagem extra aos nossos agricultores: os mesmos caminhões que levam as safras, podem voltar trazendo o fertilizante. Isso representa menos fretes e mais economia de custos.

ADUBOS TREVO
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Escritório Central: Av. Júlio de Castilhos, 435
fone: 25-5455 - Porto Alegre - RS

TECNOLOGIA PARA DESENVOLVIMENTO

Dia 24 de agosto esteve em Ijuí o professor Rogério Cerqueira Leite, coordenador e presidente do conselho de administração da CODETEC — Companhia de Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Campinas, estado de São Paulo. Com cursos de especialização no exterior, várias obras publicadas e um dos expoentes no que concerne a propor e criar nova tecnologia para o crescente desenvolvimento populacional, frente à difícil situação energética e de alimentos para a sempre crescente população, o dr. Cerqueira Leite proferiu palestra na FIDENE. Nesta página damos uma síntese de suas idéias e a proposta que acredita ser a saída para o nosso mundo.

Para que a população mundial se sinta saturada, atingiremos 20 bilhões de pessoas, ou seja, cinco vezes a população atual. Hoje, um cidadão norte-americano consome até 40 vezes o que consome um tailandês. E é muito difícil que os países desenvolvidos abdicuem do nível que atingiram, sendo mais fácil que os sub-desenvolvidos ou em desenvolvimento evoluam. Dentro de algumas décadas os minérios terão terminado e o mundo vai necessitar de mais energia. Triste é a realidade atual. Temos que prover meios para enfrentar o desafio. A própria natureza se recusará a fornecer alimentos para uma população saturada. E para a tecnologia de hoje, os recursos são insuficientes. Temos que encontrar uma saída, e esta está na tecnologia. Novos recursos, mais conhecimentos, criando um ambiente para a crescente população.

Fala-se muito em liberdade, democracia. Só se pode usufruir delas se tivermos comida. Hoje, 85 por cento da população mundial está no terceiro nível, em condições indignas de vida. Mas no futuro o homem não vai viver mais como animal, ele próprio exigirá recursos.

Está errado quem pensa que os acordos entre Nações, de ajuda mútua, são tratados de amizade. As nações não constituem grupos de amigos, mas de empresários. Os Estados Unidos, para manter seu

“status”, têm que tirar algo de algum lugar.

ESCRAVATURA OU TECNOLOGIA

Diante desse estado de coisas, há duas saídas: a escravidão ou a tecnologia. E hoje, no Brasil, ainda temos regime de trabalho escravo. O salário mínimo nada mais é do que isso. Fico indignado quando vejo uma proposta de lavoura com mão de obra intensiva. O homem que trabalha na agricultura tem que ter um mínimo de dignidade. A mão que sabe escrever não quer mais a enxada. Hoje ainda podemos aceitar sistemas semi-feudais, mas no futuro não. Ou a produção é feita de maneira altamente tecnificada, ou o produtor aceitará viver em situação animalésca.

O BRASIL NO CONTEXTO

Em nosso país, a indústria automobilística pertence nos seus 100 por cento à empresas de fora; eletrodomésticos, 80 por cento; comunicação e eletrônica, 80 por cento; indústria de alimentos, 70 por cento de domínio multinacional; cigarros, 100 por cento nas mãos de empresas estrangeiras; vidro, igualmente 100 por cento, e assim por diante. E quem trabalha nessas multinacionais? Somos nós, brasileiros. E o que é pior, o capital também é brasileiro. Como se explica então que tudo esteja nas mãos do estrangeiro? Nunca uma companhia de capital estrangeiro entrou com capital

de risco. E hoje, nosso déficit, nossa dívida com o exterior é de 40 bilhões de dólares. Neste ano de 1978, vamos exportar U\$ 11 bilhões. Da dívida, conseguiremos pagar apenas U\$ 7 bilhões. Então, em 1979, vamos dever ainda mais. Qualquer firma, nessas condições, vai à falência.

Vejamos a seguir, o que as multinacionais prometiam para se instalar aqui. Capital, não trouxeram. Tecnologia, também não. O que esses grupos fazem — e fizeram — é trazer meios de melhorar seus produtos. Nós não aprendemos a conhecer tudo para ter condições de inovar por conta própria. Mas as multinacionais também trariam conhecimento gerencial. Sabemos que os dirigentes estrangeiros vindos não funcionaram, e hoje até as gerências das multinacionais são ocupadas por brasileiros. Em contrapartida, a empresa brasileira se vê obrigada a comprar tecnologia no exterior. E na maior parte das vezes, só compra, não usa.

O Brasil é o único país no mundo que não protege sua empresa, tendo chegado a forçar a venda de empresas nacionais para grupos de fora. Por essas coisas, estamos hoje aceitando uma nova colonização; a colonização tecnológica.

DEBATE

A seguir algumas declarações de Rogério Cerqueira Leite, em resposta às muitas e variadas perguntas que lhe foram feitas, em seguida à palestra.

A mecanização é para agora, mas tem que ser programada. Há profissões que não só cansam o físico, mas degradam o intelecto. Com emprego de tecnologia avançada, a produção vai continuar.

O Brasil, a cada ano, pede novo empréstimo para saldar a sua dívida. Hoje, nem



Professor Cerqueira Leite, consciente dos males de nossa dependência tecnológica.

podemos mais impedir o que teríamos de impedir. Algumas multinacionais fazem exigências, e temos que aceitar. Nossa situação de subserviência é tal, que não podemos mais expulsar as multinacionais. Precisamos estabelecer limites, com vistas ao nosso crescimento interno. Por exemplo: proibir a expansão da indústria farmacêutica (estrangeira) até que a nacional atinja pelo menos 40 por cento do mercado. Há necessidade de estabelecer as regras do jogo por escrito, e depois cumprí-las. No caso do Japão, mesmo com a grande ajuda norte-americana, apenas um por cento do capital é de fora. Eles desenvolveram sua

tecnologia.

Tecnologia é parcela da educação do homem, quando ele próprio é capaz de fazer. Vejam o caso da Alemanha, totalmente destruída na guerra. Como os homens que a haviam construído estavam lá, foi possível a reconstrução.

Ao final de suas palavras, o professor Rogério Cerqueira Leite afirmou que as transnacionais brigam entre si, disputando o Brasil como mercado, como se nosso País fosse já uma terra de ninguém. LEIA NA PÁGINA 3 EDITORIAL INTITULADO "A INFLAÇÃO BRASILEIRA E A TERRÍVEL CULPA DOS AGRICULTORES".

Plantador de milho!

Até a 1ª capina você já perdeu mais de 10 sacos de sua produção por hectare...

- As ervas daninhas concorrem com o milho principalmente nos trinta primeiros dias da cultura (*)
- Em períodos muito chuvosos torna-se impossível a entrada das máquinas na lavoura, atrasando consideravelmente a 1ª capina.

...e depois da 1ª capina você poderá perder ainda mais!

- As capinas mecânicas provocam sérios danos no sistema radicular do milho.
- As ervas daninhas que sobrevivem nas linhas continuarão competindo com a cultura.
- Os repasses voltarão a danificar as raízes do milho.

Primextra
Herbicida para milho que elimina a 1ª capina e todos os repasses do milho.



CIBA-GEIGY
Telefone 41-1166
Porto Alegre

(*) Estudo sobre a competição das plantas daninhas na cultura do milho (Zea mays L.). Determinação do período de competição. An. Inst. Biol. São Paulo, 43 (1/4): 105-114, Jul./Dez., 1976. Artigo 19 de autoria dos Engenheiros Agrônomos H. García Blanco, J. B. M. Araújo e D. A. Oliveira.



Vista parcial do público, que lotou a sala 200 da Fidene.

PRESIDENTE DO BNCC QUER COOPERATIVAS MAIS FORTES NA COMERCIALIZAÇÃO

Em longa entrevista concedida ao "Correio Braziliense", de Brasília, edição de 20 último, o presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, sr. Marcos Pessoa Duarte, disse que "deverá ser criada ainda este ano, a Fundação das Cooperativas Brasileiras".

Nessa entrevista o presidente do BNCC esclareceu alguns pontos levantados por uma pesquisa recentemente divulgada, na qual se constatou as dificuldades financeiras e administrativas de muitas cooperativas. Assinalou o entrevistado, por exemplo, que o meio rural brasileiro não somente está descapitalizado mas também endividado.

Pessoa Duarte aponta a necessidade urgente do fortalecimento do modelo cooperativista, como a única forma de salvar o homem do campo. Ressaltou mais adiante o entrevistado, que apesar das

dificuldades por que passam as cooperativas, mesmo assim, em alguns casos, elas tem prestado serviços relevantes ao País, até mesmo em funções que deveriam ser executadas pelo próprio Governo. Elas dão assistência médica, escolar e habitacional a seus associados; fazem repasses financeiros colaborando com os bancos, principalmente os Bancos do Brasil e de Crédito Cooperativo.

Outro destaque de sua entrevista ao jornal brasiliense foi relacionado com problemas que afetam a comercialização dos produtos agropecuários. A questão da circulação interna desses produtos, com todos seus problemas crônicos, ressaltou o sr. Marcos Pessoa Duarte, está a indicar que "necessitamos criar centrais de vendas diretamente ligadas às cooperativas e ao produtor".

ESPUMOSO REALIZARÁ SUA EXPOSIÇÃO EM OUTUBRO

Nos dias seis, sete e oito de outubro, Espumoso realizará a 5a. Exposição Regional Agro-Pecuária e Industrial.

Na mostra, os visitantes terão oportunidades de verificar o grande desenvolvimento ocorrido na região, notadamente nos setores agrícola e industrial.

A divulgação deste evento está sendo feito pelo Conselho Municipal de Turismo de Espumoso, que já promoveu a escolha da Rainha e Princesas da 5a. Exposição, respectivamente srts. Maria Vergínia Coletti, Vera Maria Pretto e Claudete Tatsch.

Elas terão a missão de colaborar com os organizadores no sentido de levar a todo o Estado a divulgação da Exposição em si e dos objetivos que determinaram a sua realização periódica.

Os preparativos para 5a. Exposição Regional Agro-Pecuária e Industrial continuam em ritmo acelerado.

O Conselho Municipal de Desenvolvimento Agrário, encarregado de organizá-la, por sua vez já criou as diversas comissões que o auxiliarão neste trabalho.

Também o Parque

de Exposições, um dos melhores do interior do Estado, está sendo preparado para o acontecimento.

Lá a Prefeitura está construindo amplas instalações sanitárias de alvenaria, recuperando cercas e mangueiras, ampliando a rede elétrica e realizando várias outras melhorias.

O CMDA está bastante entusiasmado e espera que esta mostra supere as anteriores.

Os interessados em locar estandes deverão escrever ao sr. Nagibe P. Maciel - Av. Angelo Macalós, 183 - fone 23 - Espumoso - RS.

MANUAL DO PLANTIO DIRETO

Numa edição da Livraria e Editora Agropecuária, de Porto Alegre, o ijuiense Lucenio Arno Schultz acaba de publicar o "Manual do Plantio Direto - Técnicas e Perspectivas". O professor Lucenio Schultz: é licenciado em letras, pertencente ao quadro docente da Fidene. Considerando-se que

é bem moderna a técnica do plantio direto no mundo e muito principalmente no Brasil, é ainda praticamente nula a bibliografia sobre o plantio direto. Por essa razão, a conclusão que se chega é que é relevante o empreendimento que redundou no lançamento do livro; 85 páginas.



LIDERES SINDICAIS RURAIS EXPÕEM PROBLEMAS PARA DEPUTADOS NA ASSEMBLÉIA

Quarenta líderes sindicais rurais do Estado do Rio Grande do Sul participaram dia 23 de agosto de reunião da Comissão de Saúde, Trabalho e Bem Estar Social da Assembleia Legislativa. Na oportunidade, Carlos Karlinski, presidente do SRT de Ijuí, fez uma série de reivindicações em nome da classe rural da Regional que representa. O COTRI-JORNAL dá uma síntese do pronunciamento que ele fez aos deputados integrantes da referida comissão.

"Atendendo solicitação dessa Comissão, participamos deste encontro no sentido de colaborar e apresentar sugestões, bem como reivindicações. Em primeiro lugar, vamos fazer uma listagem dos principais problemas com que nos defrontamos.

Com referência a situação previdenciária, enquadramento sindical, e a nova sistemática de unificação previdenciária, solicitamos:

a) Desvincular o enquadramento sindical de qualquer atendimento previdenciário; b) Que se estenda à família do agricultor os benefícios de previdência de acidente do trabalho; c) Que o FUNRURAL faça o pagamento por serviço prestado, a exemplo do INPS e que haja uma melhor fiscalização".

Karlinski também pediu mais controle sobre a classe médica, "a fim de prestarem atendimento mais humano. Sem querer antes receber pagamento, para depois cumprir sua obrigação profissional".

Outra importante reivindicação feita, e corroborada pelos demais líderes participantes, é a de que os sindicatos sejam isentos de encargos sociais, já que arcam com grandes despesas para manter uma melhor assistência aos seus associados. Carlos Karlinski ainda pediu à Comissão, "que se aproveite mais e melhor as estruturas existentes, mantidas com o dinheiro do povo, por exemplo: Posto de Saúde, agência do INPS, ambulatórios e hospitais". Ainda na área da saúde, sugeriu aos deputados membros da Comissão para que se intensifique um trabalho de medicina preventiva, onerando menos o povo que arca com pesados custos para manter sua saúde. A nível do grupo de sindicalistas rurais, as reivindicações consideradas mais importantes feitas à Comissão foram estas: Revogação da Memo-Circular 113, que torna o filho maior de 18 anos empregado do pai e pensão para viúvas de agricultores que passaram para esta condição ainda antes de 1972, portanto sem cobertura do FUNRURAL.

Agora é nossa

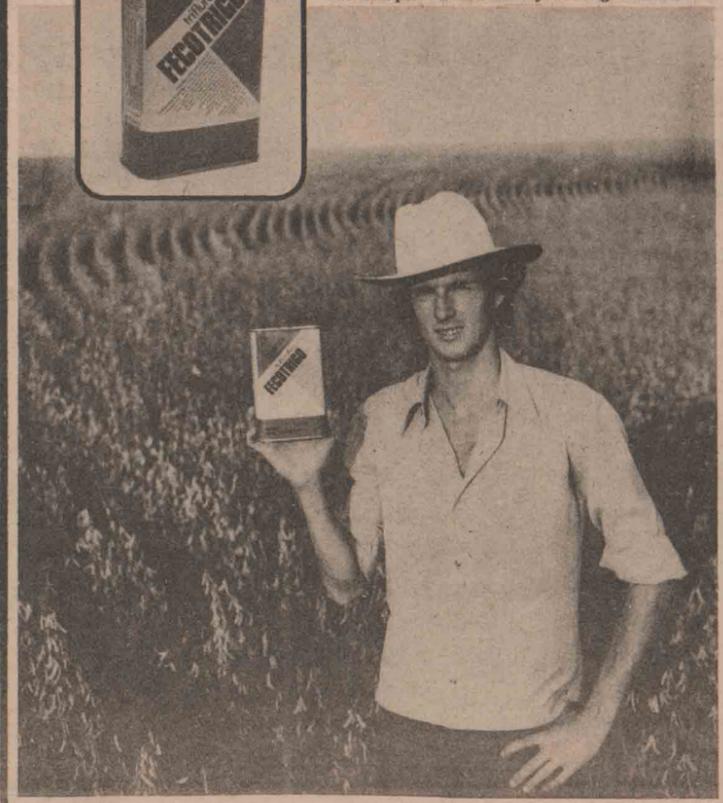
Trifluralina FECOTRIGO, o herbicida do agricultor



Quem cultiva uma lavoura como esta é capaz de produzir o seu próprio herbicida



Fabricado por - Indústria de Defensivos Agrícolas S/A



GERENTE DO BANCO DO BRASIL RECEPCIONADO COM ALMOÇO EM IJUÍ



Acompanhado da esposa, esteve em Ijuí a 18 de agosto, o gerente-adjunto da Carteria de Câmbio do Banco do Brasil, Agência de Porto Alegre, sr. Francisco Queiroz. O visitante, que é muito relacionado em Ijuí, foi recepcionado pela COTRIJUI com um almoço servido na sede da Associação dos Funcionários, na Linha 3 Oeste. Na foto que é uma vista parcial, o visitante ladeado pelo vice-presidente da cooperativa, sr. Arnaldo Oscar Drews e pelo gerente local do Banco do Brasil, sr. Ubirajara Mendes Serrão, aparecendo diversos funcionários graduados do Banco e diretores e técnicos da COTRIJUI.

TECNÓLOGOS QUEREM SUA ASSOCIAÇÃO

Reuniram-se no último dia 13 em Santa Maria, alunos dos cursos de tecnólogos em administração rural e cooperativismo. O objetivo da reunião era criação de uma associação destes profissionais. Estiveram presentes a este encontro estudantes da FIDENE de Ijuí, ASPES,

de Santana do Livramento, Universidade de Passo Fundo, e ainda estudantes da UFSM, que recepcionou o encontro.

Durante o transcorrer dos debates, o qual foi feito por cinco representantes de cada faculdade, sentiu-se a necessidade da formação

de uma associação para maior conagração dos novos profissionais.

Foi debatido ainda o aspecto dos objetivos dos cursos de tecnólogos, e sua importância dentro do contexto econômico e social.

PARA PESQUISADORES, CINTO DE SEGURANÇA AJUDA A VIVER

O cinto de segurança, definitivamente eficaz na prevenção de ferimentos e mortes em acidentes de automóveis, é ainda um dispositivo pouco utilizado. As justificativas por esse descuido são feitas, geralmente, através de argumento falsos e inadequados. As mais frequentes e infundadas desculpas usadas contra o uso de cinto de segurança são rebatidas, neste artigo, por sólidas análises de técnicos que contestam com estatísticas as afirmações que se seguem.

— Medo de ficar preso em um carro em chamas ou submerso. Este tipo de desastre é o menos provável. Em 10.000 acidentes que resultaram em ferimentos, uma pesquisa anotou a ocorrência de incêndio em apenas 0,2% dos casos e submersão 0,3%. Anote-se aqui as vantagens do portador do cinto de segurança não ficar inconsciente ou machucado com o choque e conseguir se desvencilhar de forma rápida e fácil.

— Medo de ficar preso dentro do carro acidentado. Estatísticas de milhares de acidentes provam ser cinco vezes maiores as probabilidades de se sofrer ferimentos mortais quando se é ejetado do que quando se fica dentro do veículo.

— Os cintos são desnecessários ao se trafegar perto de casa e a baixa velocidade. A quase metade dos acidentes fatais ocorre à velocidade de 65 Km/hora ou menos; 80% dos acidentes tem lugar num raio de 40 quilômetros das residências das vítimas.

— Os cintos são inúteis em acidentes e grande velocidade. O cinto de segurança, como qualquer dispositivo de proteção, tem um limite de ação e age nos casos onde haja possibilidade de sobrevivência, o que corresponde a quase metade das mortes em acidentes de tráfego. Entretanto, há registro de inúmeros casos de salvamentos pelo uso de cinto em colisões frontais a 110/hora. Numa breve amostragem, em quatro capotamentos à velocidade de 145 a 150 Km/hora os quatro motoristas se salvaram porque usavam cintos de segurança.

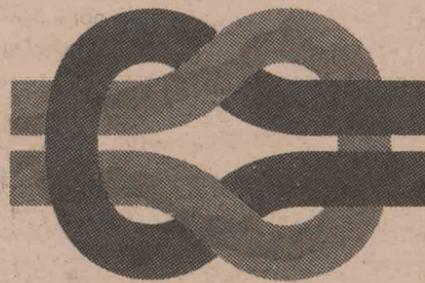
— Diminuição de liberdade de movimentos na direção. O uso do cinto de segurança, bem ajustado, compensa qualquer possível restrição física. Com o cinto evita-se deslizar no assento, sacudir violentamente em pavimentos irregulares e ser arremessado para a frente em caso de paradas súbitas.

Enfim, mediante a consulta a qualquer estatística, caem por terra todos os falsos argumentos contra o cinto de segurança que tem salvo milhares de vidas. No Brasil, apesar de obrigatório por lei, poucas pessoas aderiram ao seu uso. Apesar de sua eficiência ser definitivamente comprovada na diminuição das possibilidades de ferimentos ou morte nos acidentes.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

Para o bom uso dos cintos de segurança traçamos aqui algumas recomendações; habitue as crianças a usar os cintos explicando-lhes sua importância; afivele o cinto antes de pôr o carro em movimento para fazê-lo de forma segura e correta; inspecione-os periodicamente e substitua os danificados; o cinto de ombro deve ser usado conjugado ao de colo; o cinto de segurança leva alguns segundos para ser afivelado, mas apenas um instante para ser solto; o uso do cinto pode salvar sua vida e a de sua família; quando menos esperar você pode precisar dele. (Extraído de Notícias MOBIL).

Seja um dos nossos.



COTRIJUI
— A FORÇA DA UNIÃO.

BOM APROVEITAMENTO DAS REUNIÕES EM DOM PEDRITO

Desde que a COTRIJUI começou a atuar na região de Dom Pedrito, com a incorporação da Pedritense, o trabalho de interrelacionamento entre associados não poderia ser realizado na forma em que é feito na região pioneira, devido às grandes distâncias. Assim, para compensar a impossibilidade de

constituir núcleos geográficos, a cooperativa, através do setor de comunicação e educação, vem realizando reuniões pequenas no que diz respeito à número de participantes, mas com seis ou sete horas de duração. Em forma de mesa-redonda, os cooperados discutem seus problemas e encaminham sugges-

tões à administração da cooperativa. Para os encontros, o chamamento é feito por área de interesse, isto é: numa reunião onde o assunto central seja soja, serão convidados a participar os que se dedicam à essa cultura. E assim na carne, na lã, arroz.

Uma das fotos que ilustra

essa página, é uma vista parcial da reunião de pecuaristas. Produção extensiva, intensiva, raças, manejo, instalações, alimentação, sanidade animal, mercados interno e externo, foram assuntos discutidos pormenorizadamente na reunião. No outro encontro, pequenos produtores decidiram criar um sis-

tema de nucleação, com realização periódica de reuniões nas escolas. Por solicitação dos mesmos, os encontros contarão sempre com o apoio e participação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.



Pecuaristas debatem assuntos do setor, com os técnicos da cooperativa.



Escolas de Dom Pedrito estão servindo de ponto de encontro dos pequenos produtores associados da COTRIJUI.

TÉCNICOS QUEREM DIVERSIFICAÇÃO

Realizou-se entre os dias 9 e 11 de agosto, numa das dependências da Unidade Central da COOPATRIGO - Cooperativa Tritícola Regional Sãoluizense Ltda., - um encontro dos responsáveis pelos Departamentos Técnicos e de Educação e Comunicação das Cooperativas do Planalto Médio e Alto Uruguai.

Este encontro foi prestigiado pela presença de 42 cooperativas, inclusive do Vale do Taquari, Missões e do vizinho Estado de Santa Catarina.

Este tipo de reunião é coordenado pela FECOTRIGO, onde compareceram OCERGS, INCRA, EMATER, FIDENE, CEASA/SA, FAG e FDRH.

Na parte técnica, o assunto preponderante foi o da diversificação de culturas, como um novo dimensionamento estratégico, visando, principalmente, ampliar a atual fronteira agrícola. Neste sentido, observou-se que as experiências das cooperativas de Languirú e Encantado vem prestando assinalados serviços ao quadro as-

sociativo e otimizando resultados. No setor de educação, a representação da FIDENE apresentou um projeto de curso técnico-prático de comunicação e educação.

A COOPATRIGO, por sua vez, utilizando-se do rico manancial histórico, onde os padres jesuítas, de forma evangelizadora, entre os anos de 1610 e 1768, juntamente com os índios guaranis, vivenciaram uma realidade pré-cooperativa, apresentou a viabilidade econômica, técnica e jurídica de se implantar, a Universidade Cooperativa das Missões.

A COOPATRIGO, ao apresentar seu projeto, - como fonte de inspiração - foi buscar nesse passado uma realidade societária em que "a base de toda estrutura jurídica missionária era a religião; os pilares que se embutiam sobre esta base, sustentando todo o edifício, eram a propriedade coletiva e a solidariedade pessoal e igualdade econômica e, a armação constituía-se pelo Cabildo, organização municipal com raízes

no direito público espanhol".

E sob esse influxo, a COOPATRIGO sugere uma nova forma de educação, onde alunos e professores, seriam, ao mesmo tempo, donos e usuários do processo fundamental do conhecimento humano e, através da cooperação, numa sociedade livre e aberta ao pensamento de todas as correntes contemporâneas, a Universidade Cooperativa das Missões, iria rompendo a "mentalidade separatista, cristalizada e disfuncional" que existe no campo da educação.

Nesse sentido, o projeto que foi apoiado pelos presentes ao encontro de São Luiz Gonzaga, se propõe a construir pontes entre as comunidades, eis que, lamentavelmente, o modelo competitivo econômico tem trazido muitas distorções no que se relaciona a integração e, a Universidade Cooperativa das Missões, dentro da sua filosofia e como força atuante e comunitária, irá, aos poucos, corrigindo essas dicotomias.

SEVIMOL® atrai e mata as pragas da soja.



SEVIMOL é a formulação líquida do inseticida Sevin com melão.

Graças ao melão, atrai as mariposas e lagartas da soja, que morrem imediatamente. Mantém a soja livre de lagartas, vaquinhas e percevejos.

SEVIMOL é fácil de aplicar com qualquer equipamento.

É mais seguro, por sua baixa toxicidade. Mais eficiente e mais econômico, graças ao seu prolongado efeito residual, Sevimol assegura ao agricultor melhores colheitas e maiores lucros.

SEVIMOL tem a garantia da Union Carbide.



Divisão de Produtos Agropecuários

UNION CARBIDE DO BRASIL LTDA.
Avenida Paulista, 2073 - 24º andar - CEP 01395
Tel.: 289-6100 - C. Postal 30.362 - S. Paulo - SP

SEVIMOL® é marca registrada da UNION CARBIDE CORPORATION, USA, para o inseticida Carbaryl.

TÉCNICOS SE ENCONTRAM EM BAGÉ PARA DEBATER PROBLEMAS

Mais de 100 criadores dos municípios de Dom Pedrito, Pinheiro Machado e Bagé, participaram da promoção Dia de Campo, sobre técnicas gerais de manejo para gado de corte e ovinos, numa promoção do escritório local da EMATER/RS, de Bagé.

O Dia de Campo realizado no dia 10 de agosto, aconteceu na unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual — UEPAE, na Fazenda Cinco Cruzes da EMBRAPA, vinculada ao Ministério da Agricultura.

Na ocasião, os criadores da região tiveram a oportunidade de conhecer vários experimentos com pastagens forrageiras que estão sendo pesquisa-

das, seus índices de aproveitamento e a conseqüente adaptação na região. Na área animal, foram mostradas técnicas de manejo em bovinos e ovinos.

É pensamento do pessoal da EMBRAPA, que as pesquisas devem começar nos problemas dos produtores e terminar pelo menos na tentativa da solução desses problemas, principalmente aqui no Rio Grande do Sul, um estado que praticamente já limitou sua expansão de produção no sentido horizontal, por ocupação de área, surgindo então a necessidade de melhorar a produção no sentido vertical, ou seja, aumentar a produção, não com a incorporação da área, mas com o

uso de tecnologia.

É claro que nem todos os produtores podem usar toda a tecnologia disponível, que muitas vezes requer altos investimentos. Daí a necessidade de que todos os pesquisadores, sejam de órgãos oficiais, das universidades ou das próprias cooperativas, consigam nivelar os resultados em todos os graus de produção.

A UEPAE — Cinco Cruzes pensa realizar proximamente um dia de campo de gado leiteiro. Para isso, a unidade mantém uma equipe de pesquisa exclusivamente voltada para a pecuária leiteira, com várias tecnologias e excelentes níveis de produtividade.

A fazenda Cinco Cruzes possui uma área de 2.780 hectares, com uma população animal de quase cinco mil cabeças, entre bovinos e ovinos, divididos em 200 proteiros experimentais. Os trabalhos são desenvolvidos por 17 pesquisadores, incluindo o chefe da unidade, Joal Brazzale Leal, com especialista em solos, manejo de pastagens, melhoramento genético de animal, manejo animal, doenças parasitárias (verminoses) e reprodução, dando completa cobertura em todas as áreas de pesquisa. Essa equipe de técnicos funciona pelo sistema multi-disciplinar trabalhando em conjunto.

Outro detalhe importante sobre a UEPAE — Cinco Cruzes, é que ali surgiu o gado Ibagé, trabalho iniciado há 36 anos naquele estabelecimento que se situa como opção ao criador. Esse gado Ibagé, hoje

uma raça definida, está fixado no grau de sangue de 5/8 de Zebú (Nelore). Já existem mo-

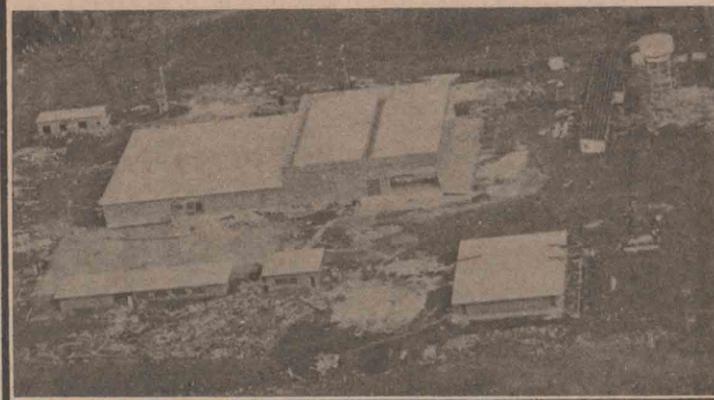
vimentos para organizarem uma associação de criadores e o conseqüente registro da raça.

JÁ EM FASE INDUSTRIAL A NOVA USINA DA CCGL

A Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL — já está operando parte de sua produção local na nova usina localizada no entroncamento da BR-285 com a rodovia Ijuí-Santo Augusto. A usina da CCGL, que está operando desde 30 de agosto, foi construída em tempo recorde de 10 meses. Apesar de concluída, seu funcionamento está em caráter experimental, devendo sua inauguração oficial acontecer somente no próximo mês de outubro, dentro das comemorações da Semana de Ijuí.

Na usina velha, antiga Cafrasa, a CCGL está recebendo ao redor de 33 mil litros de leite por dia. Parte desse montante é levado para a nova usina, onde é industrializado.

Segundo o diretor-vice-presidente, Rubem Wolf, até o final do corrente ano a nova usina deverá absorver uma produção diária entre os 80 mil a 100 mil litros. Na foto, vista aérea da usina.



Demonstração da vacinação intra-ruminal



Técnicos observam um experimento de forrageira de inverno

Treflan
o mata-mato
nunca
falhou

De uma coisa você pode estar certo. Graças ao Sistema Treflan, este agricultor não está sonhando com mato.



Todo agricultor sabe que um herbicida não pode ser eficiente apenas na palavra. Ele tem que ter Assistência Técnica o ano todo, antes e depois da compra. Tem que ter experiência comprovada. Tem que ser um produto que nunca falhou. Tem que ter o Controle de Qualidade Elanco. E para ter tudo isso, só o Sistema Treflan. Não existe nada igual. Quem proteje sua lavoura com o Sistema Treflan, além de dormir tranquilo, ainda fica com os lucros. Fale com o homem Elanco, seu Distribuidor ou o Engenheiro Agrônomo de sua Cooperativa.



ELANCO

Fabricante de: Treflan, Coban, Hygromix, Perflan, Surfian, Tylan e Trifluralina.

Treflan é indicado para as culturas de algodão, alho, amendoim, berinjela, brássicas (brócoli, couve-flor, couve-manteiga e repolho), café em formação, cebola de transplante, cenoura, citrus, feijão-vagem, girassol, mamona, mandioca, pimentão, quiabo, soja e tomate.

CUSTEIO DE LAVOURA E FINANCIAMENTO

O Banco Central divulgou dia 28 a Circular nº 391, enviada às instituições financeiras do Sistema Nacional de Crédito Rural, comunicando que, na concessão de financiamento de custeio agrícola, entre outras coisas, "o agricultor poderá, à vista do orçamento geral, beneficiar-se de até dois financiamentos distintos para cada exploração".

Segundo a assessoria do Banco Central, esta circular apenas normaliza a Resolução nº 489, do dia 16 último — reunião do Conselho Monetário Nacional — cujas normas sobre o "Manual do Crédito Rural" não devem ser prejudicadas pelos procedimentos agora fixados.

Os financiamentos de que trata a resolução são designados como "Crédito Principal", o primeiro, e "Crédito Complementar", o segundo, e o banco admite que sejam deferidos "concomitantemente ou em épocas diversas, por uma só ou por duas instituições financeiras".

A circular estabelece ainda que "a cobertura do PROAGRO ao crédito complementar só é admissível quando houver ocorrido adesão no instrumento referente ao crédito principal", salientando que "a adesão deverá ser formalizada expressamente no título alusivo a cada crédito".

A 391 determina que a fiscalização de ambos os créditos "será de responsabilidade do concedente do crédito principal e serviços discriminados no orçamento geral do custeio".

A CIRCULAR

O Banco comunica que na concessão de financiamentos de custeio agrícola deverão observar-se os procedimentos diante fixados, sem prejuízo da aplicação das normas que regulam o "Manual do Crédito Rural", de conformidade com as diretrizes da Resolução nº 489, de 16.8.78.

O exame das propostas se fará mediante elaboração de orçamento geral, que consignará todas as despesas programadas para formação da lavoura periódica ou para entre-safra de lavoura permanente, estipulando discriminadamente o cronograma de utilização dos recursos bancários e dos recursos próprios.

O agricultor poderá, à vista do orçamento geral, beneficiar-se de até dois financiamentos distintos para cada exploração, designando-se o primeiro como crédito principal e o segundo como crédito complementar.

Admite-se que esses créditos sejam deferidos concomitantemente ou em épocas diversas, por uma só ou por duas instituições financeiras.

CRÉDITO PRINCIPAL

Na concessão de crédito principal prevalecem os limites de adiantamentos estipulados pela Circular nº 366, de 27.02.78, e pela Carta-Circular nº 263, de 11.04.78.

O penhor das safras se for exigido, terá de constituir-se proporcionalmente aos limites de adiantamento, de acordo com o seguinte esquema:

Limite de adiantamento	Limite de garantia	Margem residual de garantia
%	%	%
60	100	—
58	96	—
56	93	7
54	90	10
48	80	20

Nos casos excepcionais de limites de adiantamento superiores a 60 por cento, admissíveis em algumas lavouras, nas regiões Norte e Nordeste, de conformidade com a Carta-Circular, de 23.10.75, o financiador poderá tomar em penhor a totalidade da produção esperada, sem a liberação, portanto, da margem residual de garantia.

Serão exigíveis as taxas de 13 por cento A.A. ou 15 por cento A.A., nos termos do inciso V da Resolução nº 416, de 26.01.77, com a isenção prevista na Resolução nº 419, de 16.02.77, quando se

tratar de fertilizantes químicos ou minerais.

No contexto do título, após a descrição da garantia, deverá ser consignado o valor bruto da produção estimada e o percentual de adiantamento utilizado para cálculo do montante financiável.

CRÉDITO COMPLEMENTAR

O crédito complementar será deferido com base na garantia residual e a soma de seu valor com o valor do crédito principal não poderá em nenhuma hipótese, exceder a 60 por cento da produção estimada, nem o valor do orçamento geral do custeio.

A taxa de juros será estabelecida de acordo com as praticadas no mercado financeiro, formalizando-se a operação mediante a utilização dos instrumentos admitidos para o crédito rural e estabelecendo-se que o vencimento do título deverá ser o mesmo do crédito principal.

Os recursos do crédito deverão ser utilizados pelo beneficiário no atendimento de gastos previstos no orçamento geral do custeio vinculado ao crédito principal, obedecendo ao cronograma fixado para a aplicação dos recursos próprios.

Se ambos os créditos (o principal e o complementar) forem deferidos pela mesma instituição financeira, facultar-se-á a formalização em conjunto ou isoladamente, observando-se, porém, que:

As utilizações de cada modalidade de crédito serão escrituradas em "conta vinculada" autônoma;

Se os financiamentos forem ajustados em separado, em cada título se anotará a existência de outro fazendo-se referência ao seu número, valor, data e vencimento;

O penhor poderá compreender a totalidade da produção esperada, sem necessidade de se aplicarem a cada espécie de crédito os percentuais de limites de garantias estipulados na tabela.

Na eventualidade de o crédito principal e o crédito complementar serem concedidos por instituições financeiras diferentes, cumprirá adotar as seguintes normas:

Ao solicitar o crédito complementar, o cliente deverá fornecer à agência bancária cópias autenticadas do título e do orçamento relativo ao crédito principal;

À data da assinatura do título

referente ao crédito complementar, o financiador deverá dar ciência de seu deferimento ao outorgante do crédito principal;

O título alusivo ao crédito complementar fará menção, em anotação própria, à existência do crédito principal, citando o financiador, data, valor e vencimento.

Ainda que o crédito complementar se destine à compra de fertilizantes químicos ou minerais incidirão juros à taxa de mercado, sem abono dos subsídios pela Resolução nº 419, de 16.02.77.

PROAGRO — PROCEDIMENTOS ESPECIAIS

A cobertura do PROAGRO ao crédito complementar só é admissível quando houver ocorrido adesão no instrumento referente ao crédito principal.

A adesão deverá ser formalizada expressamente no título alusivo a cada crédito, com inclusão da cláusula específica, ficando seu acolhimento dependente de que o orçamento geral do custeio se caracterize como custeio integral e estejam atendidos todas as demais normas em vigor.

Em caso de frustração, tendo ocorrido o enquadramento de ambas as operações, a comunicação de perdas deverá ser encaminhada à instituição financeira concedente do crédito principal, a qual incumbirá:

Requisitar ao outorgante do crédito complementar os informes necessários ao preenchimento dos campos de impresso "comunicação de ocorrência de perdas";

Preencher o impresso citado na alínea anterior, consolidando a posição referente às duas operações, e remetê-lo ao órgão encarregado de execução da perícia.

Após a execução da perícia, o órgão técnico enviará o laudo ao outorgante do crédito principal, remetendo cópia, à mesma data, ao banco que houver deferido o crédito complementar.

De posse do laudo, cada instituição financeira adotará separadamente, no seu âmbito, as demais

providências regulamentares devidas, encaminhando depois ao Banco Central o pedido de cobertura atinente ao seu crédito.

Quando a frustração for apenas parcial, as receitas serão recolhidas para a amortização do crédito principal e do crédito complementar, na proporção do percentual do penhor da safra que lhe houver sido reservado, de acordo com a tabela.

O exame dos pedidos de cobertura pelo Banco Central far-se-á após o recebimento dos processos alusivos a ambos os créditos (principal e complementar).

Não se tendo deferido crédito complementar, toda a receita obtida deverá ser recolhida à conta vinculada do crédito principal.

O inadimplemento anterior de obrigação relativo a qualquer crédito rescindir o direito de cobertura do PROAGRO.

DISPOSIÇÕES GERAIS

A fiscalização de ambos os créditos (principal e complementar) será de responsabilidade do concorrente do crédito principal, a quem cumprirá averiguar a realização de todos os gastos e serviços discriminados no orçamento geral de custeio, informando ao outorgante do crédito complementar a ocorrência de qualquer irregularidade.

A assistência técnica, quando devida, será prestada pelo concedente do crédito principal, não podendo o outorgante do crédito complementar do mutuário qualquer remuneração para a finalidade.

O saldo devedor registrado na "conta vinculada" do crédito complementar, após o lançamento da cobertura do PROAGRO, poderá ser prorrogado, de acordo com a capacidade de pagamento do mutuário, a taxas do mercado, mas não fará jus a refinamento do Banco Central.

Os créditos complementares não podem ser amparados por recursos originários das exigibilidades da Resolução nº 69, de 22.9.67, e da Resolução nº 26, de 19.7.73, nem por faixas de refinanciamento e/ou repasses do Banco Central.

TABELA "1" PRODUTIVIDADE/ha

	FINANCIAMENTOS:			
	60%	50%	54%	48%
30	2.700,00	2.610,00	2.430,00	2.160,00
29	2.610,00	2.523,00	2.349,00	2.088,00
28	2.520,00	2.436,00	2.268,00	2.016,00
27	2.430,00	2.349,00	2.187,00	1.944,00
26	2.340,00	2.263,00	2.106,00	1.872,00
25	2.250,00	2.175,00	2.025,00	1.800,00
15	1.350,00	1.305,00	1.215,00	1.080,00

TABELA "2"

até 200 MVR	— Cr\$ 230.140,00 (FAIXA DE 60%)
DE 201 a 500 MVR	— Cr\$ 575.350,00 (FAIXA DE 58%)
DE 501 a 1000 MVR	— Cr\$ 1.150.700,00 (FAIXA DE 54%)
ACIMA DE 1000 MVR	— (FAIXA DE 48%)

A operacionalidade dos financiamentos é um tanto complexa, tornando quase inexistente a elaboração de tabelas de fácil assimilação por todos os interessados. Cada caso necessitará de estudo individual, pois os financiamentos estão sujeitos à média da produtividade obtida pelo agricultor nos últimos três anos, o que é variável de um produtor para outro, e ainda da área a ser cultivada. No tocante a produtividade, para lavouras não adubadas, calcula-se, para efeito de financiamento, uma produtividade fixa de 900 quilos por hectare. Para lavouras adubadas, parte-se de uma produtividade média de 1500 quilos por hectare, podendo chegar aos 1800 quilos, dependendo da média obtida, em cada caso, nos últimos três anos ou, como no último ano tivemos uma frustração, o banco permitirá que se calcule esta média com base nas safras de 1976 e 1977.

Do volume da área cultivada dependerá o enquadramento numa das faixas acima, de 60%, 58%, 54% ou 48%;

Para financiamentos de até um valor máximo individual de Cr\$ 230.140,00, o que corres-

ponderá a uma área entre 85 e 102 hectares, dependendo da média da produtividade alcançada por cada agricultor, a faixa será a de 60%; para valor superior a Cr\$ 230.140,00 e inferior a Cr\$. 575.350,00, correspondente a uma área entre 103 e 265 hectares a faixa será de 58%; e assim sucessivamente, de acordo com a tabela "2" supra.

Aqueles que, face a área cultivada, se enquadrarem nas faixas de financiamento entre 48% e 58%, poderão obter o financiamento suplementar, até atingir o teto de 60%, em qualquer agência bancária, porém a juros de mercado para crédito pessoal.

Tanto para os financiados pelo repasse da COTRIJUI quanto aos financiados diretamente pelo BANCO DO BRASIL S/A, portadores do cartão de aptidão e que estejam situados entre as faixas de 48% e 58%, a cooperativa se encarregará de gestionar na obtenção, também do financiamento complementar, até atingir o teto de 60%. Os interessados poderão se dirigir aos departamentos técnico e ou de crédito na unidade em que estiverem jurisdicionados.

SOJICULTOR: NA HORA DE COMPRAR SEMENTES, COMPRE TAMBÉM O HERBICIDA CERTO.



Se V. vai comprar uma boa semente, V. deve comprar um bom herbicida. Compre BASAGRAN, o herbicida que protege sua soja porque é altamente seletivo. Ele mata as invasoras de folha larga e ainda protege seu solo, pois não deixa resíduos tóxicos.

Não adianta querer ganhar tempo aplicando tudo de uma só vez. Você pode perder tudo mais tarde. Compre BASAGRAN, o herbicida pós-emergente para folha larga — o único que se pode aplicar independentemente do tipo de solo.

Basagran

O herbicida que respeita a soja e a terra.



Tecnologia BASF Impulso na produção agrícola

BASF

PROGRAMA DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM BOVINOS

A seleção dos reprodutores para o uso em Inseminação Artificial baseia-se principalmente no pedigree e no teste de progênie, fazendo com que ao se praticar este método de reprodução, o criador esteja seguro de ter usado um animal de boa linhagem, altamente testado e que transferirá ao produtor as qualidades melhoradas que se buscou.

Comercialmente, existe à disposição dos criadores, dois tipos de sêmen: aquele proveniente de animais sem testes, usado por ser produtor de grandes linhagens e possuir brilhante conformação e o sêmen de animais realmente testados (geralmente importados).

Os testes a que são submetidos os touros usados em inseminação artificial estão baseados principalmente na prova de progênie, que consiste na coleta do semen de touros jovens e o uso em determinado rebanho com posterior análise dos produtos nascidos.

Os rebanhos são constituídos por um número variável de animais partindo desde alguma dezena até centena de matrizes associadas ao programa, sendo que hoje possuímos touros com até 20 mil filhos testados.

Esta averiguação consiste, no caso especial da pecuária leiteira, em se controlar a produção de leite dos animais descendentes do touro em teste; registrando a sua lactação e comparando-a com a produção dos companheiros de rebanho. Portanto, através deste detalhe, podemos notar a segurança que nos fornece a inseminação artificial, pois um touro só passa a ser usado comercialmente quando seus filhos são adultos e já estão mostrando sua capacidade de produção. A conformação ou exterior dos produtores destes touros também são avaliados por especialistas, analisando principalmente a qualidade da conformação do úbere, disposição do teto, aprumos, etc... observando-se a transmissibili-

dade do touro e se o mesmo corrige ou não defeitos relacionados com o aspecto externo.

Outra observação feita durante este teste é o aparecimento de tremeiros anormais e sendo isto um fator hereditário, os touros portadores deste defeito são sumariamente eliminados do programa, fazendo com que a inseminação artificial funcione como defesa do criador, em relação dos problemas de patologia.

Após aprovado nestes testes, o touro começa a ser usado no programa de inseminação artificial e o seu sêmen passa a ser vendido. Ainda assim, periodicamente, estes animais aprovados são submetidos a novos exames, principalmente em relação a qualidade e sanidade do seu sêmen, para que o mesmo possa ser usado liberalmente. Portanto, o criador pode tranquilizar-se ao usar a inseminação artificial, por ser um serviço seguro e de qualidade e que realmente se apresenta como a grande arma para o rápido melhoramento do nosso rebanho.

Procurando dar melhores condições de escolha do sêmen a ser usado em nossos rebanhos apresentamos neste número do COTRIJORNAL, mais dois touros disponíveis no serviço de Inseminação Artificial da COTRIJUI.

Elbank Dom Pedro Emperor é um touro holandês preto e branco, cujo pedigree, combina os dois mais famosos touros canadenses: Rosafé Citation R. e Spring Form Reflection.

A média de reprodução das três vacas com ascendências mais próximas é de 8.413 Kgs de leite e 332 Kgs de gordura.

É um excelente reprodutor canadense garantido em tipo, e com produção elevada de leite e gordura.

Está no serviço de



Inseminação Artificial da H005 e a Cr\$ 70,00 a 1a. aplicação. COTRIJUI sob o código

Clenafon Lindley R. Um espetacular filho do célebre Rosafé Citation R. Exclasse Extra - All Canadian e A11 American 1960. Sua mãe AIP View Achilles Linda é classificada excelente e produziu aos 6 anos 10.582 Kgs de leite e 414 Kgs de gordura.

O melhor em sangue canadense em tipo e alta produção leiteira. É vendido sob o código H.004 ao preço de Cr\$ 75,00 a 1a. aplicação.



II FENATRIGO

Conforme já noticiamos, um expressivo número de empresas de Cruz Alta, do Estado e de fora do Rio Grande do Sul, estarão participando, no período de 14 a 19 de outubro, da II Festa Nacional do Trigo, empreendimento que congregará os empresários do setor agrícola e ainda entidades e instituições vinculadas ao setor agropecuário, pelo espaço de 15 dias.

Cerca de 120 das stands da Feira já estão vendidos ou reservados.

Dentre os expositores, destacamos como principais os

revendedores ou fabricantes de máquinas e implementos agrícolas, adubos e outros produtos vinculados ao setor agrícola.

Afora estas, muitas outras empresas do comércio e indústria do R. G. do Sul estarão expondo na FENATRIGO, o que desde já segundo seus organizadores, garante o sucesso do empreendimento.

Quaisquer informações sobre a FENATRIGO podem ser solicitadas ao Escritório Central, em Cruz Alta, à rua General Câmara, 1050, ou pelo telefone 322.24.09.

Cuide bem do seu Trator e Caminhão.

LUBRAX | MD-300 MD-400

Qualidade e Segurança
PETROBRAS

PRÁTICAS CONSERVACIONISTAS

Alberto Parenti Filho

A finalidade da conservação do solo não é proteger os recursos naturais como fim, mas sim assegurar a melhor utilização deles, de modo a serem usados sem desperdício. O solo, como um dos recursos naturais, deverá ser usado racionalmente a fim de garantir uma agro-pecuária própria e permanente.

Todo programa de conservação de solo deve ser baseado no uso de cada terra de acordo com a capacidade e em um tratamento conforme suas necessidades. A capacidade de uso indica o grau de intensidade de cultivo que se pode aplicar em uma área sem que o solo sofra diminuição de sua produtividade por efeito da erosão.

Sendo diversas as causas do desgaste e empobrecimento do solo, para conservá-lo, restaurá-lo e melhorá-lo precisamos adotar um conjunto de medidas denominadas práticas conservacionistas.

Embora as literaturas adotem a classificação das práticas conservacionistas em edáficas, vegetativas e mecânicas, achamos melhor seguir neste trabalho, a orientação adotada pelo programa de Preservação dos Recursos Naturais Renováveis que é a seguinte:

Práticas de Controle a Erosão, são as destinadas a diminuir especialmente o processo erosivo, isto é, o desgaste e rebaixamento do perfil do solo causado pelo impacto direto das gotas de água e pela enxurrada. Dentre as práticas de controle à erosão mais difundidas estão:

- Plantio em nível para culturas anuais e permanentes;
- Faixa de retenção;
- Terraços em nível e desnível, etc.

Práticas de Restauração e Melhoramento — são as que tem uma atuação indireta, porém imprescindíveis no processo conservacionista, pois levam às terras melhores condições de produtividade. Como exemplo podemos citar as seguintes:

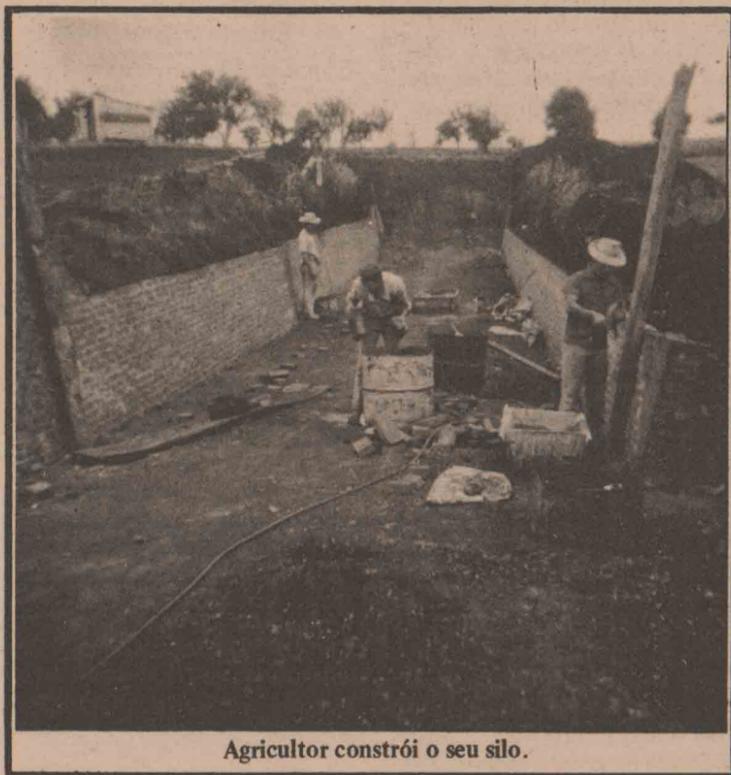
- Uniformização do terreno sulcado pela erosão;
- Sub-solagem;
- Rotação das culturas;
- Adubação verde;
- Calagem, etc.

Práticas Complementares — São as que visam aumentar substancial e economicamente a produtividade das terras que apresentam boas características físicas e químicas mas que oferecem produtividade abaixo de suas reais possibilidades ou, ainda, visam racionalizar ao máximo o uso da terra. Dentre as práticas complementares estão incluídas:

- Adubação química;
- Divisão e manejo dos pastos;
- Irrigação, drenagem e barragem;
- Reflorestamento em terras que não se prestam a outras explorações, etc.

Alberto Parenti Filho
Eng^o agr^o da COTRIJUI — Depto. Técnico

INSCREVA-SE NO PROGRAMA ENSILAGEM DA COTRIJUI



Agricultor constrói o seu silo.

Produzir mais leite e carne por hectare é um objetivo que deve ser alcançado com o menor custo. Para isto, é fundamental dispor ao longo de todo o ano, de uma alimentação uniforme, tendo como base principal as forrageiras. Entretanto, em certos períodos do ano, especialmente no outono, a disponibilidade de forragem (pasto) é menor. Por essa razão, é necessário conservar as forragens que sobram nos períodos de maior produção dos pastos. Entre os diferentes

procedimentos utilizados, para a conservação de forragens, a ensilagem é a de maior interesse, pois permite obter mais princípios alimentares por hectare. E isto é de extrema impor-

tância para o gado leiteiro, principalmente se considerarmos que a silagem, de um modo geral, é palatável e de alta qualidade.

Ciente da importância da ensilagem para o programa de desenvolvimento leiteiro de nossa região, o Departamento Técnico chama a atenção dos associados para o Programa de Ensilagem para o Gado Leiteiro. Isto significa que os associados poderão contar com todo o assessoramento para a construção de um silo, semeadura de lavouras específicas para ensilar (milho, sorgo, pasto italiano, etc) e empréstimo de máquinas ensiladeiras. Assim, nós alertamos os associados interessados em utilizar este serviço, que procurem o Departamento Técnico da cooperativa com a maior brevidade. Na fotografia, a construção de um silo tipo trincheira.

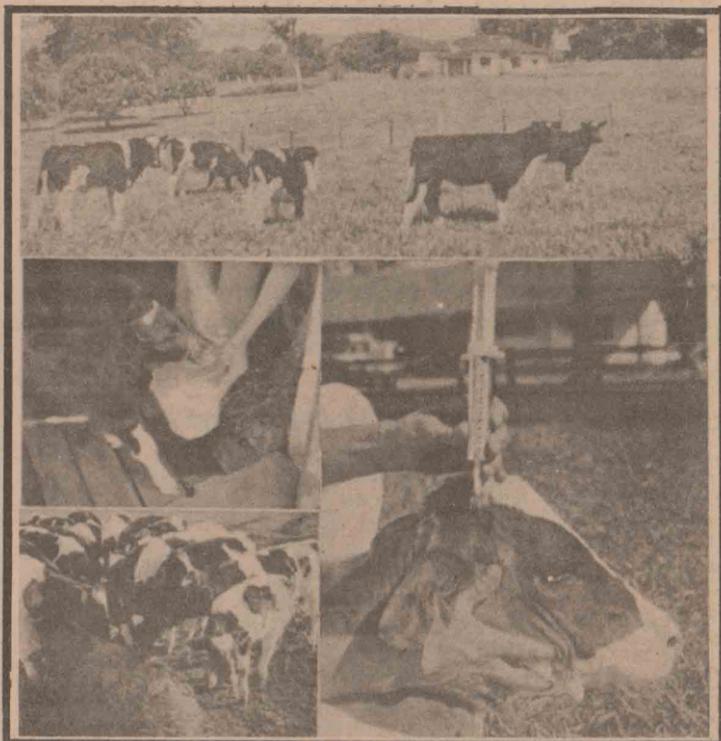
Com Benlate,[®] o que é do homem o bicho não come.



DUPONT AGROQUÍMICOS
MARCA REGISTRADA

Deus confiou-lhe as
árvores, as flores, o ar,
a água, a vida! Seja
digno da confiança Dele.
Não polua, não mate,
proteja! Um apelo do
COTRIJORNAL.

SAÚDE ANIMAL: CLÍNICA PREVENTIVA



(Segundo artigo de uma série)

O médico-veterinário Ronaldo Soares de Oliveira, do Departamento Técnico da COTRIJUI, é estudioso ativo das causas determinantes na insistência de verminoses em nossa pecuária, tanto a pecuária de corte como a de leite. Nos três textos publicados nesta página, o referido especialista dá uma série de informações práticas aos criadores, para que se precavem dos males originados pela verminose em seu gado. Convém que nossos produtores leiam e conservem o texto para novas consultas.

Nos últimos anos, a assistência veterinária aos rebanhos bovinos de propriedade de nossos cooperados que criam gado de leite e corte, baseou-se em prestação de serviços imediatos, sem um alcance maior de objetivos específicos, em consequência da própria estrutura agrícola da região.

As atividades ligadas à exploração da pecuária de leite e corte e suínos, necessitam, de uma infraestrutura adequada e racional para desenvolver tais setores, principalmente garantia de mercado, dando maior segurança ao produtor.

Mas a necessidade da diversificação e adequação na agropecuária, está consolidando essa infraestrutura em nossa região, através dos programas de leite e gado de corte. A clínica sanitária preventiva atua como um dos suportes para esses programas, prevenindo e orientando de maneira adequada e racional o manejo sanitário de nosso rebanho bovino.

O homem é capaz, através de um aprendizado, de alcançar o aumento da produção e da produtividade, pois ocupa o centro da atividade que comanda e maneja os animais, alimentando-os de maneira adequada em conformidade com

solo, clima, etc.

Com as novas perspectivas de exploração da pecuária de leite e de corte, o Departamento Técnico vai programar para os próximos meses, cursos de capacitação de mão-de-obra para produtores de leite e gado de corte, pois a mão-de-obra capacitada em nosso meio é deficiente, o que poderá determinar um estrangulamento na exploração desse importante setor.

Realizar-se-ão cursos de capacitação para produtores que estarão incluídos em programas prioritários e eventuais.

Esses cursos contarão com a participação de 12 a 15 cooperados, a nível de núcleos ou linhas de coleta de leite. As aulas teóricas serão dadas nos próprios núcleos, em escolas ou clubes, sendo que as aulas práticas serão dadas nas propriedades dos próprios cooperados.

O curso para produtores tem por finalidade levar um mínimo de conhecimentos aos que tem sob sua responsabilidade a produção de alimentos básicos como carne e leite.

Sua estrutura visa proporcionar aos produtores um aprendizado de conteúdo profissional, fornecendo conhecimentos imediatos relativos a técnicas de criação.

TRISTEZA BOVINA

Em nosso meio, o termo tristeza bovina é comumente utilizado para designar doenças causadas por protozoários do gênero Babesia e Anaplasma. Ataca o gado em qualquer

idade, mas é comum nos animais jovens.

SINTOMAS E CAUSAS

— Como o nome da doença já diz, os terneiros ficam tristes,

tem febre (temperatura mais de 39,5 graus), choram dos dois olhos e ficam com a gengivas e os olhos brancos ou amarelos. O bezerro não mama direito e aparece com febre pela manhã e à tarde.

Na realidade, são duas as tristezas causadas por micróbios que o carrapato injeta no animal. A Babesiose é a que aparece primeiro e por isso é chamada de primeira tristeza. Essa doença aparece no animal novo, mais ou menos aos vinte dias de idade. A Anaplasmosose ou segunda tristeza aparece no teineiro com mais ou menos um mês e meio de idade. Como a segunda tristeza já encontra o animal meio fraco, é mais grave que a primeira, podendo levar o animal à morte.

TRATAMENTO PREVENTIVO — Tirar da própria vaca parida ou de outra vaca sadia, 05 a 10 centímetros cúbicos de sangue e aplicar debaixo da pele do bezerro, logo após a desinfetação do umbigo.

TRATAMENTO CURATIVO — O tratamento para cada uma das duas tristezas é diferente um do outro, mas, como é difícil diferenciá-las, deve-se fazer os dois tratamentos ao mesmo tempo.

Primeira tristeza — Exemplo:

Ganaseg ou Beronal (só uma vez). Dose: 01 cc. cada 20 quilos de peso vivo. A aplicação e no músculo.

Segunda tristeza — Exemplo: Terramicina (100 mg) Reverin (150 mg). Escolha só um destes remédios. Dose: Aplique um frasco por dia, durante três dias seguidos, Local de aplicação: no músculo. Para as duas tristezas: Revevet — conforme bula.

TRATAMENTO AUXILIAR PARA AS DUAS TRISTEZAS: Dex-fer — Nutri-fer — Ferodex — Dose: 02 cc. duas vezes por semana. Local de aplicação: no músculo ou Ferro Faimex. Dose: 04 cc. duas vezes por semana. Local de aplicação: no músculo.

Quando não é possível saber se é a primeira ou a segunda tristeza, aplicar o Ganaseg e em seguida fazer o tratamento com Reverin ou Terramicina durante 04 dias seguidos, e também não deixar de aplicar o fortificante Dex-Fer.

Mercepton: Aplicar 30 cc. na veia do pescoço e em seguida 20 cc. no músculo. Repetir o tratamento duas vezes por dia até a melhora.

Pregazol: Aplicar 1 frasco endovenoso. Em caso de dúvidas, consulte os médicos veterinários da COTRIJUI.

MAIS LEITE, MAIS CARNE

Nosso objetivo é conscientizar os criadores e interessados em geral, sobre os enormes prejuízos que as verminoses causam, e mostrar alguns caminhos para seu controle, e, desta maneira, aumentarmos a lucratividade de nossa pecuária de leite e corte.

Os vermes infestam aves, peixes, e todos animais domésticos e selvagens. O homem, é claro, está incluído nesta relação.

Todas as verminoses causam distúrbios no organismo, que apenas variam de intensidades conforme a quantidade e qualidade dos vermes.

Os vermes apresentam-se sob três formas distintas:

I — Redondos ou cilíndricos.

Esses são os mais comuns e abundantes. Se localizam no coagulador (estômago), intestino delgado e pulmão dos bovinos.

II — Chatos ou em forma de fita.

Destacam-se pelo tamanho. O melhor exemplo é a tenia também chamada de solitária. Podem medir mais de um metro de comprimento. Localizam-se no intestino delgado. As larvas se localizam nos músculos, constituindo-se em grande perigo para o homem que se alimenta de sua carne. São as conhecidas "Pipoca" ou "canjiquinha".

III — Em forma de folha ou trema.

É a fascícula hepática, conhecida vulgarmente por baratinha do fígado ou saiguapé. Localiza-se no fígado. Estima-se nos frigoríficos de inspeção de carne que de cada 10.000 bovinos tem-se um prejuízo de 700 a um milhão de cruzeiros (Cr\$ 70,00 a 100,00 p/cabeça) devido que o fígado do bovino é condenado e vai para a graxeira.

SINTOMAS DAS VERMINOSES:

As verminoses, ao contrário de maioria das outras doenças de maneira geral, não preocupa tanto os criadores, isto porque se apresentam de forma crônica, sendo assim pouco aparente. Os seus efeitos se manifestam a longo prazo. Resulta no fim que as verminoses matam mais que as outras doenças juntas.

ANEMIA: Sugam o sangue — chupam sangue que vai ficando "ralo" e aparecem papeiras e as conjuntivas dos olhos ficam brancas.

DIARRÉIA: Causam diarreia, deixando o animal magro, com falta de apetite — pêlos arrepiados — barriga grande — crescimento retardado.

DANOS CAUSADOS PELOS VERMES:

- Menor produção de leite.
- Diminuição de peso.
- Facilita a entrada de doenças.
- Morte dos terneiros.

PORQUE E COMO SÃO CAUSADOS ÊSSES DANOS:

- Os vermes vivem as custas do sangue do animal.
- Diminui o aproveitamento dos alimentos.
- Reduz o apetite.
- Quando em grande quantidade, entopem o intestino, pulmões e fígado.
- Produzem veneno dentro do bovino.
- Bebem um litro de sangue por mês de um bovino.

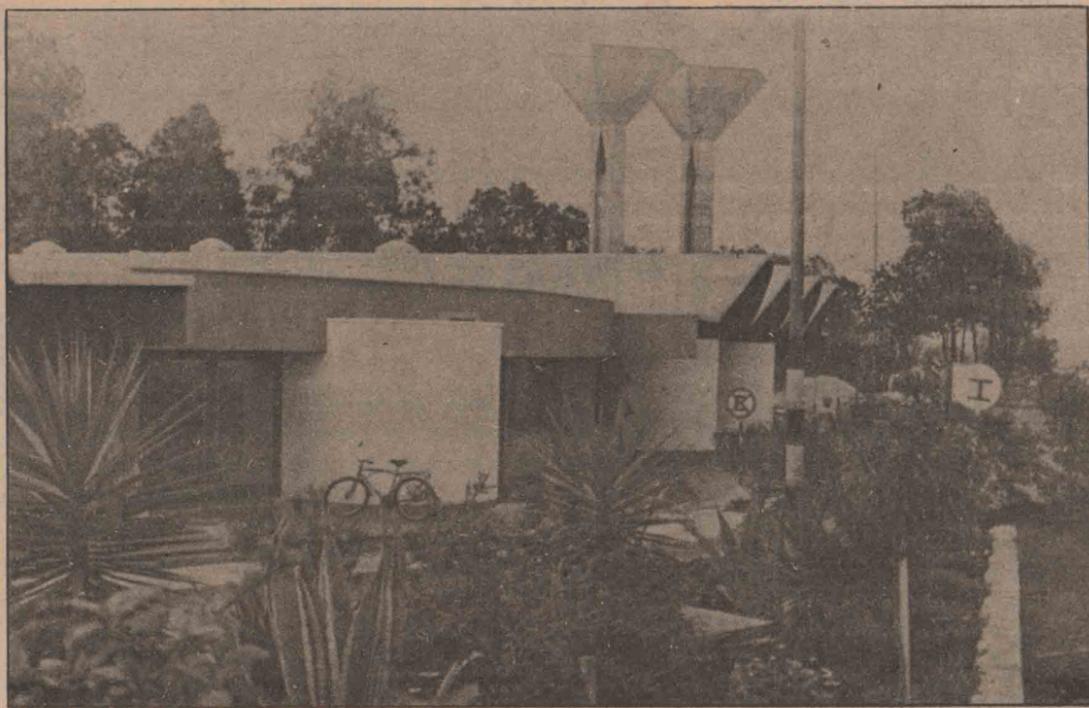
COMBATE ÀS VERMINOSES:

As verminoses são combatidas da seguinte maneira:

Medidas preventivas:

- Doseificação em abril/maio e agosto ou setembro;
- A partir dos 4 meses de idade;
- Rotação de pastagem;
- Controle do número de animais por área de campo e por idade;
- Os bovinos devem ficar presos em um só piquete ou mangueira após a doseificação por um tempo não inferior a 12 horas, com água a vontade.

AMPLIADA SEDE DA COTRIJUI



Inaugurada em dezembro de 1975, a sede administrativa da COTRIJUI e os seus diversos departamentos que funcionam junto a administração central, revelou-se que os espaços, já na época, não comportavam as necessidades do serviço. É que desde o planejamento da obra, em 1969, até sua construção e ocupação no citado ano de 1975, o crescimento da cooperativa ultrapassou todos os prognósticos possíveis e imagináveis. A solução encontrada pela diretoria foi passar planejar a ampliação do prédio. Em face disso, quatro novos módulos foram acrescentados. Aliás, o projeto arquitetônico da COTRIJUI, de autoria do arquiteto Clóvis Igenfritz da Silva, já possui desenho para dimensionamento contínuo, o que torna fácil a ampliação de seus espaços. A execução dos novos módulos a nível de engenharia final, é da responsabilidade do engenheiro Samuel Friedmann, do quadro técnico da cooperativa. Na foto uma vista parcial dos fundos, mostrando um ângulo dos novos módulos.

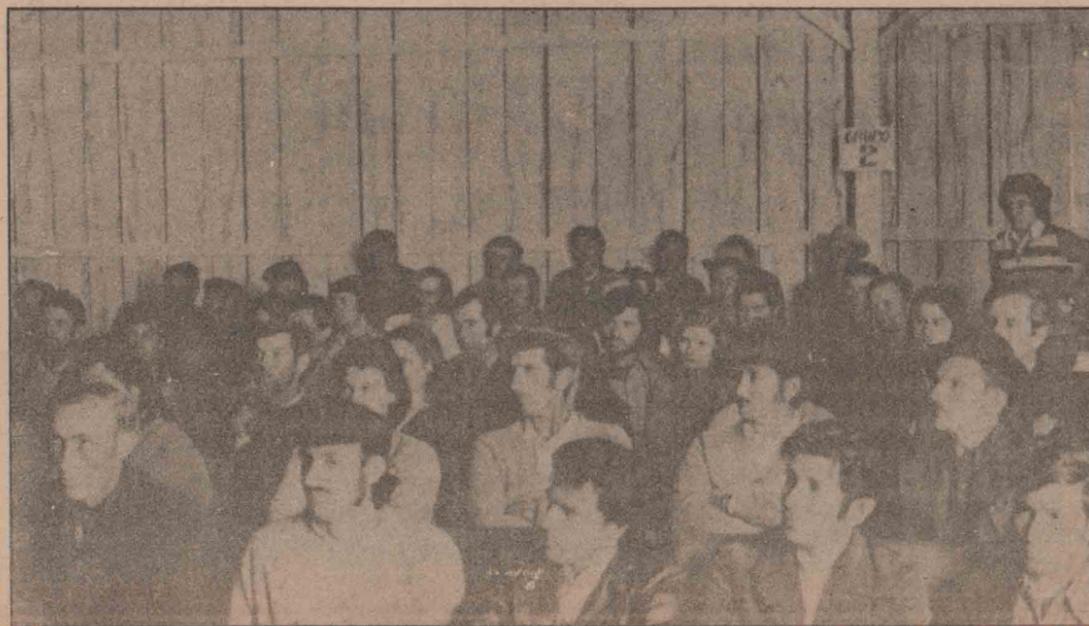
1º SEMINÁRIO DE ASSOCIADOS DA COTRIJUI EM AJURICABA

Com a participação de 82 representantes de núcleos, realizou-se no sábado, dia dois de setembro, o 1º Seminário de Associados da COTRIJUI em Ajuricaba. Essa atividade também contou com a participação da equipe do setor de comunicação e educação, de elementos do Convênio COTRIJUI/FIDENE e do diretor presidente da COTRIJUI, dr. Ruben I. da Silva.

Durante aproximadamente três horas, os cooperados discutiram com a administra-

ção, assuntos relacionados à capitalização, diversificação, estrutura do poder e expansão da COTRIJUI. Após, com a divisão em seis grupos, esses temas foram aprofundados a fim de que os caminhos a seguir fossem novamente apresentados em plenário. Dos quatro temas discutidos, somente na capitalização houve diversidade de opiniões, tendo os associados participantes sugerido que o assunto volte à ser discutido em encontro futuro, quando a cooperativa deverá apresentar uma

proposta já concreta sobre os percentuais de desconto. Sobre a estrutura do poder, os associados sugeriram a realização de mini-assembléias nos núcleos para escolha de representantes à Assembléia Geral Ordinária. A expansão continuará sendo aceita, sempre com prioridade para a Região Pioneira. Por fim, todos aprovaram a iniciativa de diversificação da cooperativa, sugerindo especial atenção para a futura comercialização dos produtos. Leia entrevista às páginas 4,5,6,7,8 e 9.



O QUE ENTENDEMOS POR SAÚDE MENTAL

Creio que todos nós já tivemos contato, de uma ou outra maneira, com pessoas que sofrem de doença mental.

São aquelas pessoas que de repente, na rua, ou qualquer local, agredem outras pessoas. Ou então "ouvem" vozes mandando-as fazer isto ou aquilo.

Ainda é possível, que cada um de nós tenha passado por situações que ameace ou dificulte nosso ajustamento ao ambiente em que vivemos.

Quem de nós não sabe o que é estar doente do ponto-de-vista mental ou emocional?

O que entendemos por saúde mental?

A Associação Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos preocupou-se em definir a pessoa que tem boa saúde Mental. Logicamente esta é uma situação em que ninguém atinge. Cada um tem seus problemas, seus desgostos, seus momentos de angústia e até mesmo as suas maluquices.

Transcrevemos aqui algumas características que a Associação Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos atribui a uma pessoa de boa Saúde Mental.

— Ter uma atitude tolerante consigo mesmo e com os outros; poder rir de si mesmo.

— Não se desprezar nem se superestimar. Aceitar suas deficiências, mantendo o auto respeito.

— Ter satisfação com os prazeres de cada dia.

— Amar e estimar outras pessoas e considerar que elas também têm interesses que devem ser respeitados.

— Reconhecer que cada pessoa é diferente da outra e respeitar esta diferença, não querendo mudá-la à força.

— Sentir-se responsável perante outras pessoas — familiares, amigos e até desconhecidos — aprofundando-os quando necessário.

— Enfrentar os problemas quando estes surgem.

— Fazer planos realistas e não ter medo do futuro.

— Aceitar novas experiências e novas idéias.

— Colocar o melhor de seus espaços em cada coisa que faz, o que dá satisfação e proporciona resultados.

— Mudar o mundo quando possível. Ajustar-se a ele quando necessário.

O que notamos em nossos dias é as pessoas julgando-se doentes, mas fisicamente são sadias. Estes são os chamados doentes mentais.

As características de uma pessoa com saúde mental, citadas, é a situação ideal.

É extremamente difícil sermos perfeitos, mas creio que começando a nos relacionar melhor com as pessoas será um primeiro passo para não nos sentirmos isolados e desamados. Comece hoje mesmo. Fale com as pessoas, sorria para elas, seja cordial, amigo e prestativo. Interesse-se sinceramente pelos outros, porém nunca esquecendo que somos seres humanos e necessitamos muito um do outro.

Noemi Huth

ADIANTADAS OBRAS DO ENTREPOSTO COTRIJUI

Encontram-se em fase adiantada as obras de recuperação e adaptação do armazém 1 da cooperativa, proximidades da antiga sede administrativa em Ijuí. A obra destina-se ao depósito e centro de comercialização de produtos horti-

frutigranjeiros. Nessa área, de 2.200 metros quadrados, há plenas condições de uma boa conservação dos produtos e excelente atendimento do público. Na foto, uma vista parcial das obras.

